

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
TERÇA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO DE 1970

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 167 ANO 50. PREÇO 1\$50

UM BILIONÁRIO
E UM MILIONÁRIO
NO CONCURSO DO

totoBOLQ

(Ler na última página)

O PAÍS COMEMOROU O 5 DE OUTUBRO

Confraternização republicana

El Sadat
—provável
sucessor
de Nasser

Anwar El Sadat foi escolhido pelo partido único egípcio, a União Socialista Árabe, para suceder ao presidente Nasser. Esta escolha terá de ser confirmada pela Assembleia Nacional e por um plebiscito popular no próximo dia 15. (Ler na pág. 18)



A passagem do 60.º aniversário da Proclamação da República foi assinalada em todo o País com diversas cerimónias evocativas, promovidas pelos Centros Escolares Republicanos.

Em Lisboa, a primeira cerimónia — romagem ao túmulo dos fundadores do Movimento no cemitério do Alto de S. João — foi presidida pelo titular da pasta da Marinha, almirante Pereira Crespo, que depôs um ramo de flores no túmulo do vice-almirante Machado Santos, um dos fundadores da República.

Aquele membro do governo foi ali aguardado pelos srs. general Edmundo da Luz Cunha, almirante António Tierno Bagulho e general Norton Brandão, representantes, respectivamente, do Exército, da Marinha e da Força Aérea. Após breve troca de cumprimentos os quatro oficiais-generais dirigiram-se para junto do túmulo do vice-almirante Machado Santos.

Ali encontrava-se formada a guarda de honra constituída

Aspecto de uma das ro-
magens ao cemitério do
Alto de São João

(Continua na 21.ª página)

O ESTADO E A C. P. DECIDEM O FUTURO DOS CAMINHOS-DE-FERRO

O futuro do transporte ferroviário em Portugal (80 % de passageiros e 20 % de mercadorias) dependerá de negociações em curso actualmente entre o Estado e a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (C.P.), segundo anunciou hoje o dr. Mário Murteira, administrador desta empresa, na abertura da reunião do Comité de Estudos Económicos da U. I. C.

Aquele administrador apresentou uma exposição subordinada ao tema «Perspectivas económicas dos caminhos-de-ferro portugueses» na abertura da reunião que se prolongará até sexta-feira próxima.

Começou por formular algumas perguntas essenciais:

— De que forma temos evoluído e qual é a nossa posição presente quanto à integração dos caminhos-de-ferro na economia portuguesa? Quais as possibilidades oferecidas ao transporte ferroviário em Portugal? Quais as condições indispensáveis para que os nossos caminhos-

de-ferro estejam em situação de desempenharem cabalmente o seu papel económico social, a médio e a longo prazo?

Depois de informar que «o transporte de passageiros representa quase 80% do tráfego total da C. P. (e mais de 60% das receitas), proporção anormalmente elevada que traduz a fraca amplitude do transporte ferroviário de mercadorias», o dr. Mário Murteira informou:

— A produtividade da mão-de-obra (unidades de tráfego por milhar de horas de trabalho do pessoal) é da ordem dos 53,6, número que traduz, por um lado, a subutilização da rede ferroviária e, por outro, a necessidade urgente de racionalizar a exploração.

Prosseguindo, o administrador da C. P. disse:

— Há que enfrentar a questão de base: o caminho-de-ferro é útil, ou, pelo contrário, produz um serviço que já não interessa à clientela, pelo menos nas condições em que lhe é actualmente oferecido?

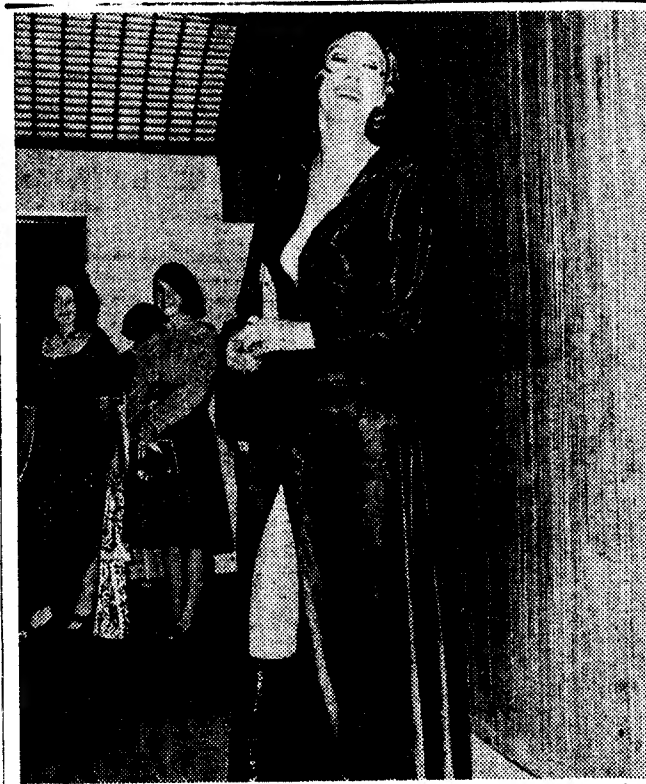
E respondeu:

— O caminho-de-ferro não detém um monopólio, todos o sabemos hoje. Está enquadrado num mercado cada vez

(Continua na 22.ª página)

**ÚLTIMAS
NOTÍCIAS**

(Ler na pág. 2)



A ACTRIZ INGLESA SUE LLOYD, com um ousado maxi-vestido, quando entrava num cinema londrino onde assistiu à «première» de «Darling Lili».

VÃO SER ALTERADAS AS LEIS SOBRE LIBERDADE RELIGIOSA

A Presidência do Conselho enviou à Câmara Corporativa um projecto de proposta da lei sobre «Liberdade Religiosa». No preâmbulo, após referências à Lei de Separação do Estado das Igrejas, de 1911, a diplomas posteriores e à Concordata, diz-se que «não voltou a tentar-se, depois daquela lei, uma reformulação sistemática das normas fundamentais relativas à liberdade religiosa que a variedade dos diplomas que actualmente regulam a matéria torna conveniente. Por outro lado, o próprio regime fixado para a Igreja católica, hoje constitucionalmente reconhecida como religião da Nação Portuguesa, fez avultar as deficiências do tratamento conferido às outras confissões». E acrescenta-se:

«Na prática, estas deficiências fazem-se sentir sobretudo no domínio do direito de Associação. As Confissões religiosas não católicas têm vivido uma situação de mero facto, com prejuízo para elas e para o próprio Estado».

Na Base I do projecto de proposta de lei, o Estado reconhece e garante a li-

berdade religiosa de nacionais e estrangeiros em todo o território nacional».

A liberdade religiosa, segundo o projecto do novo diploma, compreende: O direito de professar ou não uma religião; o direito de não responder a perguntas acerca da religião que professa ou sobre se se professa alguma, a não ser, com carácter confidencial, em inquérito estatístico ordenado por lei; o direito de exprimir convicções pessoais em matéria religiosa; o direito de praticar os actos de culto próprios de qualquer confissão religiosa e de divulgar a respectiva doutrina; o direito à assistência religiosa por ministros da religião professada; o direito a receber sepultura de harmonia com os ritos da confissão que se professa, segundo as disposições tomadas pelo próprio ou pelos seus familiares; o direito de os pais, ou quem suas vezes fizer, decidirem sobre a educação religiosa dos filhos menores de 16 anos; o direito de instalar templos ou outros locais destinados à prática do culto; o direito de reunião para a prática comunitária do culto ou para ou-

tros fins específicos das confissões religiosas; o direito de organização das confissões religiosas e de constituição de associações para assegurar o exercício do culto; e a não discriminação por motivo de convicções religiosas, não podendo ninguém, por causa delas, ser perseguido, privado de um direito ou isento de qualquer obrigação ou dever cívico.

Não pode ser imposta a assistência a actos religiosos

Entre as restrições referidas no projecto figuram as seguintes:

Os direitos de expressão, de prática, de educação e de ensino, de reunião e associação em matéria religiosa não são reconhecidos às confissões cuja doutrina ou os actos de culto sejam incompatíveis com a vida e a integridade da pessoa humana, os bons costumes, os direitos e interesses da soberania portuguesa ou os princípios fundamentais da ordem constitucional. Não são consideradas religiosas as actividades que consistam na produção, no estudo ou na divulgação ou interpretação dos fenómenos metapsíquicos ou parapsíquicos.

Por outro lado, acentua-se no projecto do diploma: o Estado não tem religião própria, as suas relações com as organizações correspondentes às diversas confissões religiosas assentam no regime de separação; os maiores de 16 anos têm direito a escolher a sua religião e a inscrever-se livremente nos cursos de religião moral; o ensino da religião e moral nas escolas públicas só será ministrado aos menores de 16 anos cujos pais ou quem suas vezes fizer expressamente o desejarem; a inscrição em estabelecimento de ensino mantidos por organismos ou asso-

ciações com carácter religioso implica a presunção da aceitação do ensino da religião e moral dessa confissão, salvo declaração pública em contrário dos respectivos dirigentes.

A assistência a actos de culto religioso, incluindo os celebrados em unidades militares ou em estabelecimentos públicos, é livre, não podendo ser imposta a militares ou civis. Poderão, todavia, os actos de culto religioso estar previstos em internatos educativos ou de formação, com carácter obrigatório para menores de 16 anos cujos pais ou encarregados de educação não houverem pedido isenção.

Na parte final do projecto de diploma, prevê-se que o ministro do Interior possa determinar que cessem as actividades da confissão cuja organização actue por forma ilícita ou se dedique a actividades estranhas aos fins próprios das confissões religiosas.

É reconhecido o direito de sigilo aos ministros de qualquer confissão religiosa.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS DEMITIU-SE CANDIA PRESIDENTE DA BOLÍVIA

LA PAZ, 6 — (R. e F.P.)

— O presidente Alfredo Ovando Candia, da Bolívia, demitiu-se hoje, em consequência de uma revolta militar. Fontes bem informadas disseram que o comando do exército general Miranda chefiará uma junta militar que substitui o presidente.

O general Candia, numa mensagem aqui distribuída disse que se afastava para evitar o derramamento de sangue.

A demissão do presidente foi oficialmente anunciada pelo ministro da Informação Carlos Carrasco.

Citando uma declaração do ministro da Informação Carlos Carrasco, a rádio disse que todos os 16 membros do gabinete militar do presidente Candia apresentaram igualmente a sua demissão.

OS CONTENDORES ESCOLHEM CADA UM SEU PRESIDENTE

O general Rogelio Miranda, comandante do exército boliviano, assumiu a presi-

dência de uma junta militar. O general Miranda é o chefe dos militares rebeldes bolivianos que no domingo à noite pediram a demissão do presidente Alfredo Ovando.

O general Juan José Torrez foi, por outro lado, nomeado presidente de um governo revolucionário contra o general Rogelio Miranda, que assumiu a presidência da junta militar. O general Torrez assumiu o comando das tropas fiéis ao presidente demissionário, Alfredo Ovando. Foram estas tropas que, há pouco mais de um ano, o proclamaram presidente de um governo revolucionário.

Dr. Luciano Barata

Mantém-se estacionário o estado de saúde do sr. Dr. Luciano Barata, figura de relevo como jurista e democrata, que permanece na sua casa Casal de Santo António (Sintra).

Administração
de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

A Taluda do Outono
61459 - 9.000 CONTOS

Foi vendida pelo

CAMPIÃO

Na próxima 6.ª-Feira

6.000 CONTOS POR 400\$00
600 CONTOS POR 40\$00

JOQUE NO

CAMPIÃO

A MAIS ANTIGA CASA DE LOTARIAS DO MUNDO

30 AGENTES DA KELVINATOR EM MADRID

Trinta agentes da Kelvinator partiram ontem para Madrid num avião da TWA e a convite da Sequel — Sociedade de Equipamentos Eléctricos, S.A.R.L., representante em Portugal daquela marca. Durante a sua permanência em Espanha terão oportunidade de visitar as instalações das fábricas Kelvinator, em Getafe, e as linhas de montagem de frigoríficos, máquinas de lavar roupa e louça e da vasta gama de material de refrigeração daquela empresa. O regresso a Lisboa está previsto para o próximo sábado.

ATIROU-SE AO TEJO E DESAPARECEU

Em frente do edifício da Capitania do Porto de Lisboa, um homem despojou-se de parte do vestuário e atirou-se ao Tejo, em cujas águas desapareceu para não mais ser visto.

Não se sabe ainda a respectiva identidade e a Polícia Marítima, procede a pesquisas para encontrar o corpo.

IWC Ingénieur

Anti-magnético

Antém toda a precisão IWC mesmo em campos magnéticos de 80.000 ampères/metro.

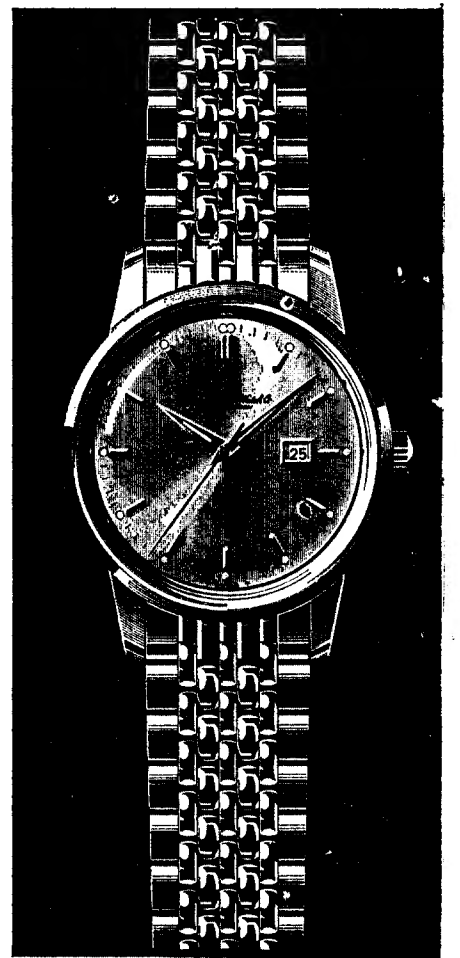
Automático estanque até uma profundidade de 120 metros (12 atm.).

Puxando a coroa, consegue-se parar o ponteiro dos segundos o que facilita o acerto exacto por um sinal horário.

O relógio recomendado para os físicos nucleares, os pilotos, os técnicos e os desportistas.

IWC
International Watch Co.
Schaffhausen/Switzerland

A VENDA NAS MELHORES OURIVESARIAS E RELOJOARIAS DO PAIS



Em ouro de 18 quilates Ref. 866 AD com correa de crocodilo = 12.700\$00. O mesmo modelo em aço Ref. 866 AD com pulseira de aço = 5.120\$00



MARIA DA FÉ

a partir de 6.ª-feira, - no

«LUSO»

com um grande elenco

21.30 — 24.00

espectáculo de folclore

das 0.30 às 3.30

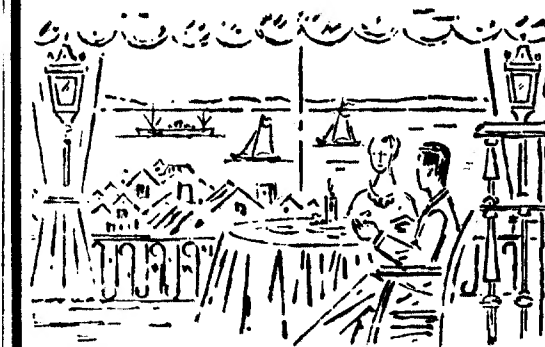
o fado no seu ambiente

Trav. da Queimada, 10

Telefs. 362889-328503

Cozinha portuguesa — internacional

Varanda do Chanceler



SALA RESERVADA

AO

J A N T A R

PARA A AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

«Atlântica»

UM ESTILO NOVO NA GUERRA RACIAL

CHICAGO — A violência racial nas cidades americanas está a entrar numa fase nova e mais dolorosa: uma guerra de guerrilhas entre os jovens negros e a polícia branca, em que ambas as partes se mostram impiedosas.

«O que parece estar a acontecer», declara um observador, «é uma guerra, um conflito e... nenhum dos lados parece disposto a negociar». Os negros sentem-se cada vez mais inclinados a considerar a polícia como um exército de ocupação e estão dispostos a tornar-se mártires na batalha que travam contra ela.

Robert C. Maynard, um repórter negro do «Washington Post», viajou este Verão através da América a fim de tomar pessoalmente contacto com o estado de espírito dos revolucionários negros. As conclusões a que chegou não deixam antever para breve uma trégua na nova guerra racial da América.

Mais um verão se passou sem que a América fosse de novo teatro de incêndios em grande escala dos ghettos, à semelhança do que acontecera em anos anteriores. Todavia, os meses de Estio deste ano serviram para demonstrar que a tensão racial que há muito aflige as cidades do país está a assumir um aspecto novo e mais violento: guerra de guerrilhas entre jovens negros e a polícia.

Ao contrário do que aconteceu durante os tumultos generalizados dos

Num dos bairros pobres mais turbulentos de Houston, o «leader» de um grupo organizado à maneira dos «panteras negras» ia atravessar uma rua vigiada por cinco polícias brancos, entriçoados no telhado de uma igreja, os quais estavam encarregados de descobrir possíveis atiradores. Os agentes dispararam dois tiros e o negro caiu mortalmente atingido, enquanto que o seu companheiro ficou ferido.

«O que parece estar a acontecer é

que o sistema resultasse e afinal ele não resultou nem para nós nem para os nossos filhos», afirma ainda Holland. «Por isso, eles estão agora a fazer as coisas à sua maneira.»

O «sistema» do racismo como uma instituição continua, na opinião de muitos jovens negros, a negar-lhes as coisas a que aspiram: educação, empregos, casa, justiça imparcial, uma identidade negra. Por isso opuseram-se às tentativas dos pais no sentido de operar uma alteração a partir de dentro.

A polícia está preparada. Depois de um agente ter sido morto em Filadélfia, tendo a sua morte sido atribuída a «revolucionários negros», o comissário Frank Rizzo desafiou os negros nestes termos:

«Se tiverem um pouco de coragem virão ter comigo para combinarmos um ajuste de contas. Até lhes daremos alguma vantagem. Enviaremos menos homens do que aqueles com que eles podem contar e com menos armas.»

Os negros estão preparados. Após a morte do «leader» negro em Houston, venderam-se cartazes com a sua fotografia. Um dos jovens declarou, no seu «centro de informações», que «cada dia que passa mais pessoas aderem à nossa causa e eles não podem impedir-nos de conseguir isso, apesar de todos os seus esforços».

Das visitas efectuadas a diversas

(Continua na 12.ª página)

Por ROBERT C. MAYNARD

(Exclusivo «The Washington Post» — «D. L.»)

anos 60, os motins ocorrem actualmente em zonas limitadas, tais como, por exemplo, perto de uma esquadra de polícia ou do escritório de uma organização negra. Os resultados são agora, porém, muito mais trágicos, pois existe presentemente um ódio recíproco e ambas as partes estão mais do que nunca dispostas a servir-se de armas de fogo.

Em Chicago, dois polícias brancos cuja missão era estabelecer relações amistosas com jovens pretos, atravessavam um campo de «baseball», quando se ouviram dois tiros de carabina. Os polícias caíram por terra, mortalmente feridos, e quando os seus camaradas chegaram para os socorrer foram igualmente recebidos a tiro.

uma guerra, um conflito entre a polícia branca e os membros da comunidade negra», declarou o dr. John P. Spiegel, do Centro Lember para o estudo da violência. «Nenhuma das partes parece estar disposta a negociar».

«Estes jovens têm de seguir o seu caminho, pois a minha geração tentou e nós fracassámos», afirma Timothy Holland, um sociólogo negro de Nova Bedford, Massachusetts. A sua filha, de 15 anos de idade, foi ferida quando, no decurso de uma desordem nessa cidade, foi disparado um tiro do interior de um carro ocupado por brancos, tendo morrido um jovem negro. (Quatro jovens brancos foram acusados de assassinio).

«Dissémos que podíamos fazer com



Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Limpeza e Restauro
de Carpetes

Consulte os serviços especializados da FABRICA DE TAPETES CARIAS SUIA. Pedidos aos escritórios: Rua Conde Redondo, 64, 2.º. Dir. — Telex 59288. Orçamentos grátis

MARIA AMÉLIA (Visagista)

e sua colaboradora
NATALIA

ISABEL (Cabeleireira)

BÊLINDA e FÁTIMA

MARIA JOSÉ (Manicure)

Ex-colaboradora da casa
NOGUEIRA

ODETTE (Loura)

Ex-colaboradora da casa
BRUNA

participam que estão ao seu dispor no Novo Instituto

Rua Dr. António Cândido, 2-1.º
LISBOA
a S. Sebastião da Pedreira

Novo produto para
DEIXAR de fumar

Recomendadas por doutores médicos portugueses, as drageias «FUMANO» eliminam eficazmente a necessidade de fumar e são inofensivas. Preço a pronto 375\$00, ou em 2 mensalidades de 200\$00 cada. Pedir o produto e brochura ou folhetos elucidativos grátis aos únicos distribuidores: Zénig Departamento Distribuidor.

Estabelecimento: Rua de S. Dinis, 594 — Porto — Telef. 67272.



O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, na gare do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

NOTA

OS DEDOS E ANÉIS

OS OITO MIL PORTUGUESES que o ministro dos Negócios Estrangeiros referiu estarem actualmente fixados no Luxemburgo são uma amostra do problema. No pequeno grão-ducado, com uma população de trezentos e tal mil habitantes, a participação dos nossos emigrantes é, desse modo, qualquer coisa como 2,5 por cento, o que manifestamente é um peso. Sem se dispor, no momento de escrever, de informação específica, estabelece-se a suposição de que na sua maior parte os nossos oito mil são trabalhadores agrícolas, alguns na esperança de poderem transitar para o sector industrial onde o pequeno país, pela concentração dos meios, faz figura de grande potência.

Quando se diz «grande potência», naturalmente isto faz sorrir se é do Luxemburgo que se está a falar. O certo é que só faz sorrir quem não relacione o que é o valor das suas instalações siderúrgicas, cuja capacidade de produção anual vai a perto de setenta milhões de toneladas. Sede da C. E. C. A. (Comunidade Europeia do Carvão e do Aço), parceiro do Mercado Comum com o qual Portugal pediu para encetar negociações com vista a um «modus vivendi» especial, que não seja o da adesão, o pequeno Luxemburgo é, do ponto de vista económico, um país com dimensão bastante para absorver aqueles milhares dos nossos emigrantes.

O mercado europeu do trabalho foi aquele a que primeiro aderimos, aliás sem protocolo. A França, a Bélgica, a própria Suíça, agora a amostra do Luxemburgo, fora o resto, são pontos de atracção e fixação de gente nossa, gente que trabalha e faz dinheiro, que aprende coisas úteis que não sabia, que alcança uma experiência diferente, que se valoriza em relação a si própria. Tudo isto está dito, todos os seus reflexos estão pensados, pesados e medidos, toda a gente sabe falar dos «invisíveis» cuja entrada é hoje um dos canais de segurança da nossa balança de pagamentos. O emigrante manda o seu dinheirito à família, que por cá ficou, ao fim da época vem à terra, traz o seu automóvel, vem botar figura.

Mas por quanto tempo? Não estamos a perguntar por quanto tempo durará esta corrente migratória de saída, que quem nos dera ter condições de estancar, seria bem bom sinal mas não se vê. No que estamos a pensar é no condicionalismo actual da nossa emigração, de que na maior parte dos casos, ao menos por enquanto, vai o homem e fica o resto. Por quanto tempo? Por quanto tempo é que se poderão ter como certas essas raízes que nos prendem? Por quanto tempo é que o nosso emigrante estará a trabalhar lá longe e a juntar os seus tostões para os trazer para a terra e com eles comprar pequena propriedade de lavoura ou mandar fazer casa nova onde possa instalar-se com mais cómodos e segurança?

O quadro pode mudar de um momento para outro. Basta que o emigrante dê conta de que as condições locais lhe podem oferecer sugestões novas. Nalgumas regiões francesas, grupos de emigrantes portugueses estão a associar-se na tentativa de fazerem aí mesmo a aplicação das suas economias, comprando terrenos para revenda ou procurando outros aspectos de passar a uma segunda fase, que não é já a de ganhar dinheiro com o seu trabalho, mas a de ganhar mais dinheiro com o seu dinheiro. E aí não custa ver que a atitude passa a ser diferente. Esses chamam as famílias, passam a ter lá longe a sede dos seus interesses, as novas raízes, e o «cá em baixo», que somos nós, passa a ser uma recordação cada vez mais remota que se mata cada vez mais distraidamente.

Estão aqui muitos aspectos para que é preciso olhar ao mesmo tempo. Isto encerra a ameaça de se estancar ou pelo menos de se atenuar o afluxo benéfico de divisas que tem estado a ser drenado do exterior para a nossa circulação interna. E é grave, como se entende, mas de uma gravidade transitória. Do ponto de vista nacional talvez mais grave seja esse despauamento, esse quebrar de laços sentimentais, esse afastamento que pode ser definitivo de tantos braços úteis e decididos que procuram a sua felicidade na sua aplicação ousada e empreendedora e que com isso se realizam seja onde for e seja como for. Até aqui, iam-se-nos os dedos mas ficavam os anéis. E agora se nos vão também os anéis?

TIVOLI CONCERTOS DA EMISSORA NACIONAL 1970/71

10 de Outubro de 1970	17 de Outubro de 1970	24 de Outubro de 1970	31 de Outubro de 1970	7 de Novembro de 1970
EFREM KURTZ maestro NELLA MAISSA pianista	ALVARO CASSUTO maestro MARGARET TYNES soprano	SILVA PEREIRA maestro ALDO CICCOLINI pianista	PIERO BELLUGI maestro	PIERO BELLUGI maestro KATHARINA HEINZ pianista
Egmont (abertura) BEETHOVEN 4.º Concerto BEETHOVEN 5.ª Sinfonia BEETHOVEN	Wozzeck (suite) ALBAN BERG 4.ª Sinfonia MAHLER	2 Retratos BARTOK 2.º Concerto PROKOFIEFF Viagens na minha Terra (1.ª audição mundial) Bolero LOPES GRAÇA RAVEL	Orfeu (1.ª audição) STRAVINSKY 6.ª Sinfonia BEETHOVEN	Mantredo SCHUMANN 2.º Concerto BRAHMS
14 de Novembro de 1970	21 de Novembro de 1970	28 de Novembro de 1970	5 de Dezembro de 1970	16 de Dezembro de 1970
PIERO BELLUGI maestro SYLVIA MARCOVICI pianista	PIERO BELLUGI maestro ROBERTO SZIDON pianista	PIERO BELLUGI maestro CORO GULBENKIAN Jennifer Smith soprano Carmélia Ambar contralto	FREDERICO DE FREITAS maestro CORO DO TEATRO DE S. CARLOS Elsa Saque Helena Cláudio Armando Guerreiro José Lopes Fernando Serafim Alvaro Malta	EFREM KURTZ maestro ORFEAO DE PAMPLONA Zuleika Saque Maureen Guy John Mitchinson Kurt Widmer cantores
De Profundis (1.ª audição mundial) Nemos (1.ª audição mundial) Sinfonia espanhola LALO Danças Polacas CHABRIER	Colas Breugnon (1.ª audição) KABALEWSKY Prometeu (1.ª audição) SCRIABINE Concerto (1.ª audição) SCRIABINE 2.ª Suite STRAVINSKY	2.ª Sinfonia (1.ª audição) MAHLER	Sinfonia n.º 88 HAYDN A Igreja do Mar FREDERICO DE FREITAS	2.ª Sinfonia BEETHOVEN 9.ª Sinfonia BEETHOVEN

ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

27 de Fevereiro de 1971	6 de Março de 1971	13 de Março de 1971	20 de Março de 1971	27 de Março de 1971
PAUL TORTELLIER maestro e violoncelista	FRITZ RIEGER maestro MARIA TIPO pianista	FRITZ RIEGER maestro MARIA MALAFAIA cravista	FRITZ RIEGER maestro	FRITZ RIEGER maestro e pianista SEQUEIRA COSTA TANIA ACHOT pianistas
3.º Concerto Brandeburguês BACH Concerto em ré maior HAYDN Otrande (1.ª audição) TORTELLIER Serenata DVORAK	Sinfonia n.º 102 HAYDN Concerto K 595 MOZART 4.ª Sinfonia (1.ª audição) KABELAC	Sinfonia n.º 1 WEBER Suite concertante ARMANDO FERNANDES Sinfonia de câmara (1.ª audição) SCHÜNBURG	4.ª Sinfonia SCHUBERT Rosamunda SCHUBERT 5.ª Sinfonia SCHUBERT	Grande Fuga op. 133 BEETHOVEN Concerto em dó maior para 2 pianos BACH Concerto em dó maior para 3 pianos BACH

ACADEMIA DE INSTRUMENTISTAS DA EMISSORA NACIONAL

	ASSINATURA para os 15 concertos	AVULSO 1.º ao 9.º	10.º	11.º ao 15.º	As 18.30 horas	
Plateia	450\$00	50\$00	80\$00	40\$00	ESPECTACULOS	Hoje — Último dia da assinatura reservada aos assinantes da temporada anterior
1.º Balcão — filas C a I ...	350\$00	40\$00	60\$00	30\$00	PARA TODOS	Amanhã e depois — Assinatura livre
2.º Balcão — Fila A ...	250\$00	30\$00	40\$00	20\$00		Dia 9 e seguintes — Avulso para qualquer dos concertos
— filas B a G ...	150\$00	20\$00	30\$00	15\$00		

O bicentenário de Beethoven na E. N.

Começam no próximo sábado, às 18 e 30, os concertos habitualmente promovidos pela Emissora Nacional, no Tivoli, de Outubro a Abril. O maestro Efrem Kurtz assegurará os dois concertos consagrados inicialmente a Beethoven, no âmbito do bicentenário do seu nascimento, dirigindo a abertura «Egmont», e «4.º concerto para piano», sendo solista Nella Maissa, e «5.ª Sinfonia», no programa inaugural da temporada; e a «2.ª Sinfonia» e a «9.ª Sinfonia», em Dezembro, com a participação do Coro de Pamplona e solistas de renome internacional. Serão ainda tocadas a Sinfonia «Pastoral» e a Grande Fuga, de Beethoven, interpretadas, respectivamente, por Piero Bellugi e Fritz Rieger. Nestes concertos, é dada, também, a devida importância à música portuguesa, estando previstas — «De Profundis», de Alvaro Cassuto, «Viagens na minha Terra», de Lopo Graça, e «Nemos», de Jorge Peixinho. Entre os solistas, figuram nomes como os de Aldo Ciccolini,

Katharina Heinz, Sylvia Marcovici (premiada recentemente no Concurso de Bruxelas), Maria Tipo, Roberto Szidon, Paul Tortelier, o duo Sequeira Costa-Tania Achot, Maria Malafaia (solista na «Suite Concertante», de Armand Fernandes) e os cantores Zuleika Saque, Maureen Guy, John Mitchinson, Kurt Widmer (para a «9.ª Sinfonia»), Elsa Saque, Helena Berg e Gustav Mahler). Obras do repertório habitual, como o «Bolero» de Ravel, no programa do

maestro Silva Pereira, a «Sinfonia Espanhola», de Lalo, e o «2.º Concerto» de Brahms, num dos cinco programas confiados ao director-titular da Orquestra, maestro Piero Bellugi; concertos e sinfonias de Bach, Haydn, Mozart e Schubert, nos concertos dirigidos por Frederico de Freitas, Paul Tortelier e Fritz Rieger, completam a tradicional temporada de concertos da Emissora Nacional.

maestro Silva Pereira, a «Sinfonia Espanhola», de Lalo, e o «2.º Concerto» de Brahms, num dos cinco programas confiados ao director-titular da Orquestra, maestro Piero Bellugi; concertos e sinfonias de Bach, Haydn, Mozart e Schubert, nos concertos dirigidos por Frederico de Freitas, Paul Tortelier e Fritz Rieger, completam a tradicional temporada de concertos da Emissora Nacional.

IMAGEM DO DIA

O êxito de O CLÁ DOS SICILIANOS no mundo, que é uma realidade que não se pode esquecer, deve-se não só à grande categoria do argumento, na verdade empolgante, mas também a uma interpretação

assombrosa em que se destacam quatro artistas de altíssima classe: JEAN GABIN, ALAN DELON, LINO VENTURA E IRINA DEMICK. Entram ontem em «2.ª SEMANA» no TIVOLI.

BELCANTO RESTAURANTE BAR

SARAIVA, como habitualmente, tem a honra de convidar todos os seus Clientes e Amigos a assistir amanhã, 7/X/70, ao Cocktail do Aniversário Belcanto.

HARKNESS BALLET

DE NOVA-YORK

A PARTIR DE 5.ª-FEIRA em ESTREIA



8 ÚNICOS DIAS

SOLISTAS

CORPO DE BAILE

NO TEATRO

MONUMENTAL

(MAIORES DE 12 ANOS)

TELEF. 55 31 30

BILHETES A VENDA

ORQUESTRA SINFÓNICA

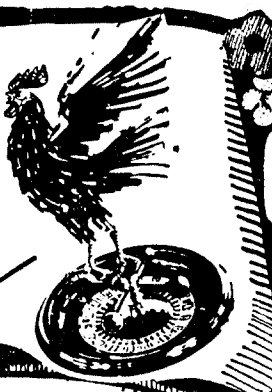
Tanto espaço para amar!

O amor precisa de espaço para se desenvolver. Para perdurar.
Em Santo António dos Cavaleiros encontra a casa sonhada pelos dois.
Para toda a família que vão ter amanhã. A casa que vai ser o seu lar.
Santo António dos Cavaleiros cresce fora da cidade,
para que assim possa oferecer tanto espaço verde.
Mas, para sua comodidade, fica apenas a dois passos de Lisboa.
Abra em Santo António dos Cavaleiros a porta que vai abrigar o seu
amor. Procure hoje mesmo a casa onde existe espaço para sonhar.
Espera-o ali uma equipa de técnicos, apta a encontrar soluções
para as suas conveniências.

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA - Indústrias de Construção e Empreendimentos, S.A.
Av. da Liberdade, 9 - Lisboa 2/Telef.: 326314 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros - Estrada de Loures - Telef.: 2530885
Visitas todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2.ª feiras.





Novo CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS

TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

«SLOT MACHINES»

ACESSO LIVRE - MAIORES DE 21 ANOS



BERTICE READING

VEGETA NORTE-AMERICANA da CANÇÃO

FREDIANI BROTHERS

ACROBATAS E FANTASISTAS

TEREZINHA ALVES

com ANTÓNIO LUÍS GOMES e RAUL SILVA

Les Ballets de PIERRE FRANK



JIRINA'S COMBO

FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE
e sua orquestra

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE
ÀS 23.30 H. MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR ÀS 1.00 H.
MAIORES DE 21 ANOS

GILDA PEARL

SÓ NO WONDER BAR

No Cinema
às 17 e 21.30
O PIRATA DO REI
(M. 12 anos)

O Salão Restaurante está reservado hoje para a realização do jantar comemorativo do IV Rallye TAP e distribuição dos prémios aos concorrentes mais bem classificados.
Os clientes habituais serão atendidos no Wonder-Bar.

TAUROMAQUIA NO CAMPO PEQUENO

No Campo Pequeno

A porta fechada, e aberta para os convidados do sr. J. Pimenta, que encheram o Campo Pequeno, lidaram touros do sr. Rui Gonçalves os cavaleiros Manuel Conde, com sua maestria, e Luis Miguel da Veiga, com arte fina e pieno êxito, ambos com voltas à arena com os Amadores do Montijo.

Da Sociedade Agrícola de Santo Estêvão foram os lidados por Amadeu dos Anjos, aplaudido e com volta à arena, e Ricardo Chibanga, este com ovações e voltas repetidas. Todos brindaram ao sr. Pimenta e seus colaboradores, e mais não dizem porque a semana tauromáquica nos toma o tempo.

Prestou provas o novilheiro Pepe Vultos.

José Falcão
volta a Caracas

Foi atribuído o troféu Cristo de Provetua ao matador de touros José Falcão, que

assim ganhou o direito de voltar novamente a Caracas, no dia 18 de Outubro, e alterando com Paco Camino.

Feira de Vila Franca

A segunda corrida da Feira de Vila Franca teve uma enchente, e nela se lidaram, a cavalo, touros de Jorge Tomás da Costa e, a pé, das senhoras Paulinas, como se diz por aqui. Uns e outros, com tipos vários e várias condições, dificultaram o êxito dos cavaleiros José Mestre Batista e Gustavo Zenkie e dos pegadores da terra, que, apesar de tudo, deram voltas à arena. José Júlio exibiu suas faculdades de bandariheiro no seu primeiro, e foi aplaudido com capa e muleta, dando volta à arena, e José Simões, regressado do México com novos valores, mereceu ovações e triunfais voltas à arena, e merece ser visto neste final de temporada.

Esta noite, última da Feira, reaparece José Lupi, que, com o homónimo Mestre Baptista, lidará touros de João Nuncio, sendo de Pinto Barreiros os dos «espadas» Manolo Cortes, andaluz, e Mário Coelho, toureiro da terra. Pegam os Amadores de Lisboa, do empresário Nuno de Salvação Barreto.

COLISEU

HOJE, às 21.30
(Maiores 12 anos)
Companhia Internacional de Circo
e as suas famosas atrações, vindas das principais pistas da Europa.

PALHAÇOS INTERNACIONAIS
TARDES: QUINTAS-FEIRAS, SÁBADOS E DOMINGOS, às 16 horas, entrada gratuita das crianças dos 6 aos 10 anos
TODAS AS NOITES, às 21.30
Bilhetes à venda

Teatro TELEF. 717017 Maria Matos

HOJE, ÀS 21 e 45
continua por mais
7 ÚLTIMOS DIAS
antes da partida para Madrid
e TRIUNFAL CARREIRA
DA DIVERTIDÍSSIMA SATIRA

A RELÍQUIA EÇA DE QUEIROZ

(Maiores de 17 anos)
PROD. DE IGREJAS CAEIRO

Crédito Universitário BANCO DO ALENTEJO

TEATRO ABC

ADULTOS

Tel. 366745

Com os popularíssimos actores
CAMILO e IVONE

a plástica sensacional de
IO APOLONI

LINDA SILVA

ORLANDO FERNANDES • VITOR ESPADINHA (no «compère»)
30 MULHERES FASCINANTES!

HOJE: 2 SESSÕES:
ÀS 20 e 45 e 23 h.

A FABULOSA
SUPER-REVISTA

**ALTO LÁ
COM ELAS!**

O MELHOR
ESPECTÁCULO DO ANO
produção de JOSÉ MIGUEL

a voz de ouro de
TONY DE MATOS

SOCIEDADE DE CONCERTOS DE LISBOA

Inauguração da temporada de 1970/71, no dia 15 do corrente, às 18.30, no Tivoli com um recital pelo grande violinista LEONID KOVAN, acompanhado ao piano por Naum Walter.

Para esta temporada foram ainda contratados os seguintes solistas e conjuntos de nível excepcional:

10/12/70 — Duo ULF HOELSCHER (violino)-ROBERTO SZIDON (piano)

2/ 2/71 — QUARTETO PROKOFIEFF, constituído pelas solistas Lina Gouberman, Ludmila Granova, Galina Odinet e Kira Tsvetkova

16/ 3/71 — Pianista NIKITA MAGALOFF

13/ 4/71 — Pianista EMIL GILLES

20/ 4/71 — ORQUESTRA SINFÓNICA DE PRAGA, sob a direcção do maestro WACLAV NEUMANN

3/ 5/71 — ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL, sob a direcção do maestro DE WART e a colaboração do pianista ANDRÉ TCHAIKOWSKI

10/ 5/71 — Recital pelo pianista ANDRÉ TCHAIKOWSKI

17/ 5/71 — Recital pelo violinista TRETIAKOFF (Maiores de 6 anos)

ASSINATURAS DAS 11 ÀS 13 E DAS 15 ÀS 18 H.
NA RUA DAS FLORES, 77 r/c.—Frente—Telef. 35830

VILA FRANCA DE XIRA

M/ 6 ANOS
GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS
POR OCASIAO DA GRANDE FEIRA ANUAL

HOJE, 6 DE OUTUBRO, ÀS 21.45 H.

M/ 12 ANOS
CAVALEIROS
MESTRE BATISTA — J. SAMUEL LUPI
O TRIUNFADOR DA ÉPOCA — FINALMENTE EM PORTUGAL

ESPADAS
MANOLO CORTÉS — MÁRIO COELHO
A extraordinária figura de toureiro espanhol O fino toureiro de Vila Franca

FORCADOS AMADORES DE LISBOA
CABO — NUNO SALVAÇÃO BARRETO

4 TOIROS DE JOÃO BRANCO NÚNCIO
4 TOIROS DE PINTO BARREIROS (HERD.)

4.ª-FEIRA 7 — GRANDIOSO ESPECTÁCULO TAURINO

EMOCIONANTES ESPERAS DE TOIROS, ÀS 10.30 H.
BILHETEIRAS — AG. ABEP — RESTAURADORES — TABACARIA FREITAS — 1.º DEZEMBRO 85 — E EM VILA FRANCA NOS LOCAIS DO COSTUME






MARIA VITÓRIA

(CAPULOTOS)

BREVEMENTE

SENSACIONAL INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA!

PIMENTA NA LÍNGUA!...

com José Viana • Aida Baptista • Barroso Lopes • Dora Leal

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO apresentam a NOVA REVISTA POPULAR

PELA PRIMEIRA VEZ NESTA COMPANHIA
Nicolau Breyner

A SIMPÁTICA ACTRIZ
Anita Guerreiro

A ATRACÇÃO BRASILEIRA
Rony Vally

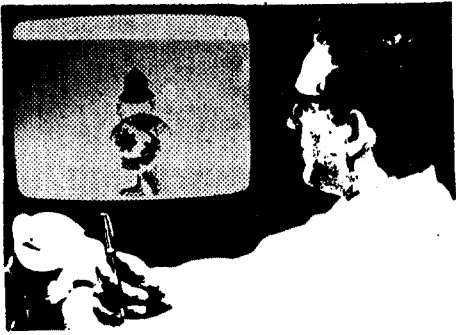
NO «COMPERE»
Octávio de Matos

● A FRENTE DE UM GRANDE ELENCO E DE UM ESCULTURAL «BALLET» INTERNACIONAL! ●

original de ANIBAL NAZARÉ e JOSÉ VIANA com música de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS

«Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



CANAL DA CRÍTICA

por: MARIO CASTRIM

AGORA É QUE EU ENTENDO OS LAMPIÕES!

Meus amigos: é ainda debaixo de grande comoção que princípio estas letras. A sessão de fados, ontem transmitida, apanhou-me num momento de crise. De manáras que ao terminar a sessão eu me encontrava num estado verdadeiramente digno de lástima: babado, ranhoso, os olhos vermelhos, o peregrino rosto amassado em maviolas lágrimas. A culpa, além da minha sensibilidade exacerbada e do calor raivoso de um Verão que não se resigna a entrar na barca de Caronte (admirem a erudição cá do meco!) a culpa devemos en, contrá-la no sentimento, na paixão com que Raul Dias e Arminda da Conceição atacaram os langores fadistas.

(É verdade que as minhas ideias já estavam muito baralhadas com os problemas levantados pela didáctica da matemática moderna às 19 horas. Pensava eu que em tarefa dependente do Ministério da Educação, não haveria aquela emissão por ser feriado de cinco de Outubro. Enganei-me. Lá veio a lição, lá veio a atrapalhada minha, fico todo aos piquinhos quando trato com a matemática moderna, eu viciado e doente de algebrite antiga. Não há dúvida: tenho de me inscrever no posto da Telescola mais próximo daqui.)

Deixemo-nos de parêntesis. Voltemos ao fado, isto é, voltemos à actualidade. Dizia eu que me sensibilizei brutaemente com as letras muito pu(f)éticas do fadismo da sessão. Tão meladas, tão lusitadamente (perdão, perdão, não brincuem com coisas sérias...) tão miseravelmente doentes que só ouvi-las era adoecer. De tal modo, que então, e só então, compreendi as funções dos candelários que os cenófragos sistematicamente colocam em fundo: eles são indispensáveis para que o fado tenha aonde alçar a alma e fazer o seu xixizinho sentimental.

Primeiro, veio Arminda da Conceição falar do amor infeliz coitado, em termos quadriculadamente dramáticos:

**Na vida por Deus imposta
é tortura transcendente
é sofrer porque se gosta
de quem não gosta da gente**

Sublinhe-se ainda o carácter filosófico desta quadra, a metafísica que logo salta

do primeiro verso, passando pela transcendência da tortura até decambar, enfaticamente, no amor sem glória, no glorioso amar.

Raul Dias, que rivalizou em gorgelos com Arminda da Conceição. Em gorgelos e em sofrimento. No seu primeiro vou cantar para V. Ex.ª rivalizou em gorgelos e em amor doentinho. Ai, o fadista contou-nos uma história muito vulgar de amor em «panne»: ela pôs-se na alheta, buscou outro poiso. Ele resigna-se, atão o que é ca gente há-de fazer, paciência! Mais do que isso, o fadista, ou melhor, a personagem que ele interpreta afirma apaixonadíssimo até aos colarinhos:

**Não me importa mais sofrer
tê chego a sentir prazer
em me sentir malfadado**

Pois é. Acontece muito. O mal, pelos vistos não será de morte, porque logo a seguir Raul nos fala de um caso típico de estação calmosa que atravessamos: fala-nos do seu amor na prala, sobre a areia; não ligaram nenhuma à areia, dão bons passelos de barco; arquitectam sonhos; e não dão contra os escolhos porque Deus vela por eles...

Esta calma, este optimismo verânico, acalmou um tanto o meu cebolório sofrimento. Mas ainda não estou bem em mim. Os casos de amor frustrado deixam-me sempre assim. A culpa não é deles. Acho que é do ambiente. Sôror Mariana anda por aí a morrer aos bocadinhos no fado menor. Bem menor por sinal.

CURTO-CIRCUITO: A ROTINA CONTRA A RETINA

José Carlos Morais é tico-tico no Brasil e Taico-Taico na América. Foi ao *Curto-Circuito* dizer coisas banais, com língua bem exercitada no ofício. Brincou com Artur Agostinho aos repórteres de Televisão. Estavam ambos muito felizes, mas porque não brincaram antes ao jará!

Tico-Tico mostrou-nos uma recente maquina portátil para usar nas ruas, ficámos saloamente boquiabertos para o progresso — esquecendo-nos que progresso não é haver aquilo: progresso é poderem os jornalistas servir-se daquilo. A sua reportagem mais emocionante foi o cinquentenário das aparições de Fátima. Recordou o «saudosos presidente Costa e Silva». Contou uma aventura perigosíssima: a tentativa de entrevistar Kennedy. Fantástico! Saltou. Avançou. Está a ver bem? Mas a guarda do presidente Kennedy não era brincadeira nenhuma. Eram cá umas torres, ninguém podia chegar ao presidente, podiam julgar que ele era terrorista. (Final, sr. Tico-Tico, a guarda do presidente livrava-o dos ticos-ticos, mas não o livrava dos outros...) E pronto. *Tico-Tico* foi-se embora muito nosso amigo do coração (estes brasileiros são uns pinga-amores...) e deu lugar a um jovem português que vinha cantar umas canções de sua autoria, chamava-se João Vaz Lopes, e foi uma tristeza, uma desgraça em música, em rima, em interpretação, tudo ao nível da perfeita inutilidade, que não honra o *Curto-Circuito*:

**Nunca se viu céu
que não tivesse andorinhas
andorinhas são pró céu
o que o Sol é para a flor.**

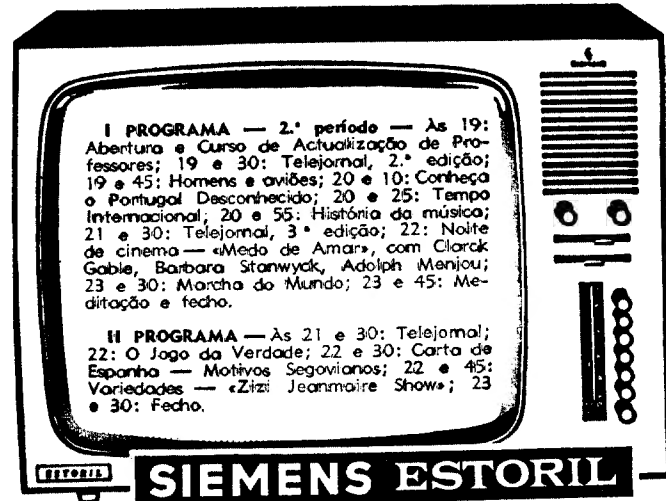
**O meu amor durará
até o mundo acabar.
Nunca se viu Sol
que não tivesse sol
nunca se viu uma flor
que não tivesse sol
porque... (basta, basta!)**

Lopes tem a consciência da sua inutilidade, não gosta de andar cá pelo mundo: «Se algum dia, meu amor / nós deixarmos de nos ver / vou pedir a Deus Senhor / que me faça já morrer». Eu vou mais longe: eu pediria a Deus que o fizesse morrer um pouquinho antes, a tempo de lhe impedir a passagem pelo *Curto-Circuito*, que assim prestou mais um péssimo serviço à música portuguesa. Como prestou mal serviço à cultura com as entrevistas do sr. Joaquim Freitas e dos médicos Hélio Neves Baptista, muito do Brasil, e Evaristo da Fonseca, muito de Alcoitão. Quanto ao primeiro, trata-se de um espectador assíduo do *Zip-Zip*, é um espectador assíduo do *Curto-Circuito*, e, na opinião de Artur Agostinho, será espectador assíduo do programa que vier. Infelizmente, abundam os exemplos desta versatilidade. Há muitas pessoas que são sempre do programa que está no ar, e não são nada parvas, não senhor, bar-

(Continua na 22.ª página)

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º Período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Júlia», 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Um dia com...; 14 e 15: Logo à noite; e 14 e 20: Fecho.

2.º período — As 19: Abertura e Curso de 'Actualização' de Professores; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Vamos jogar no Totobola; 20: Rally TAP; 20 e 25: Ensaios; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição, e Boletim Meteorológico; 22: Primeiros aplausos — 1.º programa com Dina do Carmo, Luísa Vieira, Mário Bessa e Tânia; 22 e 30: Série policial «Os Vingadores», com Patrick MacNee, Linda Thorson, Anthony Bate e Kenneth Cope; 23 e 25: Marcha do Mundo; e 23 e 45: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 21 e 30: Telejornal, 22: *Curto-Circuito* e 23 e 50: Fecho.



Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — As 16: Notícias; 16 e 05: Canções estrangeiras; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: Orquestras ligadas; 18 e 25: Conjuntos; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 2.º Episódio do Folhetim «A Cidade e as Serras»; 21 e 05: Espectáculo: Monizine de Cinema, por Amândio Videira Santos; 21 e 25: Canções; 22: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 30: Carlos, por Maria Augusta Emda; 22 e 50: Música, só música; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 16 e 10: O fado em Festa — Contato (Vivaldi); 17: Discos raros; 17 e 30: Perspectivas das obras de Eduard Lalo; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditoria Juvenil); 19: Tempo literário; 19 e 25: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 45: Música de Câmara; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O violista André Segóvia — Três peças para guitarra (Tosmann); 20 e 30: A ópera «A voz humana», de Poulenc, comentada por Maria Helena de Freitas; 21 e 22: Uma oratória de Berlioz; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2—94,3 mc/s.

— As 23: Música Portuguesa — Obras de Oscar da Silva; 0 e 09: Canções Inglesas, pelo 0 e 09: Jennifer Vyvyan, ao soprano; Erns Lush — Foxgloves piano; Gavotte (Howells); 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A sonata moderna; 0 e 50: Abertura da ópera «Os mestres cantores de Nuremberg» (Wagner), pela Orquestra Sinfónica de Bamberg, sob a direcção do maestro Heinrich Holbeiser; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — As 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Hit Parade; 19 e 30: Radioscopia; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Uma orquestra; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira á noite; 21 e 30: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contato; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-

-Gô; 0 e 20: Em órbita-dois; e 02: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 393,6 m — 782 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Marinha teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbalo; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte da dia; 21 e 05: Leitura; 21 e 25: Música para meditar; 21 e 40: Orquestra; 21 e 45: Mundo Rádio; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Momentos de melodia; 22 e 30: Camossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: Conjuntos de ritmo; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Martíres; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 30: Página 1; 20 e 50: Semana Nacional do Ensino Religioso; 21: Aguarda mexicana; 21 e 15: Orquestras; 21 e 30: A voz de Teresa Silva Carvalho; 21 e 45: Brasil; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora e Fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e das 19 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal — das 12 às 14 e 30 e das 17 às 19 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17: Rádio Graça — Das 10 às 12 e das 22 às 2.



Portugal — C. E. E.

«rendez-vous» confirmado para 24 de Novembro

O ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, confirmou, anteontem, ao regressar do Luxemburgo, a notícia que demos, em primeira mão, no passado dia 30, segundo a qual o Governo português aceita a data de 24 de Novembro para um «rendez-vous», em Bruxelas, com os ministros dos Negócios Estrangeiros do Mercado Comum.

O que Portugal vai negociar com os «Seis» — segundo afirmou o dr. Rui Patrício — são «as modalidades mais adequadas das suas relações com o Mercado Comum», uma vez que, como se sabe, não está nas intenções do Gover-

no português aderir plenamente à C. E. E. (Comunidade Económica Europeia), como o pretendem a Inglaterra, a Irlanda, a Dinamarca e a Noruega, actualmente parceiros de Portugal na E. F. T. A.

Entretanto, a comissão encarregada pelo Governo de estudar as novas perspectivas de integração económica europeia aberta pela provável dissolução da E. F. T. A. concluiu já o seu relatório que será entregue em breve ao Governo.

ESTÃO NO TEJO OITO DRAGA-MINAS DA ARMADA ESPANHOLA

Em visita não oficial, chegou esta manhã ao Tejo, a 1.ª esquadilha de Draga-minas da Armada espanhola, do comando superior do ca-

pitão-de-fragata D. Gabino Aranda do Carranza. A esquadilha, constituída pelos draga-minas «Lolo», «Poseidon», «Tinto», «Guadalupe», «Nalón», «Júcar», «Duero» e «Tajo», tem uma guarnição de 32 oficiais e 517 sargentos e praças. Os barcos atracaram ao cais da doca da Marinha, de Xabregas e do Jardim do Tabaco.

Pelas 9 e 45 entrou a bordo do «Lolo» o oficial de cumprimentos do Comando Naval do Continente, o adido naval espanhol, e o oficial de ligação.

Uma hora depois, o comandante da esquadilha acompanhado pelos dois últimos referidos oficiais, desembarcou para apresentar cumprimentos ao Comandante Naval do Continente e ao Embaixador de Espanha após o que regressou a bordo.

Nas próximas segunda, ter-

ça, quarta e quinta-feira os barcos efectuarão exercícios no mar.

Caiu de um andaime e morreu

O servente sr. Casimiro Dias Alves, de 18 anos, natural de Ferreira do Zêzere, trabalhava numa obra na Rua de D. Afonso V, à Encosta da Luz, Odivelas. Ali caiu de um 4.º andar. Foi transportado ao Hospital de S. José, mas chegou já morto, dando o corpo entrada no Instituto de Medicina Legal.

Caiu pela caixa do elevador

O operário sr. Florindo Faria Varandas, de 28 anos, morador em Alges, na Rua de João Chagas, trabalha num prédio em construção

ROTARY DE LISBOA

Sob a presidência do sr. dr. Ruy Pires Branco realizou-se hoje mais uma reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa. As apresentações protocolares estiveram a cargo do sr. Wenceslau Sarmiento e o expediente de secretaria, do eng.º Guimaraes Ferreira.

Durante o almoço foi imposto o emblema rotário a um novo sócio, o sr. dr. Manuel Sá Marques, subdirector clínico da Associação Protectora dos Diabéticos Pobres, cuja apresentação foi feita pelo sócio sr. João Simões Raposo.

A palestra regulamentar foi proferida pelo sr. Saul Ferreira Pires, que dissertou sobre «A internacionalidade de Rotary».

VIDA SOCIAL

DR. JOSÉ BOTELHO

A convite especial do presidente do II Congresso Hispano-Argentino de Ortopedia e Traumatologia, que se reúne em Madrid, partiu para a capital espanhola o dr. José Botelho, director de Serviço de Ortopedia e Fracturas dos Hospitais Cívicos de Lisboa, que, na sessão destinada às fracturas da coluna, apresentará um trabalho sobre «A estabilização das lesões traumáticas instáveis».

CASAMENTOS

Na igreja inglesa de S. Jorge, à Estrela, efectuou-se o casamento do dr. Bernard Everett, secretário da Embaixada Britânica em Lisboa e encarregado dos assuntos para a imprensa, com a sr.ª D. Maria Olinda de Albuquerque. Depois da ceri-

mónia religiosa, o embaixador britânico ofereceu na sua residência uma recepção em honra do casal luso-britânico que seguiu em viagem de núpcias.

Na décima Conservatória do Registo Civil, realizou-se o casamento do sr. José Carlos Rodrigues da Costa Ferreira, filho do sr. Jorge da Conceição Costa Ferreira e da sr.ª D. Guilhermina Rodrigues Ferreira, com a sr.ª D. Maria Paula Alegria Matias, filha do sr. Benjamin Matias e da sr.ª D. Maria Rosa Alegria Matias. Serviram de padrinhos, por parte do noivo e da noiva, os respectivos pais. Depois de um elegante lanche, os nubentes seguiram em viagem de núpcias para o Algarve e Andaluzia.

O USO DE FURÃO NA ZONA DO CENTRO

Um edital da Comissão Venatória Regional do Centro delimita as áreas em que é permitido, para esta época venatória, o uso de furão, sem o auxílio de redes: nos concelhos de Castro Daire, Moimenta da Beira, Oliveira de Frades e Vouzela, durante toda a época; no concelho de Almeida, de 1 a 31 de Dezembro, e no concelho de S. Pedro do Sul, de 15 de Dezembro deste ano a 15 de Janeiro do próximo.

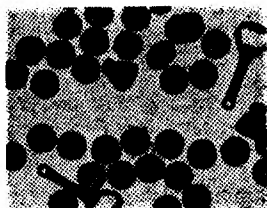
Um outro edital da mesma Comissão determina as zonas onde é proibido o exercício da caça a todas as espécies cinegéticas.

21.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE



Boletim do dia 5 de Outubro de 1970

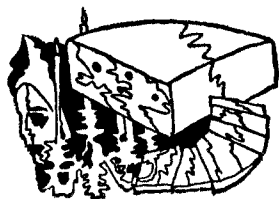


21.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE



Boletim do dia 6 de Outubro de 1970

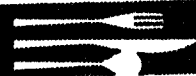


Laurenço Santos, Lda

Alfaiates-Camiseiros

Participam aos seus estimados Clientes e Amigos estarem prontas as obras de instalação de ar condicionado e embelezamento da sua loja na Praça dos Restauradores, n.os 47-A e 47-B, inaugurando a estação Outono-Inverno nos seus estabelecimentos

amanhã 4.ª-feira dia 7.



BOM APETITE

TONY DOS BIFES

Av. Prata da Vitória, 50-E
Telef. 536080

HOJE
ARROZ DE FRANGO
À MINHOTA
AMANHÃ
RANCHO À MODA DE VISEU
Diariamente servimos
Serrabulho
Prémio do S. N. I.
Aberto aos Domingos

CAFÉ «IMPAR» NO BAR RIBATEJO

P. DO AREIRO, 11-D

ABRE ÀS 7 HORAS

MAIA

R. DAMIÃO DE GÓIS, 42-B
Tel. 212705
O RESTAURANTE PREFERIDO DE ALGÉS
Mariscos recebidos directamente da origem

OH LACERDA!

UM CONVITE PERMANENTE

R. Dr. Silva Teles, 18-A

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ



MARIA do ESPÍRITO SANTO GRAVA DE NOVO

Foi atracção de revistas e pertenceu ao elenco de restaurantes típicos. Já restabelecida da enfermidade que a manteve afastada da actividade, volta a gravar (para a «RR») para o que prepara fados inéditos.



MÁRCIA CONDESSA — renovação de elenco

Márcia Condessa remodelou o elenco do seu restaurante típico onde actuam agora Tereza Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Como artistas convidadas: Cândida da Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sobral. A guitarra e à viola, respectivamente, Albertino Vilar e António Pessoa.

AUGUSTO «VIRA-MILHO» E «ARABITA»

Augusto (assim ele quer que o conheçam) fundou o «Vira-Milho», em Cascais, alta madrugada ponto de encontro de artistas, apreciadores frequentes dos bons petiscos portugueses. Pois Augusto dirige agora também o «Arabita de Alfama», onde sua mulher, Leonor Macedo é primeira figura do elenco onde se integram Rossana Lima, Alice do Carmo e João Cabral, Edgar Nogueira (guitarra) e Armando Gonçalves (viola).



NICHOLSON

AGORA O DISCO

Autor, autor de peças e adaptações teatrais e de poemas para canções (com Eugénio Pepe, Braga Santos e Jorge Costa Pinto, tem estado presente em festivais nacionais e internacionais), produtor de rádio e de televisão, director de uma gravadora (a «RR», a que estão associados Eugénio Pepe e Armando Cortez), Francisco Nicholson está agora disposto a gravar o primeiro disco de humor (claro), mas, desta vez, numa realização totalmente sua, como afirmação individual e com características inéditas. Na gravura, num dos «sketch» que apresentou na TV.

A RECEITA DO DIA

Frango à «FOLCLORE»

Arranja-se um frango, lava-se e atam-se-lhe as pernas e as asas. Leva-se a uma assadeira, e espreme-se por cima um limão.

A parte, amassam-se três queijos frescos, com 250 g. de natas, polvilha-se com pimenta e bate-se até ficar homogéneo.

Barra-se todo o frango com esta massa, cobre-se com fatias de presunto de Chaves, e deixa-se repousar umas dez horas. Em seguida, vai ao forno a assar durante uma hora.

Logo que esteja pronto, serve-se com batatas fritas às rodelas, esparregado e rabanetes a enfeitar.

* aceite o nosso CONVITE *

PUBLICAMOS HOJE DOIS CUPÕES DO CONCURSO

Por ontem ter sido feriado, publicamos hoje os cupões do Concurso «Aceite o nosso Convite» referentes a 2.ª e 3.ª feira, que os leitores participantes na iniciativa devem juntar aos que incluímos nesta página até ao próximo sábado (inclusive), remetendo-os depois, com os respectivos boletins de identificação, para os nossos serviços administrativos: Rua Castilho, 183, 1.º, em Lisboa.

Assim ficarão habilitados ao sorteio que poderá proporcionar-lhes uma noite agradável (sem gastar dinheiro), num dos melhores restaurantes típicos e «boîtes» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

Como noticiámos, é também hoje que se realiza naqueles serviços o sorteio referente à 19.ª colecção de cupões no concurso onde estão a participar milhares de leitores do nosso jornal.

EUGÉNIA LIMA

FIEL AO ESTILO

Muito justamente considerada a maior acordeonista portuguesa, Eugénia Lima alla á capacidade de interpretação virtuosismo técnico. Num novo «45» editado pela organização Valentim de Carvalho, no seu estilo inconfundível, Eugénia Lima registou agora quatro melodias de que é autora: «Olé, José Falcão», «Alegrias portanãs», «Lágrimas de Outono» e «Corridinho de Grandola».



O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalina Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos. Cons. mín. 50\$00. Beca do Espírito Santo, 1.º. Telef. 868200.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mín. 90\$00. Beca dos Cortumes, 19. Telef. 860816.

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidadas: Cândida da Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa. P. da Alegria, 58. Telef. 367093. Encerra à segunda-feira.

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Maria Emília, Ana Madalena e José Teixeira. Tocam: António Panreira e José Inácio. Rua da Esperança, 174. Telef. 661915. Cons. mín. 50\$00.

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Adriana Franco, Nuno de Aguiar e Artur dos Santos. Tocam: Hemenegildo Lopes e José Meneses. Rua do Vigário, 60. Telef. 866811.

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernando Guerra, Julieta Brigue, Lúcia Ribeiro, Mariana Rosa, Américo Lima, António Chaiinho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Grupo de baile constituído por 19 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves. Cons. mín. 120\$00. Taxas incluídas. Rua Nova da Trindade, 22-A. Telef. 35007-323406. Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: Trío Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvidade Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torgato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Rota, 24. Telefones 676655-67341.

A SEVERA

cantam: Flávia Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguardeiros de Portugal». Rua das Gáveas, 57. Telef. 34006. Encerra à quinta-feira.

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Bragosa, Adriana Franco, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Laurinda Gonçalves. Tocam: Hemenegildo Lopes e Joaquim Pinto. Cons. mín. 40\$00. Travessa da Espera, 8. Telefone 35464. Encerra às 5 da madrugada.

LUSO

Elenco: Tristão da Silva, Fernando Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barnadas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha. Trav. da Queimada, 10-16. Tels. 362889-328503.

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam: João Alberto e Manuel Martins. Cons. mín. 50\$00. Travessa de S. Miguel, 22. Alfama. Telefone 868552.

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz da Conceição, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares. Cons. mín. 50\$00. R. das Taipas, 14. Telef. 327256.

A KAVERNA

cantam: Tina Santos e Celeste Maria. Tocam: Armadinho Maia e José Maria Carvalho. Cons.

mín. 90\$00. Travessa dos Fiéis de Deus, 37. Telef. 35593.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Nuno de Aguiar, Armando Miranda, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Cons. mín. 50\$00. Rua da Barroca, 133. Telef. 36960 e 80532. Encerra às terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias. Cons. mín. 80\$00. Rua das Trinas, 67. Telef. 669857. Encerra ao domingo.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amado, Ivette Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trío Arantes. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva. Cons. mín. 70\$00. Rua do Norte, 91. Telef. 30095-328713. Encerra à segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Alice do Carmo, Rossana Lima, João Cabral. Tocam: Edgardo Nogueira (guitarra) e Armando Gonçalves (viola). Encerra aos domingos. Rua de Adiga, 9. Telef. 86345.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sabreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva. Cons. mín. 40\$00. Rua de Rota, 219. Telef. 368579.

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Encerra ao domingo. Cons. mín. 35\$00. Largo do Peneireiro, 7 (Alfama). Telef. 868505.

BALEEIRA

cantam: Filipa Duarte, Julieta Reis e Adriana Franco. Tocam: Acácio Rocha e Armando Silva. Encerra às segundas-feiras. Cons. mín. 40\$00. Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO). Telef. 213259.

RESTAURANTES, BARES, «BOÍTES» E «DANCINGS»

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Telef. 48384. Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28. Telef. 370889. Poesia com Correia da Silva. Encerra às 3 e 30.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D. T. 561949

MAXIME

Conjunto 6. Reação e Maximiliano. «Show» turístico. Variedades Internacionais. Praça da Alegria, 58. Telef. 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos. Rua D. Filipe de Vilhena

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas. Avenida Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2. Campo Grande. Telef. 790172. Encerra às 3,30.

BAIUÇA

R. da Barroca, 86. Telef. 34700

LORD

Rua Victor Gordon, 14-A. Telef. 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro. SINTRA. Telef. 981661. Encerra à meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. R. de S. Miguel, 70 (Alfama). Tel. 872761 6-D.

FLOR DE LIS

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto). Telef. 367136. Encerra às 3 horas.

TÁGIDE

Variedades Internacionais. Largo

da Biblioteca, 18-22. Aberto ao domingo.

SNOB

Rua de «O Século», 178. Telef. 33723.

MARILIA

Tamão e s/ Conjunto, Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117. Matinees todos os dias. Encerra aos domingos.

ADÁGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo

reportário. Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Rua Carlos Reis 51-A. Telef. 775695.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades Internacionais. Telef. 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946

FORTE VELHO

Pago. S. João do Estoril. Telef. 261337.

Militares mortos em combate

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província de Moçambique, o soldado n.º 055414/69, António Rodrigues Barbosa, natural de Venade-Ferreira, concelho de Paredes de Coura, filho de António Barbosa e de Albertina Rodrigues; e o soldado n.º 092843/69, Alvaro Nunes Bento, natural de Póvoa de Varzim, concelho de Póvoa de Varzim, filho de Mário Nunes Bento e Aurora Rodrigues, e na província de An-

gola, o soldado n.º 072631/69, Fernando Rodrigues, natural de Felgueiras — Pinheiro, concelho de Oliveira de Fra-

LOURENÇO MARQUES, 6 — (L.) — Por desastre faleceram em Moçambique o soldado n.º 709305/69, Jorge Manuel Madélio Oliveira, natural de Aveiro, filho de Aurélio Nunes Oliveira e de Maria Rodrigues Madélio, e o soldado do recrutamento provincial n.º 702621/68, André Naife Filanculos.

NOVO CONTRATO DE TRABALHO PARA O PESSOAL DA INDÚSTRIA DE ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto, homologou o novo contrato colectivo de trabalho para o pessoal da indústria de especialidades farmacêuticas.

A nova convenção que substitui a vigente desde 1959, vem beneficiar cerca de 3500 trabalhadores e apresenta um clausulado nitidamente inova-

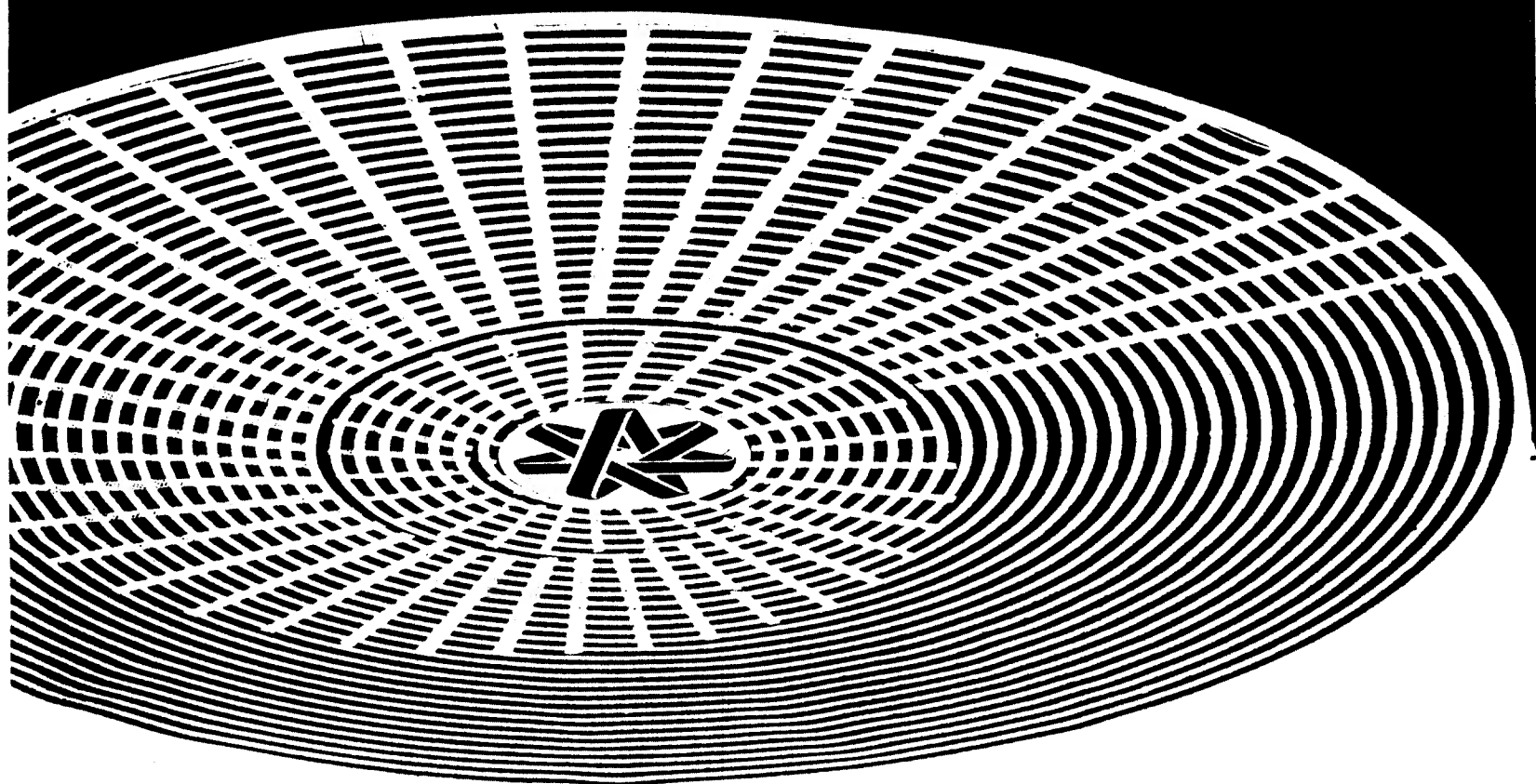
dor em relação ao contrato que vigorava.

Entre os aspectos mais salientes da convenção, destacam-se os seguintes: criação de novas categorias profissionais; exigência como habilitação mínima da 6.ª classe para os menores de mais de 14 anos; regulamentação da aprendizagem, assegurando-se inspecção médica anual e

facilidades nos estudos; novas regras para estruturação dos quadros do pessoal das empresas; indemnização por despedimento em quantitativo superior ao estabelecido pela lei geral; protecção à mulher grávida; maiores períodos de férias que as concedidas na lei geral; atribuição de direito ao subsídio de férias com quantitativos oscilantes entre

50 a 100 por cento da remuneração do respectivo período; criação de órgãos de colaboração na empresa destinados à apreciação dos problemas directamente relacionados com os interesses dos trabalhadores e participação destes na gestão das obras sociais; remunerações actualizadas e criação de vantagens destinadas a beneficiar os trabalhadores com mais de cinco anos na categoria e na empresa; atribuição de direito ao subsídio de Natal; e cláusulas sobre higiene e segurança, medicina e serviço social.

EM MOVIMENTO PARA MAIOR AMPLITUDE



Participe connosco na progressiva amplitude do desenvolvimento sócio-económico do País.

O BANCO DE FOMENTO remunera à taxa de juro anual de 5,5% os depósitos a prazo superior a um ano.

Isenção total de impostos Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL



LISBOA - Rua Mouzinho da Silveira, 26
PORTO - Avenida dos Aliados, 58
ÉVORA - Rua 5 de Outubro, 38
VISEU - Avenida Calouste Gulbenkian, 335
BRAGA - Avenida Marechal Gomes da Costa, 294
SANTARÉM - Rua Guilherme de Azevedo, 18

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Remodelação no quadro directivo da General Motors

Dada a importância cada vez maior das marcas e fábricas da General Motors fora dos Estados Unidos, sobretudo na Europa, a Companhia anunciou agora modificações consideráveis no quadro superior da sua organização, as quais já entraram em vigor. Assim, as fábricas e sucursais da General Motors Overseas Operations, cuja sede continua em Nova York, serão divididas em três grandes regiões, cada uma a cargo de um director-geral.

Na Europa, o sr. Ralph L. Mason terá a seu cargo as fábricas Adam Opel na Alemanha e Vauxhall Motors em Inglaterra, as fábricas de peças e acessórios situadas em França e Inglaterra e ainda as linhas de montagem da Bélgica, Dinamarca, Portugal e Suíça e sucursais de vendas dos vários produtos GM na Áustria, Finlândia, Alemanha, Itália, Noruega e Suécia. O quartel-general do sr. Mason, que até aqui ocupava o lugar de director da Opel na Alemanha, ficará situado num país da Europa ainda não determinado.

Na América do Sul, o sr. Walter H. Gussenhoven dirigirá as fábricas da Argentina, Brasil e México e linhas de montagem no Chile, Uruguai e Venezuela. A sede do sr. Gussenhoven continuará em Nova York.

Na Austrália e na África do Sul, o sr. Max E. Wilson, que também terá a seu cargo a Nova Zelândia e países do Leste asiático, ficará com o seu escritório numa cidade da Austrália.

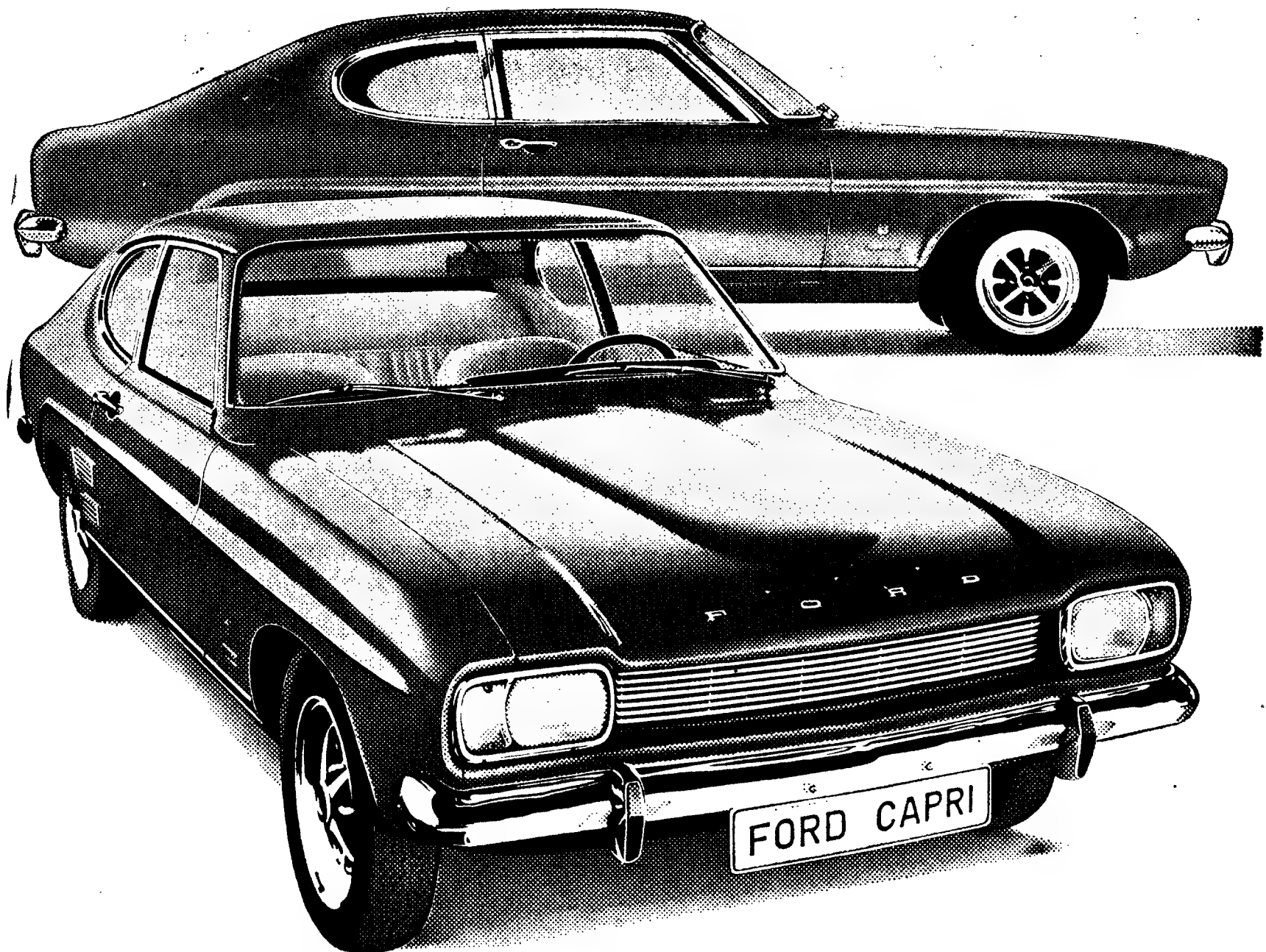
Estes três directores-gerais reportarão directamente ao sr. Harlow W. Gage, director da General Motors Overseas Operations e vice-presidente da General Motors Corporation com sede em Nova York.

As obras de saneamento em Setúbal

Far-se-á em 20 deste mês, às 16 e 10, perante a comissão para isso nomeada, concurso, por meio de propostas recebidas, para adjudicação da empreitada da obra de construção das redes de saneamento doméstico e pluvial E, F, G e H, 1.ª fase, e dos colectores principais D, E, F, G e H de Setúbal.

A base de licitação é de 7 018 500\$00.

A Organização Ford tem o orgulho de apresentar os Ford Capri montados em Portugal



O Carro Que V. Sempre Desejou Possuir

O êxito dos Ford Capri justifica
a sua montagem em Portugal.
Em 6 versões diferentes:
1300 L, 1600 L, 1600 XL,
1600 GT XL, 1600 GT XLR,

3000 GT XLR.
Todas de linhas aerodinâmicas e
modernas!
Todas desportivas... mas também
familiares!

Escolha nelas o Capri que desejar
com a potência que quiser.
Venha vê-los! Visite o seu Con-
cessionário e escolha o Capri que
mais lhe convém.

Apoiado pelo Serviço e Peças Ford

Ford Capri ^{DESDE} Esc. 82.830



FORD À FRENTE

Em exposição no seu concessionário FORD

EM LISBOA

AUTO BOAVISTA, LDA. R. da Boavista, 81-B - Telef. 66 91 41

AUTO RALI, S.A.R.L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32/64 — Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 31 - Cascais

J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47

LINCURI Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91

STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 89 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71 10 65/9

«FALTA UMA ESCOLA DE ENGENHARIA TÊXTIL»

A propósito da notícia intitulada «Falta uma Escola de Engenharia Têxtil», recentemente publicada, recebemos do Laboratório Químico da Universidade de Coimbra, assinada pelo respectivo director, sr. prof. António Jorge Andrade de Gouveia, a seguinte carta:

«Em referência à notícia publicada, com o maior relevo, sob a epígrafe «Falta uma Escola de Engenharia Têxtil», do jornal da Ilustre direcção de V. Ex.ª, em 1 de Outubro p. p., relativamente a uma exposição enviada pelo Gabinete de Estudos Superiores dos Contabilistas pelos Institutos Comerciais do Porto, ao Colóquio sobre o Desenvolvimento Socioeconómico da Zona da Cova da Beira, solicito a V. Ex.ª a publicação com o devido relevo, das seguintes rectificações e esclarecimentos: a criação de estudos de química têxtil na Faculdade de Ciências da Universidade de

Coimbra, a que se faz alusão na referida exposição:

«Em Outubro de 1964, e não há dois anos, como se indica na exposição, foi criado no Laboratório Químico da Universidade de Coimbra, por proposta da respectiva direcção aprovada pela Faculdade de Ciências e pelo Ministério da Educação Nacional, um Curso pós-graduado de Especialização em Química Têxtil para licenciados em Ciências Físico-Químicas, em Química ou em Engenharia Química-Industrial, com a duração de dois anos. Os estudos de Química Têxtil no Laboratório Químico da Universidade de Coimbra não se processam, pois, a nível de cadeira, como se afirma na exposição, mas em sistema de tempo total, durante dois anos.

«Este curso sugerido e patrocinado pela Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, tem o seguinte plano de estudos:

Cadeiras	Duração	Horas Semanais	
		teóricas	práticas
1.º ANO:			
1. Química Têxtil	anual	3	6
2. Princípios de Tecnologia Têxtil	semestral (1.º sem.)	3	visitas a fábricas
3. Química de Corantes	semestral (2.º sem.)	3	3
4. Tirocínio Laboratorial	anual	1	20
5. Estágio fabril	2 meses	1	1
2.º ANO:			
6. Química Tintureira e de Ultimização Têxtil	anual	0	0
7. Aspectos Históricos, Geográficos e Económicos da Indústria Têxtil	anual	1	1
8. Seminário e Colóquio Têxtil	anual	1	1
9. Trabalho de Investigação	anual	1	20

O Curso de Especialização em Química Têxtil visa preparar pessoal perfeitamente habilitado para as seguintes funções:

a) Realização de análises,

ensaios e peritagens sobre materiais têxteis e processos tecnológicos de produção têxtil.

b) Ensino profissional têxtil em Institutos Industriais e Escolas Técnicas.

c) Direcção e «controlo» das técnicas de fabrico em fábricas de acabamento e tinturaria e estabelecimento de programas de «controlo» de qualidade nas unidades fabris de maiores dimensões.

«O curso faculta aos alunos o estudo da tecnologia química-têxtil a nível superior e permite-lhes ampla observação dos processos tecnológicos por meio de estágios realizados em unidades fabris (tanto da indústria do algodão, como da indústria de lanifícios), em laboratórios de casas produtoras de corantes e produtos auxiliares têxteis (nacionais e estrangeiras) e através de íntima ligação com o Acondicionamento e Laboratório Têxtil fundado na Covilhã pela Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, em 1952.

«O curso utiliza o equipamento e bibliografia do Laboratório Químico da Universidade, melhorando a rentabilidade do seu uso e tem sido orientado por pessoal especializado nas melhores escolas estrangeiras de tecnologia têxtil. Os alunos são beneficiados por bolsas de estudos instituídas pela Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios que também tem subsidiado a aquisição de algum equipamento laboratorial de natureza tecnológica.

«Destinado a pequenos números, como não poderia deixar de ser, em vista do seu nível, foi o curso seguido até hoje por cerca de 20 licenciados em Ciências Físico-Químicas ou em Engenharia Química-Industrial. Destes graduados, os que não se encontram impedidos em prestação de serviço militar, estão, na sua maioria, já colocados em unidades fabris e laboratórios industriais da especialidade, com a melhor aceitação.

«Estas actividades de especialização estão dentro das funções da Universidade, devendo esta fomentá-las e desenvolvê-las e, de modo algum, delas se alhear.

Passagens de da Lanid



Este é um dos modelos, em Couro-Invorno que as Lojas Lanid na próxima semana no decorrer de de modelos que se efectuarão no Hotel (dia 6), na Pousada de S. Filipe, e no Hotel Castor, no Porto (dia 8) e em Lisboa (dia 9). A Coleção inclui Paris e Lisboa, estes últimos em

Cofres de Av. Repú BANGO DO ALE

Dentadura po Finalmente pode esque

O Pó Fixativo Dr. Wernet conserva os seus dentes firmes, no lugar certo. Pode mastigar com confiança, beber líquidos quentes, rir e falar livremente, sentindo-se senhor de si, sem sequer pensar que usa dentadura.

O Dentu-Creme é a pasta de dentes especialmente concebida para dentes postiços. Contém 4 ingredientes especiais:

- 1 - Um produto especial que conserva os dentes com um aspecto saudável.
- 2 - Um produto que torna os dentes naturalmente brancos.
- 3 - Um preparado de hexacloreto anti-infeção.
- 4 - Um desodorizante que dá à sua dentadura e à sua boca uma frescura inigualável.

Usando o pó fixativo Dr. Wernet deix os dentes postiços e, com Dentu-Creme, s

O DIA DE AMANH NINGUÉM O VIU. UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR. GRANDE OURIRESARIA DA MODA RUA DA PRATA, 257

estação de serviço de auto-rádios

GRUNDIG

Põe à sua disposição um serviço técnico especializado onde pode efectuar a montagem gratuita, com garantia, do seu auto-rádio GRUNDIG, com a maior eficiência e rapidez

R. Victor Hugo, 4-C · Lisboa Telef. 712210



PARA O SEU AUTO-RÁDIO GRUNDIG PESSOAL ESPECIALIZADO GRUNDIG

TELEVISORES

Desde 98\$80 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 98\$80 Mensais, oferta da Dispensa JOVICA

ESQUENTADORES

Desde 98\$80 Mensais, com montagem incluída

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

Oferta de 24 pacotes SKIP

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA

Oferta de 16 embalagens SUN

SEM ENTRADA FIADOR

JOVICA

LISBOA | Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

ADVOGADOS — SOLICITADOR

COMUNICAÇÃO

Dr. Augusto Leite de Faria
Dr. Helder Rui Martins Leitão
Dr. Fernando Ferreira Guedes
Dr. José Luís Nunes
Sol. António Francisco de Almeida

participam a mudança dos seus escritórios para a R. Santa Catarina, 693-5.º — PORTO

OS CABOS SUBMARINOS TELEGRÁFICOS PASSARAM DE MODA

A ITALCABLE DEIXOU DE FUNCIONAR

A CABLE AND WIRELESS VAI SEGUIR-LHE O EXEMPLO

O Italcable, a segunda mais antiga companhia de comunicações em Portugal, que desde há 40 anos tinha a funcionar a sua estação de Santo Amaro de Oeiras, deixou de operar no dia 1 de Outubro. Entretanto, no fim do ano será a mais antiga das companhias a inglesa «Cable and Wireless», do chamado «cabo submarino», de Carcavelos, que deixará de funcionar. E a razão é comum: os cabos telegráficos submarinos (como são os das duas companhias) encontram-se largamente superados pelos novos meios de telecomunicações, como o rádio-satélite e cabo telefónico submarino. «O nosso sistema» — diz-nos o director da Italcable em Portugal, sr. Alessandro Bernetti — «é antigo, velho, antiprodutivo, não se justificando a sua subsistência».

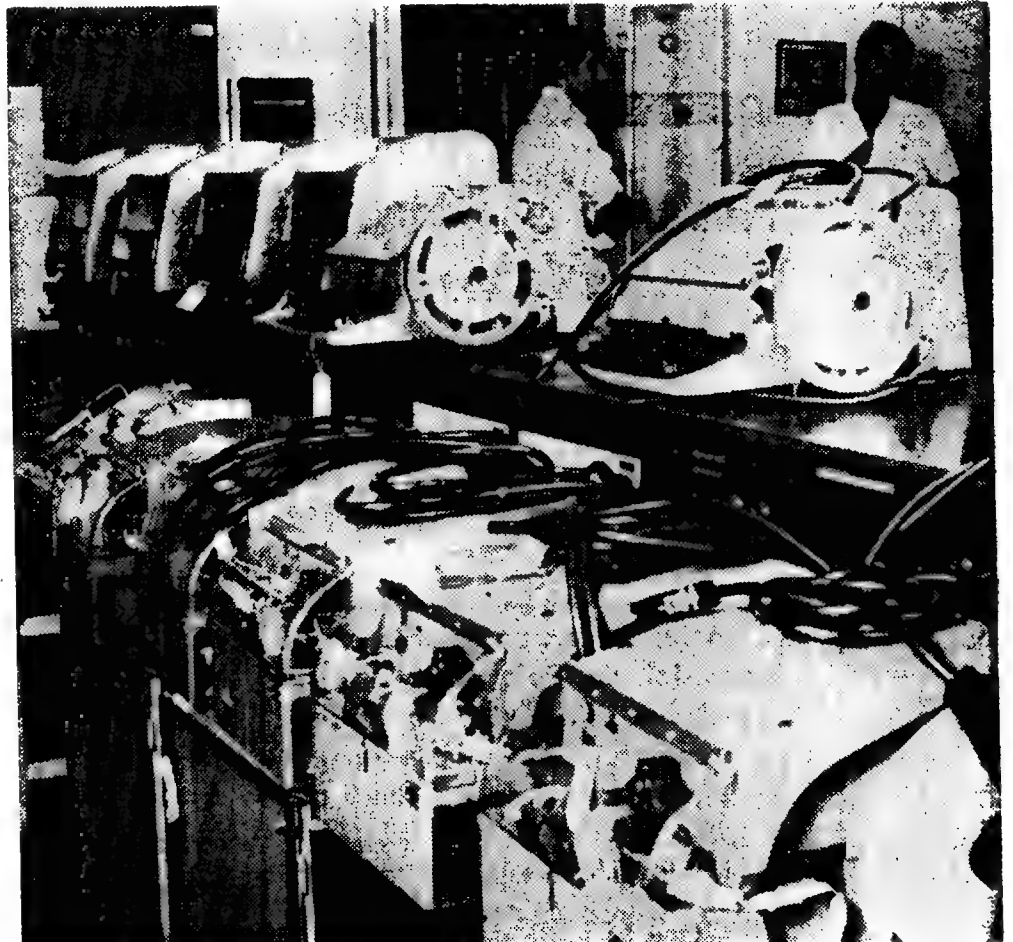
— Já não falando das comunicações via satélite — prossegue o nosso interlocutor —, o sistema dos cabos coaxiais, ou cabos sub-

marinos telefónicos, há muito suplantou, em todos os aspectos, o dos cabos submarinos telegráficos. Assim, a Italcable resolveu acabar com os seus serviços em todos os países em que eles eram apenas servidos por esses velhos cabos.

O nosso interlocutor lembra depois que, efectivamente, após a criação de uma companhia nacional, a Marconi, e desta haver montado o seu cabo coaxial de Sesimbra, não se justificava a subsistência em Portugal da representação da referida companhia italiana. Aliás, a Italcable já só recebia serviço através da Marconi com a qual tinha um acordo.

— Qual vai ser o destino do vosso cabo submarino?

— Provavelmente uma parte, no rio, e perto da costa, que por vezes pode prejudicar a navegação fluvial ou a pesca, será retirado. Todo o restante é abandonado, pois não vale a pena o trabalho de o retirar. Só no Brasil, que eu saiba, houve uma companhia com a qual se celebrou um acordo nos termos do qual eles tiravam o



Alguns da aparelhagem que «agora já não serve», vendo-se ao fundo os dois italianos que dirigiam os serviços

cabo de graça e ficavam com o ferro velho.

Quanto à restante aparelhagem, que durante estes quarenta anos serviu para enviar e receber incontáveis telegramas para (e de) todo o mundo, o nosso interlocutor ainda não sabe qual o seu destino. Está-se a proceder a inventário da mesma, sendo natural que alguma da mais antiga ainda vá parar a algum museu, e da mais moderna alguma ainda possa ser negociada.

Aliás a Italcable é também a proprietária do grande (e relativamente velho) casarão

em que a companhia se encontra instalada, em Santo Amaro de Oeiras, na Rua Afonso de Albuquerque, 20, que talvez venha a ser posto à venda.

Na Italcable, além de Bernetti e de um seu companheiro, também italiano (o primeiro há seis, e o segundo há oito, anos em Portugal — e ambos com vontade de por cá continuarem) trabalhavam mais 15 pessoas, que foram despedidas nos termos legais. Quanto conseguimos apurar algumas foram para a Marconi, ignorando-se o destino das outras.

NOVO REGULAMENTO DA ESCOLA NAVAL

O «Diário do Governo» publicou o novo regulamento da Escola Naval, promulgado em 11 de Setembro passado.

O diploma começa por definir o estabelecimento de ensino superior que tem por missão habilitar os alunos que a frequentam para o ingresso nas classes de marinha, de engenheiros maquinistas navais e de administração naval dos quadros do activo dos oficiais da Armada.

O regulamento define a missão e estrutura orgânica da escola, determina as funções dos seus vários elementos, desde o comandante,

conselho escolar, comissão de disciplina, direcção da instrução, formação escolar, biblioteca e museu, corpo docente, organização do ensino, cadeiras e instruções, classificação das qualidades militares, estatuto dos alunos, regime disciplinar.

Em anexos se determinam diversos factores, como a distribuição das disciplinas pelos quatro anos do curso.

O comandante da escola será um contra-almirante ou comodoro da classe de marinha, sendo o imediato um capitão-de-mar-e-guerra da mesma classe, bem como o director da instrução.



Italcable: uma porta fechada, após 40 anos de serviço em Portugal

de modelos
lanidor



em Courtelle, da Coleção
Lanidor vão apresentar
ecorrer de quatro passagens
ão no Hotel Tivoli, em Lisboa
Filipe, em Setúbal (dia 7),
dia 8) e no Teatro Villaret,
ão inclui modelos de Londres,
últimos criações Lanidor

de aluguel
República, 3
ALENTEJO

a postíça?
esquecer-se dela!



Wernert deixará de se preocupar com
Dentu-Creme, sorria e esqueça-os.

SERVIÇOS DE CHA

GRANDE VARIEDADE
TODOS OS ESTILOS

Ourivesaria PIMENTA

Rua Augusta, 255 — LISBOA

Seja independente!

em propriedades
o seu dinheiro valoriza-se

**Andares e Apartamentos
Mobilados
desde 150 Contos**

J. PIMENTA, S. A. R. L.

A maior organização comercial e industrial do País no sector de propriedades. A única que projecta, constrói, decora, vende e administra as propriedades dos seus clientes.

J. PIMENTA, SARL, só constrói em zonas de rápido desenvolvimento e valorização.

Em Paço de Arcos, a 100 metros da praia e da estação de Caminho de Ferro, pode adquirir o seu Apartamento Mobilado com requintado bom-gosto e grande conforto.

Se o habitar, contemplará uma magnífica vista de mar e se lhe interessar usufruir o seu rendimento fará um bom investimento de capital porque se trata de uma zona de rápida valorização e desenvolvimento

— Nô de ligação à marginal e piscinas para construção imediata —

VENDA
ALUGUER
RENDIMENTO

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 4 58 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 2433511
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Telef. 28 25 75
Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88

UMA CASA
PARA
QUALQUER CASO



Novas instalações para a Liga Portuguesa de Deficientes Motores

A Liga Portuguesa de Deficientes Motores vai ter novas instalações, a construir em terreno (7000 metros quadrados) cedido pela Câmara Municipal de Lisboa, no Realito.

Estas novas instalações se, por um lado, vêm corresponder a um desejo antigo dos dirigentes da Liga que, há muito, luta com falta de instalações, por outro lado representam novos encargos para uma instituição particular que é subsidiada pelo Estado.

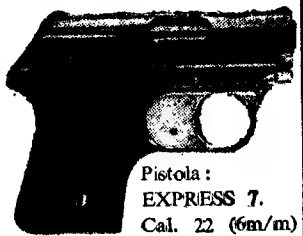
Em face da situação, a Liga vai promover uma série de actividades que lhe permitam angariar fundos para fazer face à construção das novas instalações. A primeira dessas iniciativas é uma tombola a inaugurar no dia 3, às 16 horas, no Largo do Martim Moniz e que funcionará das 9 à meia-noite, até 15 de Novembro.

ORGÂNICA DAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

Um decreto, pelo Ministério de Ultramar, insere disposições legislativas necessárias a satisfazer diversas propostas formuladas pelos Governos das províncias ultramarinas de Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique e Macau.

Assim na Guiné é criado o lugar de administrador da Imprensa Nacional; é alterado o quadro de saúde e enfermagem da P. S. P. de Angola; nos Serviços de Centralização e Coordenação de Informações de Moçambique, criados os lugares de subdirector e de chefe de secretaria e no Corpo da P. S. P. de Macau, aumentado um lugar de comandante de secção, extinto o de adjunto e criado, também, o lugar de subchefe de estenografia.

Só 175\$00!...



Pistola:
EXPRESS 7.
Cal. 22 (6m/m)

7 tiros. Automática.
Preço Popular: 175\$00.
Cargas 100 tiros: 50\$00. Escova e lata de óleo especial: 20\$00. Córdão: 45\$00. Esta sim... Parece automática.

A mais perfeita pistola de alarme inventada. Em aço. Peso normal 350 g.

VENDA LIVRE
MANDO A COBRANÇA
— Espingarda de caça marca Francesa SAINT-ETIENNE, INOX, Cal. 12/70 mm. especial modelo, s/Postos. Armas de Recreio, Caça e Defesa. Cartuchos de caça. Faz-se trocas.

O Representante
A. A. FERREIRA
Rua Angelina Vidal n.º 35-C
LISBOA-1

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Conclusões do Congresso Nacional de Arqueologia

COIMBRA, 6 — Terminado o II Congresso Nacional de Arqueologia, que decorreu nesta cidade, surgem agora as respectivas conclusões: 1.º — Que o III Congresso Nacional de Arqueologia se realize em 1973 e constitua uma homenagem a Martins Sarmento; 2.º — Que em futuros congressos nacionais de arqueologia, seja de 30 minutos, pelo menos, o tempo consagrado à discussão de cada comunicação; 3.º — Que se prepare um colóquio nacional especialmente destinado à normalização de linguagem arqueológica (este deverá funcionar, em regime de mesa-redonda, por secções específicas, em cada uma das quais um relator lerá o texto básico posto à disposição dos interessados com, pelo menos, 15 dias de antecedência; o prazo de preparação deste colóquio não deverá ser inferior a dois anos; 4.º — Que, ao realizarem-se obras públicas ou particulares, que impliquem o remeximento de vestígios arqueológicos, sejam essas obras

acompanhadas por arqueólogo competente e superiormente designado; 5.º — Que se erigir em Portugal um centro universitário de estudos numismáticos; 6.º — Que sejam retomadas as escavações realizadas por Santos Rocha nos Outeiros de Santa Oláia e Ferrelleto (Montemor-o-Velho); 7.º — Que se enviem, com a possível urgência, todos os esforços necessários para que as ruínas de Milreu (Faro) sejam devidamente salvaguardadas, defendidas e valorizadas, e posteriormente escavadas com o reclamo a importância arqueológica e turística do sítio; 8.º — Que da tese doutoral de Th. Aushil sobre Milreu seja feita uma versão resumida, que possa servir de guia turístico das ruínas; 9.º — Que prossigam activamente as escavações do templo visigótico de S. Gião (Famalicão da Nazaré), se promova o necessário restauro e consolidação do monumento e sejam adquiridos, pelo Estado, o edifício e terreno envolventes.

ora diga-nos...

— Usa botões de punho?

Botões de punho: uma sequência de gestos delicados, complicados, atrapalhados... Ah, como são práticos os botões pregados com agulha e linha!



● Disse-nos o sr. José Castilho Romão, industrial:

— Não uso botões de punho.

— Nunca usou?

— Nunca. É coisa que não faz falta a ninguém...

● A sr.ª D. Luciana Gomes da Costa pronunciou-se deste jeito:

— Uso, pois!

— Sim...?

— Uso por garridice. Ficam tão bem nos punhos de uma linda blusa! E, então, quando são douradinhos, é mesmo uma beleza! Que tal acha estes...?

— Lindos, lindos!



● Por último, as palavras de Salvador Joa-

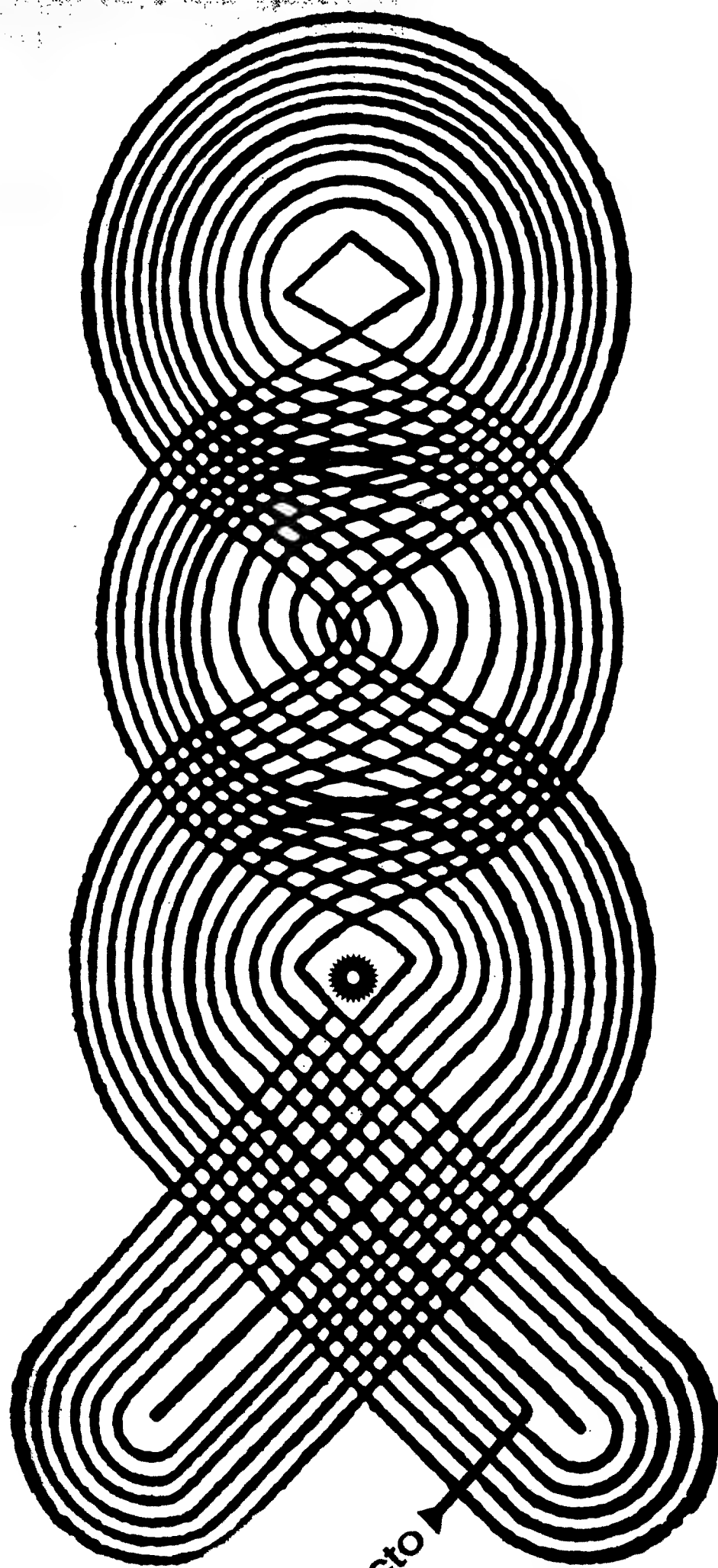


quim Guerra Santana, empregado de escritório:

— As vezes lá ponho uns botões de punho... Mas — quer que lhe diga?

— Diga! Diga!

— Sou um homem arregaçado! Gosto é de andar de mangas arregaçadas! De Verão, então, é sempre meia-manga!



um só caminho é o caminho exacto

O Turismo dá dividendos.
Invista nessa realidade palpável.
Conheça as opções
que a TORRALTA lhe proporciona
mesmo que disponha de pouco dinheiro.
Amplie o seu capital,
informe-se na TORRALTA.



TORRALTA

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A — Telef. 51748 - 555681 — 54479 - 42139

Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 6 de Outubro de 1940 publicava:

«VICHY — Enquanto aguardamos o Tratado de Paz, a nossa política estrangeira não pode deixar de ser política de lealdade para com os nossos vencedores, expectativa no domínio europeu e de defesa energética do nosso império colonial» — declarou Baudouin, ministro dos Estrangeiros, ao jornal «France — Bordeaux — Sud Ouest».

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S. A.

R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

CAMISAS F. MEDIDA HIRONDELLE

R. Pedro Nunes, 39 (ao Saldanha)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

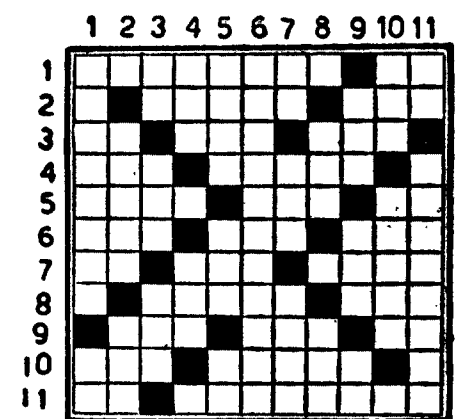
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5677

HORIZONTAIS: 1 — Teceram. Cidade da antiga Caldeia. 2 — Ser humano. Ilha do estado da Baía. 3 — Prata (s. q.). Chefe etíope. Preposição. 4 — Igual. Extinto. 5 — Planta umbelífera. Nome de um planeta. Apellido. 6 — Arbusto da China. Rio de Portugal. Preposição e artigo (pl.). 7 — Em partes iguais. O mesmo que res. Lango frato de terra banhado por um rio. 8 — Bando de animais correndo. Acrescente. 9 — Saudável. Sufixo que designa pequenez. Sufixo que designa estado. 10 — Negativa. Branqueiras com cal. 11 — Artigo definido (ant.). Vestimentas rústicas.

VERTICAIS: 1 — Enganos. Neon (s. q.). 2 — Conquista. Chiste. 3 — Interjeição que exprime admiração. Braço de mar. Sustentivo. 4 — Maior. Irmão do pai. 5 — Estimam. Arara (Bras.). Cabeleira branca. 6 — Desempatar. 7 — Antes do meio-dia. Sala frequentemente à rua. Moeda portuguesa de Dio. 8 — Prende. Rio da Suíça. 9 — Sufixo que designa pequenez. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Senhor. 10 — Liga. Salário. 11 — Batráquio. Domésticos.

Resolveu completamente este problema. Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

IV RALLYE INTERNACIONAL TAP

O finlandês Simo Lampinen é o provável vencedor da prova

• José Lampreia («Datsun») deverá ser o português melhor classificado

Dos 131 concorrentes que na passada quarta-feira iniciaram o 4.º «Rallye Internacional TAP», apenas 25 chegaram ontem ao Estoril, final da prova. Mesmo assim é o número de finalistas mais elevado na história da competição e isso deve-se essencialmente às magníficas condições de tempo encontradas pelos concorrentes nas zonas mais selectivas do percurso. E se alguns problemas existiram quanto às condições de tempo esses foram apenas os provocados pelo excessivo calor que se fez sentir em muitos pontos do itinerário.

As classificações oficiais só hoje às 18 horas serão afixadas. No entanto, segundo um cálculo baseado nos resultados dos troços cronometrados e nas penalizações dos controlos mais difíceis de cumprir, prevê-se que o vencedor seja o finlandês Simo Lampinen (Lancia Fulvia HF), seguido de o italiano Sandro Munari, num carro igual, e do sueco Waldegaard (Porsche 911-S).

José Lampreia-Christian Melville, em Datsun, devem ter assegurado o quarto lugar, sendo assim a equipa portuguesa, melhor classificada. Uma classificação que, a confirmar-se, para estes ou para qualquer outro conjunto nacional, será brilhantíssima, atendendo aos grandes nomes que estiveram presentes na prova. Por marcas avulsas deve ir para a Porsche, enquanto a Datsun chegando ao fim com 8 vitórias das 10 com que alinhou a partida, uma das quais foi perdida por razões alheias à competição e à mecânica — a de Francisco Santos — registou um sucesso verdadeiramente notável e que não passou despercebido às equipas de fábrica estrangeiras presentes.

A taça das Senhoras pertencerá a Marie Claude Beaumont, única a terminar.

A última etapa

A etapa para a última etapa foi dada em frente ao edifício da Câmara Municipal do Porto. Lampinen foi o primeiro a sair, seguindo-se os restantes, com intervalos de 1 minuto, pela mesma ordem que tinham chegado ao Porto. Ao todo saíram para esta última fase 65 equipas, Francisco Santos, em boa posição, abandonou no Porto em consequência do subito falecimento de uma pessoa de família. Isto viria a roubar-lhe todas as possibilidades de conquistar o título de campeão nacional para o que lhe bastaria terminar esta prova. Os concorrentes tomaram o caminho de Viana do Castelo. Em Santa Luzia iniciava-se a sexta prova de classificação. Nos lugares da frente um lote de grandes nomes estrangeiros lutavam pelas melhores posições e não nos lembra de outro Rallye em Portugal onde os dez primeiros lugares estivessem tão disputados e as muta-

praticamente até à chegada ao Estoril, verificada em ambiente de invulgar entusiasmo.

Com a anulação do troço da Cabreira os concorrentes puderam descansar um pouco mas algum tempo depois esperava-se o troço da Senhora da Graça. A luta pelo primeiro lugar trava-se entre os homens da Lancia, Tony Fall, que era o único sobrevivente da Ford com possibilidades e Ove Andersson, em Alpine. Van Bergen tentava aproximar-se muito deles e começava a jogar a sua carta, mas no Cavalinho uma avaria na direcção obrigou-o a abandonar. O famoso «-africano», contudo ficou com o carro intacto.

Em Mondim de Basto, Tony Fall passou no comando da prova depois de uma recuperação espectacular. Seguiam-se Lampinen, Munari e Waldegaard. Colação Marques Romãozinho eram os melhores portugueses, respectivamente em 7.º e 8.º lu-

guns dos melhores tempos verificados: Lampinen (Lancia), 1.15.20; Waldegaard (Porsche 911-S), 1.08.29; Christian Melville (Datsun), 1.14.80; Romãozinho (Citroën), 1.21.02; Henri Greder (Opel 1900 GT), 1.14.26; Marie Claude Beaumont (Opel 1900 GT), 1.22.09; Américo Nunes (Porsche 911-S), 1.15.71; Silva Loureiro (Datsun 1200), 1.14.72; António Peixinho, (1.35.89).

A chegada ao Estoril

A chegada dos concorrentes ao Estoril verificou-se a partir das 10 e 30 de ontem. As horas de entrada no «controle» de chegada foram as seguintes: Lampinen (Lancia), 10 h. 30 m. 03 s.; Munari (Lancia), 10.35.10; Waldegaard (Porsche 911-S), 10.47.12; Romãozinho (Citroën), 10.55.26; Américo Nunes (Porsche 911 S), 11.05.19; Giovanni Salvi (Porsche), 11.13.20; António Peixinho (Alfa Romeo), 11.22.29; Chavan (Datsun), 11.26.15; Roy Fidler (Ford), 11.38.15; Luybregts (Daf), 12.03.17; John Barter (Ford), 12.11.19; Silva Loureiro (Datsun), 12.11.33; Marie Claude Beaumont (Opel), 12.12.00; Henri Greder (Opel), 12.13.02; Bandeira Vieira (BMW), 12.15.20; Evaristo Saralva (Datsun), 12.16.23; Onamria (Porsche), 12.19.12; Conde Botelho (Citroën), 12.20.27; Jausen (Datsun), 12.30.01; Nascimento Costa (Datsun), 12.37.09; David Cabral (Datsun), 12.45.19; De Jong (Daf), 12.51.17.

ções fossem tão repentinas. Os portugueses Lampreia e Romãozinho tentavam tam-

Dos nossos enviados-especiais

AUGUSTO VILELA

e AVELAS COELHO

bém tomar parte nessa discussão, tal como António Peixinho e Colação Marques que, enquanto esteve em prova esteve em plano de evidência. No Gerês o melhor tempo foi para Munari (Lancia), com 10.25, seguido de Lampinen (Lancia), Anderson (Alpine) e Waldegaard (Porsche), com 10.27. Van Bergen (Datsun), 11.07, Holtier (Alpine), 11.11, Peixinho (Alfa-Romeo) 11.13, Colação Marques (Porsche), 11.13 e Francisco Romãozinho (Citroën), 11.33.03. Entretanto as desistências iam aumentando. Em Terras do Bouro ficou o (Saab) de Carpinteiro Albino com a direcção partida.

Em Viana do Castelo a equipa n.º 118 (Eric Macário-dr. Ruela Ramos), em Saab, que vinha a fazer uma prova excelente para uma boa classificação no Grupo 1 (boas hipóteses de serem vencedores) teve um problema na direcção que obrigou a modificar o andamento. Uma solidadura de recurso em Arco de baulhe pareceu ter resolvido o problema. Na passagem pelo Luso, porém, a peça avariada voltou a ceder. Continuaram em prova mas viriam a desistir na última zona selectiva do percurso, na Pampilhosa, com a direcção aberta. Não se despitaram porém.

As desistências de Toni Fall e de Ove Anderson não deixaram os homens da (Lancia) tranquilos. Havia ainda um Waldegaard capaz de, nos últimos quilómetros provocar um «voite-face» na situação. Daí que o ritmo da competição nunca abandonou e a expectativa manteve-se

gares. O francês Greder chegou doente e preparava-se para desistir. Uma medicação que lhe foram oferecidos em Mondim de Basto permitiram-lhe continuar na prova embora com muitas dificuldades. As classificações porém viriam a definir-se em Góis Arganil Lousã e Luso onde todos deram tudo por tudo. Gradualmente reduzia-se o número dos favoritos.

Um «rallye» quase completo

A maneira como decorreu o 4.º Rallye TAP poderá dar origem a grande controvérsia, mas há opiniões em grande número que lhe dão nota altamente positiva.

— É um Rallye quase completo — declarou no Estoril Cesar Fiori, director desportivo da (Lancia). As posições foram determinadas na estrada nos troços cronometrados o que obriga os pilotos a um trabalho intenso. Assim estão sempre em actividade. Penso que este Rallye tornar-se-á, muito rapidamente, um dos mais importantes da Europa. Veja-se aliás o interesse que as marcas já puseram este ano na prova portuguesa. Para vencermos encarámos o Rallye muito a sério e treinamos intensamente. Fomos muito preparados.

A complementar do Estoril

Ontem à tarde, nos arruamentos do Casino Estoril realizou-se a prova complementar de «Slalom» apenas com funções de desempate na classificação. Nela podiam também tomar parte os concorrentes que desistiram. Al-



ENTRE DUAS ETAPAS... UM EXAME

Luis Salles Grade (à esquerda), tomou há tempos o compromisso de ser «co-équipier» de Luis Carpinteiro Albino no «Rallye» TAP. Inesperadamente caiu-lhe um exame a coincidir com o «Rallye». Compromissos são compromissos e ele conseguiu conciliar o desporto e os estudos. No intervalo da 1.ª para a 2.ª etapa, durante a breve paragem do «Rallye» em Lisboa, Luis Salles Grade foi à Faculdade de Ciências fazer o seu exame de cálculo infinitesimal. Os seus cálculos no «Rallye» estiveram certos e ele foi um dos que terminaram. Esperamos que no exame tenha sido igualmente certo.

Reuniram-se (para recordar) 300 antigos jogadores de futebol do Benfica

Objectivo alcançado. Na tradicional festa anual do Sport Lisboa e Saudade (agora a comemorar o 27.º aniversário) aconteceu, efectivamente, aquilo que se pretendia: confraternização. Confraternização justamente apelidada de «gigante» — graças à ideia de Francisco Calado em reunir todos os futebolistas que representam o Benfica.

Evocação dos futebolistas já falecidos, através da missa realizada na capela da Luz; tarde de futebol, onde algumas «velhas glórias» fizeram o «gosto ao pé» ante o agrado de quantos assistiram; e, por fim, um jantar

que decorreu no restaurante do Estádio da Luz e que reuniu cerca de três centenas de convivas.

Vários oradores fizeram de evocação e de saudade. Também de incentivo e de esperança num futuro sempre melhor. Desportistas que continuam a sério, mesmo depois da prática «futebol», entre outros, Jaime Cortesão Duarte, António Adão José Castilho, José Bastos Justino Pinheiro Machado, António Simões e Joaquim Margarão.

No final, a união havia sido cimentada. Era isso, exactamente, o que se pretendia.

HIPISMO

Piero d'Inzeo, A. Segovia e P. Henri vencedores das provas da 3.ª jornada do C.H.I.O.

O 59.º Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa continua a corresponder às melhores previsões, desenvolvendo-se com crescente interesse. A jornada de ontem foi a terceira e o público tão numeroso como na véspera, mas, talvez, mais ruidoso e entusiasmado do que no dia anterior, atraído certamente pela realização da prova de Potência, que, em qualquer certa- me tem sempre lugar à parte.

Na prova «A Tabaqueiras», disputada em percurso de caça, pela tabela C, entraram 29 conjuntos (estavam inscritos, 44).

A classificação foi a seguinte:

1.º ten. cor. Piero d'Inzeo, (IT), no «Red Fox», 70.35; 2.º António Caldeira, na «Gitana», 70.75; 3.º, Alfonso

Segovia (Esp.), no «Roque-lo», 75.9; 4.º, ex-aequo Francisco Lobo Guedes, na «Endiabrada» e ten. Gama, no «Gamo Escuro», ambos com 76.3 s; 6.º, maj. Alvaro Sabido, no «Marau», 77.1 s; 8.º Mario Baumgartner (Suíça) no «Frusha», 77.4 s; 8.º Maria Manuela de Castro, na «Farpa», 78.9 s; 9.º, cap. Paul Weier, (Suíça), no «Montejo», 81.1 s; 10.º, Francisco Caldeira, no «Can Can», 82.1 s.

A prova «Mateus Rosés» redundou numa das melhores provas de «Potência», a que se terá assistido nos últimos tempos.

Dos 26 conjuntos inscritos 20 foram apurados para a 1.ª «barragem». E depois: 12 para a 2.ª, 8 para a 3.ª e 4 para a 4.ª. A selecção de valores fez-se, portanto, num ritmo regular.

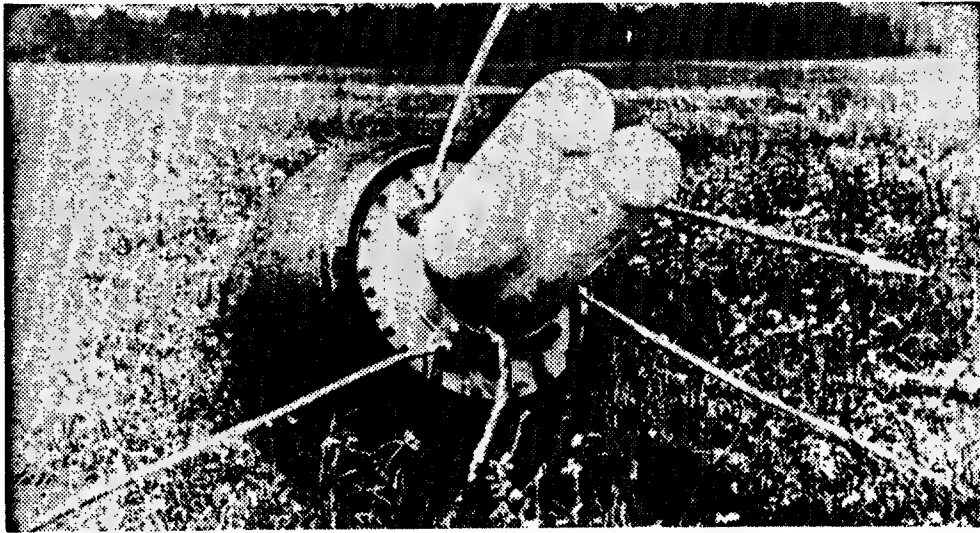
As três primeiras «barragens» foram feitas sobre três obstáculos («pendish», «murro», e «corer»); na 4.ª os concorrentes só foram obrigados ao «pendish» (1.80 m x 2.20 metros), e ao muro (2 metros).

Os portugueses apurados para a 1.ª «barragem» foram: cap. Fernandes Tomás («Biscuit B»), José Camêdo Pais («Hovara»), J. Vasconcelos e Sá («Crocodilo») e ten. Gama («Espora»).

Classificação:

1.º, ex-aequo; Alfonso Segovia (Esp.), no «Albain» e Philippe Henri (Fr.), no «Que Diress»; 3.º Duque de Aveiro, no «Sandy Beau», 4.º cap. Paul Weier (Suíça) no «Wildfeuer» (desistiu de desquitir a 4.ª «barragem»; 5.º, ex-aequo, ten. Gama, na «Espora» e cap. Paul Weier (Suíça), no «Wulf» ou 3.ª «barragem», 7.º, Hélio Passos (Brasil), no «Flipper», na 3.ª «barragem», 9.º, ex-aequo, Cap. Fernandes Tomás, no «Biscuit B» e José Camêdo Pais, no «Hovara», na 4.ª «barragem».

Actualidade internacional



A CAPSULA DA LUNA-16 com as primeiras amostras da Lua trazidas para a Terra por processos automáticos. A fotografia mostra a cápsula depois da aterragem em território soviético.

A República será proclamada no Camboja na sexta-feira

PHNOM PENH, 6 — (A. N. I. e F. P.) — O reino do Camboja deverá transformar-se em República na próxima sexta-feira, dia 9, segundo disseram hoje fontes bem informadas.

A abolição da monarquia e a implantação da República têm sido objecto de rumores constantes nos meios intelectuais desde que o príncipe Sihanouk foi afastado do Poder, em 18 de Março.

Segundo as mesmas fontes, deverá realizar-se um plebiscito pouco depois da proclamação da República,

para obter o apoio popular para a nova Constituição.

OFENSIVA COMUNISTA

Ontem á noite, as forças comunistas lançaram uma ofensiva ao norte de Phnom Penh, atacando uma força do Exército cambojano que se encontrava cercada e lançando, simul-

taneamente, assaltos contra as capitais provinciais de Kompong Thom e Kompong Chang.

«O ataque dos comunistas é muito grave para nós» — afirmou o major Am Rong, informador militar cambojano, ao anunciar os ataques.

Nixon regressou a Washington

WASHINGTON, 6 — (R.) — O presidente Nixon regressou a noite passada a esta capital, fatigado, mas satisfeito, após uma viagem de oito dias á Europa.

Uma multidão de cerca de mil pessoas reuniu-se num hangar, brilhantemente iluminado, na base da Força Aérea de Andrews, para saudar o presidente, após o seu avião chegar a meio da tarde, vindo de Dublin.

Foi uma recepção com tapete vermelho a feita a Nixon, cuja viagem á Europa foi quase unanimemente considerada nesta capital como um triunfo pessoal do presidente.

Nixon visitou a Sexta Esquadra americana no Mediterrâneo, assim como a Itália, Jugoslávia, Espanha, Grã-Bretanha e República da Irlanda durante a sua viagem, a sua terceira ao

estrangeiro como presidente.

Ao presidente, cuja viagem se destinou principalmente a relaxar o poderio naval americano no Mediterrâneo, foram conferidas honras militares ao regressar a noite passada a Washington.

Nixon chegou com o problema do Médio Oriente no pensamento como assunto mais importante a resolver, embora a política interna exija cada vez mais a sua atenção, a partir de agora até ás próximas eleições para o Congresso em 3 de Novembro.

É ainda difícil saber se a viagem de Nixon produziu os resultados desejados, mas o presidente e os seus colaboradores esperam que, pelo menos, irá contribuir para que os republicanos melhorem a sua posição em relação ao Senado.

A UNIÃO SOCIALISTA ÁRABE ESCOLHEU EL SADAT PARA SUCEDER A NASSER

CAIRO, 6 — (R.) — Anwar El Sadat, um político egípcio ferrenzamente anti-imperialista e um dos companheiros de mais longa data do falecido presidente Nasser, parece ter hoje garantido a sucessão depois de ter sido nomeado para o cargo de novo presidente do Egipto.

No próximo dia 15 realiza-se um plebiscito popular para confirmação da escolha, mas o triunfo de Sadat por grande maioria de votos parece estar desde já assegurado.

Sadat, antigo militar que tomou parte na conspira-

ção republicana de 1952, recebeu ontem á noite o apoio unânime dos 150 membros da Comissão Central da União Socialista Árabe, o único partido político do Egipto.

A sua nomeação será ainda submetida á aprovação da Assembleia Nacional amanhã de manhã, precisando de uma maioria de dois terços para ser confirmada antes de se realizar o plebiscito.

Ao apresentar o nome de Sadat, o presidente da Assembleia, Labib Shukair, disse que a nação deve evitar a todo o custo o vácuo

político deixado pela morte de Nasser. Perante a ameaça israelita não deve haver quaisquer divisões ou divergências internas, declarou.

Dirigindo-se ao eleitorado, Shukair fez um apelo para que seja conservado o regime socialista árabe

criado por Nasser.

O Egipto enfrenta um dos capítulos mais graves na sua história, pelo que a nação, embora de luto pelo desaparecimento do chefe, deve cerrar fileiras contra Israel e contra qualquer possível tentativa das forças reaccionárias.

UM ESTILO NOVO NA GUERRA RACIAL

(Continuação da 3.ª página)

idades em todo o país, foi possível concluir que:

Mais do que nunca, o polícia branco sente-se ameaçado. Sendo, praticamente, o único «estranho» que se vê no ghetto, desde há muito que tem sido um alvo das frustrações provocadas pelas condições de vida, falta de empregos e indiferença governamental. Actualmente, sente-se inclinado a atribuir essa hostilidade a intrigas e agitação provocadas pelos «panteras» e outros militantes da mesma envergadura.

— Os jovens negros e algumas pessoas de mais idade vêm cada vez mais a Polícia como um exército de ocupação hostil, cuja missão é manter os pretos dentro dos limites das suas comunidades tradicionais e servir de pelotão de execução em todas as violações, reais ou supostas, das «leis do homem branco». Na sua opinião, a Polícia parece mais preocupada em assaltar as instalações de organizações políticas do que em vigiar as ruas para evitar roubos e violações.

— Os negros mais idosos que ainda depositam fé no processo político ordeiro estão preocupados com o facto de os jovens virem a provocar uma retaliação branca em toda a comunidade negra. Dir-se-ia que os jovens desejam suicidar-se, afirmam.

*

O ambiente de guerra é particularmente acentuado em Chicago, onde vive um milhão de negros e onde impera «Black P Stone Nation», o maior dos numerosos bandos existentes. Os «Stones» afirmam que os seus inimigos já não são os outros bandos negros, mas sim a Polícia.

O sargento da Polícia Julius Frazier, um negro com 20 anos de experiência entre os bandos, diz que a vida caseira caótica dos ghettos contribui em larga medida para o problema. Muitos dos jovens vêm de fa-

mílias onde o pai e a mãe trabalham, deixando os filhos sem vigilância. Há casos em que os pais não trabalham, mas os jovens juntam-se aos bandos por estes oferecerem uma estrutura e disciplina.

A Polícia calcula que a «Black P Stone Nation» tenha 20 000 membros, mas Lamar Bell, um dos «leaders» principais, não concorda com este número pois considera-o muito baixo. «Penso poder afirmar que 75 por cento dos homens da comunidade são «stones», assevera Bell. «Somos o grupo mais forte que aqui existe. Agora, estão a tentar destruir os «stones», mas nós morreremos primeiros».

No passado mês, após um choque com os «stones» no decurso do qual um detective foi morto por uma bala de carabina, Thomas Lyons, do serviço de informações da Polícia, resumiu, numa conferência de imprensa, os sentimentos de muitos polícias brancos de Chicago:

«Aos defensores dos bandos de rua, muitos dos quais desempenham funções de carácter social ou trabalham no campo da informação, dizemos: malditos sejais. Aos residentes na comunidade que vivem no temor dos bandos, suplicamos que nos ajudem a libertar a comunidade desta escumalha».

Bell e outros «stones» dizem que a luta que travam se explica pela necessidade de empregos e outros recursos, a fim de construírem a sua própria comunidade á sua maneira.

A taxa oficial de desemprego relativamente ás idades compreendidas entre os 16 e os 21 anos, na zona sul da cidade onde os «stones» se encontram na sua maior força, é calculada em mais de 30 por cento, ligeiramente acima da taxa nacional referente aos jovens negros. Mas os especialistas das questões do trabalho pensam que a verdadeira percentagem, aqui e noutros sítios, pode ser o dobro da indicada.

Outro ponto sobre o qual não se

chegou a acordo é o número de jovens que vagueiam pelas ruas em vez de frequentarem a escola. Segundo as autoridades escolares de Chicago, a percentagem dos alunos que abandonam os liceus situados na parte sul da cidade é cerca de 11 por cento, mas é possível que seja muito mais elevada.

Os malogros persistentes na escola e o facto de nada terem que fazer cá fora, não deixam ao jovem negro de Chicago outra alternativa que não seja «juntar-se aos bandos e passar o tempo como puder», para usar as palavras de Charles Davis, de 17 anos de idade.

Davis lamentava a morte, três dias antes, de um amigo de 17 anos, cujo corpo, crivado de balas, fora encontrado á porta de uma casa no lado sul da cidade.

«Não sei o que lhe aconteceu. Aqui tudo é possível».

Cidade após cidade onde estalou a violência entre os jovens negros e a Polícia, as organizações tradicionais dos direitos cívicos associaram-se a fim de estudar os problemas que perturbam a juventude. O desafio que estes negros mais idosos enfrentam subsistirá para além deste Verão de violência:

Serão eles capazes de descobrir a maneira de comunicar realmente com os poderes estabelecidos?

O dr. Spiegel, do Centro Lemberg, é de opinião que se deveria diminuir o número de polícias brancos na comunidade negra. «Eles têm opiniões tão profundamente divergentes», diz ele referindo-se á polícia branca e á juventude negra. E conclui:

«A Polícia, que faz cumprir a lei, e os grupos de jovens negros estão cada vez menos interessados em resolver os conflitos da comunidade por meio de conversações ou negociações. Pelo contrário, cada parte parece estar a tentar estabelecer o seu poder hostilizando e intimidando. É uma tragédia».

S. R.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

Direcção-Geral da Contabilidade Pública

Conforme aviso publicado no Diário do Governo 2.ª série, de 18 de Setembro de 1970, está aberto concurso para terceiros-oficiais desta Direcção-Geral, entre indivíduos do sexo masculino, de idade não inferior a 20 nem superior a 35 anos, que possuam pelo menos o 2.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes.

Os interessados deverão apresentar o seu requerimento, que poderá ser feito em impresso próprio a fornecer pela Repartição do Expediente desta Direcção-Geral, o qual será acompanhado apenas do certificado de habilitações.

Serão fornecidos a todos os candidatos os elementos de estudo necessários para a sua preparação.

MINISTÉRIO DA MARINHA

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE ARMAS NAVAIS

Conselho Administrativo

FORNECIMENTO DE MÁQUINAS-FERRAMENTAS

Faz-se público que se encontra aberto concurso, perante este Conselho Administrativo, para fornecimento de máquinas-ferramentas destinadas ao apetrechamento de oficinas.

As propostas, acompanhadas do último recibo da Contribuição Industrial, serão recebidas na secretaria deste Conselho Administrativo, até às 16.30 horas do dia 8 de Novembro de 1970, devendo, no acto da entrega, ser efectuado um depósito provisório de 10.000\$00, em dinheiro.

As Condições Gerais e Especiais do concurso e do fornecimento encontram-se patentes na secretaria deste Conselho Administrativo, no Alfeite, todos os dias úteis, excepto sábados, das 9.30 às 12.30 e das 13.30 às 16.45 horas e aos sábados das 9.30 às 12.30 horas.

A abertura das propostas terá lugar na sede do Conselho Administrativo, no Alfeite, ás 14.30 horas do dia 9 de Novembro de 1970.

ALFEITE, 19 de Agosto de 1970.

O PRESIDENTE DO CONSELHO ADMINISTRATIVO
António Caires da Silva Braga
Cap.-mar-guerra

Indemnização de 8750 contos exigida por Zsa Zsa

NOVA YORK, 6 — (R.) — A estrela cinematográfica Zsa Zsa Gabor intentou ontem no tribunal federal desta cidade uma acção, pedindo uma indemnização de 300 000 dólares (8750 contos), contra a Waldorf Astoria Hotel Corporation, alegando que essa empresa falhara em protegê-la contra roubo de jóias no valor da indemnização requerida, que lhe foram tiradas no hotel.

Zsa Zsa Gabor alega na acção que o Waldorf Astoria se mostrara negligente ao deixar aberta uma porta através da qual dois bandidos entraram no edifício e lhe roubaram as jóias, das 12 e 45, de 19 de Agosto. Diz ainda que muito poucos empregados guardavam o vestíbulo do hotel.

A actriz revela que regressava ao seu apartamento nas torres do hotel, pelo qual pagava 3000 dólares mensalmente, quando os bandidos a seguiram até um elevador e lhe roubaram dois anéis, um deles de grande valor, e um par de brincos de diamantes.

Ovando Candia disposto a lutar para se manter no Poder

LA PAZ, 6 — (R.) — O presidente Ovando Candia parece estar disposto a lutar para se manter no Poder depois de ter rejeitado o pedido do Exército para apresentar a demissão.

Oficiais partidários do presidente e do general Rogelio Miranda, da extrema direita, que no domingo tentou derrubar Candia, pediram a ambos que se demitam, numa aparente tentativa de compromisso destinada a evitar uma guerra civil.

A reacção do presidente, porém, foi a de mobilizar imediatamente as forças blindadas de Cochabamba que se mantêm fiéis ao Governo, ao mesmo tempo que a guarda presidencial continua de prevenção no palácio e aviões da Força Aérea sobrevoam a capital.

Ao ser intimado a apresentar a demissão, o presidente Candia apareceu a uma varanda do palácio perante numerosa multidão de partidários ali concentrados e declarou: «O Poder não está num grupo de oficiais mas sim no povo».

Os observadores pensam que um numero quase idêntico de unidades militares apoia o presidente e o seu rival, o general Miranda, comandante do Exército, mas aparentemente o presidente conta com as melhores unidades.

Entretanto o ministro do Interior, coronel Juan Ayo-

roa, notório elemento das direitas, demitiu-se.

Os oficiais que apoiam Candia e Miranda reuniram-se ontem em La Paz para discutir a situação e por 317 votos contra 40 resolveram pedir a ambos

que se demitam.

Entretanto, esses oficiais estão a tentar decidir quem deverá ser o novo presidente, mencionando-se o nome do general Hugo Banzir, actual director da Academia Militar desta cidade.

CEAUSESCU VISITA OS EUA ESTE MÊS

WASHINGTON, 6 — (R.)

— O presidente Nicolae Ceausescu, da Roménia, virá, segundo se espera, este mês a esta capital, durante a sua visita aos Estados Unidos para assistir à assembleia geral da O. N. U., segundo afirmaram a noite passada funcionários da embaixada romena.

Não foi feita ainda qualquer comunicação oficial sobre qualquer encontro de

Ceausescu com o presidente Nixon, mas espera-se que tal encontro ocorra ainda este mês.

O presidente Nixon visitou Ceausescu em Bucareste durante a viagem que efectuou o ano passado à volta do mundo.

É, também, provável, que o presidente Ceausescu visite ainda Los Angeles, São Francisco e Detroit.

Raptado no Canadá um diplomata britânico

MONTREAL, 6 — (R.) — As autoridades canadianas parecem não estar dispostas a negociar com os terroristas da extrema esquerda que raptaram o diplomata britânico James Cross e pedem um elevado resgate por ele. Cross é um diplomata de carreira de 49 anos que desempenha as funções de comissário britânico para o comércio e foi ontem levado de sua casa por quatro elementos do grupo separatista francês Fronte de Libertação do Quebec.

O diplomata sofre de tensão arterial elevada e precisa de tomar duas vezes por dia comprimidos, que não tinha em seu poder quando foi raptado, pelo que o seu estado de saúde inspira cuidados.

POMPIDOU EM MOSCOVO

MOSCOVO, 6 — (R.) — O presidente Georges Pompidou, da França, chegou hoje a esta capital para uma visita oficial, durante a qual afirmará a sua lealdade à política do presidente de Gaulle de elos íntimos com a União Soviética.

O presidente Pompidou chegou às 14 horas locais (11 T. M. G.) e iniciará conversações com dirigentes soviéticos duas horas e meia depois de desembarcar do seu avião especial, em que viajou de Paris.

Numa entrevista gravada antes e exibida no sábado

Janis Joplin encontrada morta

HOLLYWOOD, 6 — A cançonetista «pop» americana Janis Joplin foi encontrada morta, num quarto de hotel, nesta cidade.

Albina Fernandes Pato

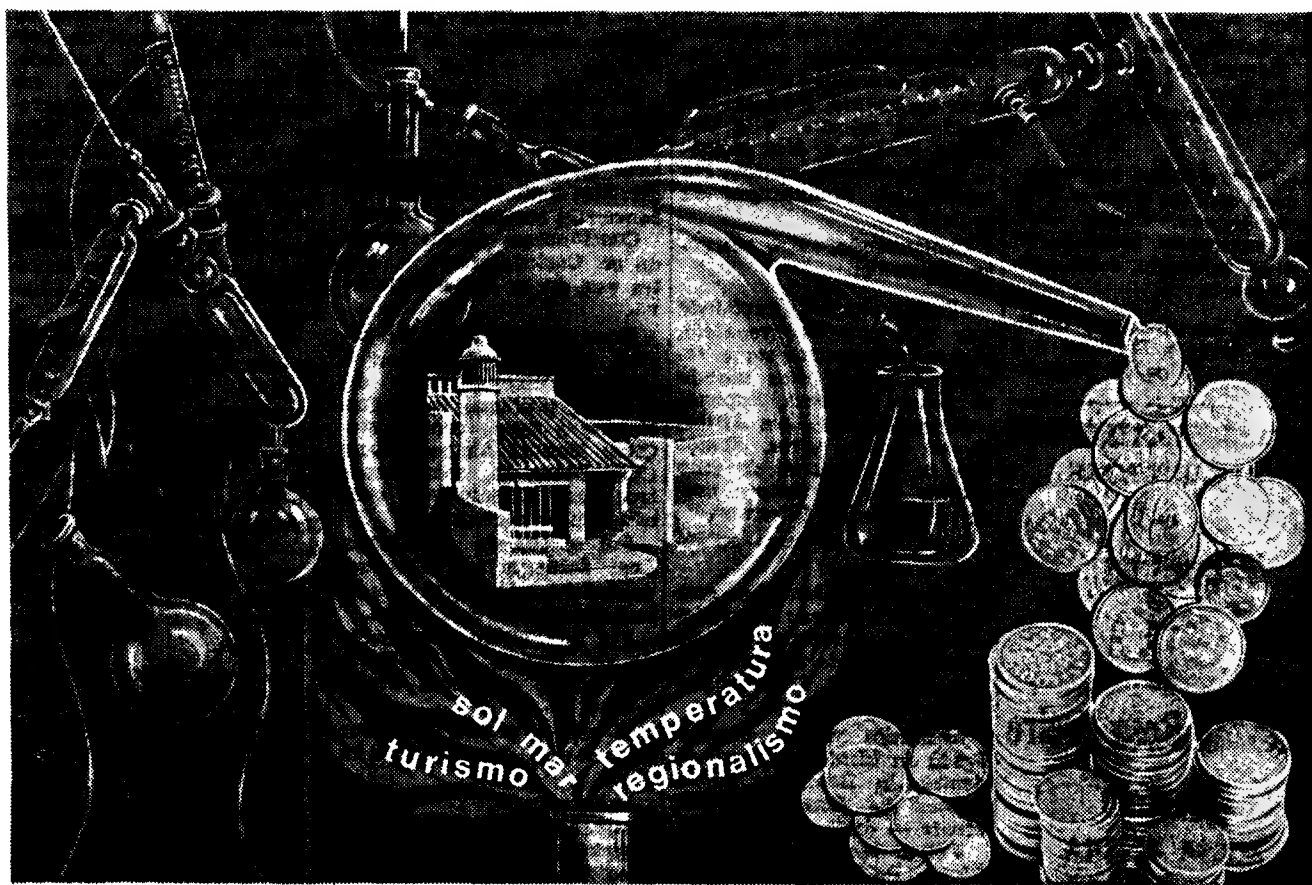
Seu marido Octávio Rodrigues Pato, filhos, pais, sogros, irmãos, cunhados e mais família participam o falecimento de sua mulher, mãe, filha, nora, irmã, cunhada e parente, que deixa profunda saudade aos familiares e seus numerosos amigos pelo alto exemplo de dignidade que foi a sua vida.

O corpo encontra-se exposto desde hoje, a partir das 20 h. no Instituto de Medicina Legal, de onde sairá o funeral amanhã, 4.ª-feira, às 16.30 h., para o cemitério de Vila Franca de Xira.

Albina Fernandes Pato

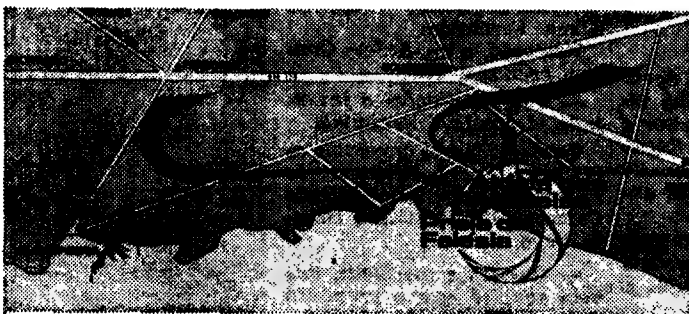
Seus amigos participam o seu falecimento e convidam todos aqueles que quiseram prestar homenagem à mulher que foi um exemplo de coragem, dignidade e dedicação.

O corpo encontra-se exposto a partir das 10 h. de hoje no Instituto de Medicina Legal de onde sairá o funeral, amanhã, pelas 16.30 h. para o cemitério de Vila Franca de Xira.



INVISTA O SEU CAPITAL NA "ALDEIA DAS AÇOTEIAS"

Nós PROMOVEMOS TURISMO. Nós somos o TOURING CLUB DE PORTUGAL, Indústria Turística, S.A.R.L. e convidamo-lo a associar-se ao nosso EMPREENDIMENTO TURÍSTICO • Praia da Falésia - Albufeira - Algarve.



Recorte o coupon abaixo e envie-o à Divisão de Vendas do Touring Club de Portugal, a fim de receber, sem qualquer compromisso, informações detalhadas sobre este complexo turístico

DL TOURING CLUB DE PORTUGAL "ALDEIA DAS AÇOTEIAS"

DIVISÃO DE VENDAS
Rua Rodrigues Sampaio, 21, 5.º - C e D
LISBOA Telef. 51983 - 51998

Estou Interessado em receber informações detalhadas sobre o vosso Empreendimento Turístico.

☐ Moradia ☐ Apartamento

Nome _____
Morada _____
Localidade _____
Distrito _____ Telef. _____



TOURING CLUB DE PORTUGAL "DIVISÃO DE VENDAS"
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 21-5º C e D - LISBOA • telefones - 51983 - 51998

A defesa do Ultramar preconizada num almoço de 33 velhos republicanos

Em Lisboa, trinta e três republicanos reuniram-se num almoço, para comemorar o 5 de Outubro. A reunião decorreu num restaurante do Campo Grande e foi presidida pelo dr. Acácio Gouveia, ladeado pelos drs. Carlos Pereira, Nuno Rodrigues dos Santos, Agostinho Sá Vieira e Artur Pinto da Cunha Leal. Entre os presentes, nomes conhecidos no meio republicano: os drs. Toscano de Almeida e Sargo Júnior, Francisco Vaz Simões, António Perianes Palma, Feio de Oliveira, Ribeiro da Silva, Tibério Soares, José Luís Pereira, Cotta Mesquita, Sousa Almeida, Teixeira Flávio, Carlos Duarte, Bandeira de Toro, Manuel Correia, Manuel Francisco Braga, Pereira Salreu, João Mota Veiga, Manuel dos Santos e Armindo Sousa Melo, além de D. Hilde Catanho de Menezes.

— Peço, a todos, um minuto de respeitoso silêncio pela morte do eng.ª Cunha Leal, meu antecessor neste lugar — disse, no início, o dr. Acácio Gouveia.

Depois, surgiram os tradicionais votos a Portugal e à República. E os 33 republi-

canos, «atacaram» o almoço (isto, enquanto outros assistentes se admiravam de não esgar por ali nenhum busto da República ou, sequer, uma bandeira nacional).

Antes do café, houve discursos. Disse o dr. Acácio Gouveia:

— Foi para mim extremamente agradável verificar que pessoas com extremas responsabilidades estão aqui.

Chegaram os primeiros telegramas: dos drs. Arlindo Vicente e Vasconcelos de Carvalho. E o dr. Nuno Rodrigues dos Santos pediu a palavra:

— Assisti à romagem ao Ato de S. João e vim de lá com dois sentimentos contraditórios: de há 40 anos para cá o Governo reconhece pela primeira vez que a República está consolidada. Falava, realmente, a adesão das entidades oficiais; e o Governo prestou-a. Mas lamentos os excessos de cautela em matéria de manutenção da ordem.

Continuando, entre vibrantes aplausos:

«Com a superior qualidade que ninguém lhe regateia, alguém que representa o regime falou há dias usando as nossas palavras. Batemo-nos em França e em África, já há muitos anos. Fomos nós os precursores de uma atitude que foi sempre nossa: a defesa do Ultramar.

Mais, muitos mais aplausos.

— Lutámos também contra o clericalismo: a tendência para a intervenção na política de determinados sectores da Igreja. Também isto não é hoje novidade...

«Estamos numa encruzilhada da história. Os antecedentes da República Democrática de 1910 continuam vivos» — disse, a concluir.

Falou, em seguida, o sr. Ribeiro da Silva que, a certa altura, afirmou:

— A Imprensa tem um papel a cumprir, que não cumpriu ainda. Não estão aqui representados todos os jornais. Deviam estar.

«Somos muito poucos, aqui, num dia como hoje em que se festeja aquilo que nos encheu de esperança. Mas nós, os que estamos aqui, não perdemos a esperança, a fé no futuro, mas temos entre nós tão poucos jovens que estou penalizado.

Usou então da palavra o dr. Sargo Júnior:

— Estou, na verdade, doente e inválido. Mas tenho vivos na minha alma o amor e a fé nos destinos da República. Desde os tempos de Coimbra que ando nestas andanças.

Evocou, depois, as memórias de Cunha Leal, Parada de Oliveira e João Soares. E acrescentou:

— Desafio, quem quer que seja, a medir comigo noções de nacionalismo. Há, por aí, o desejo de nos afastar das tetas úberes da Mãe-Pátria. E invocam o Ultramar. Mas não há nenhuma democracia que se preze que seja pelo abandono do Ultramar.

«Sou filho de um soldado raso das tropas de Alves Roçadas. A história de Portugal em África já foi escrita há muito: por Paiva Couceiro, Mouzinho, António Enes, Cunha Leal e, acima de todos, por Norton de Matos». Após uma prolongada ovacão:

— Em Nova Lisboa, recentemente, o Presidente do Conselho sentiu o impulso de ir prestar homenagem a esse grande democrata. Foi, não podemos negá-lo, um acto de justiça oficial.

Muitos mais aplausos. E a palavra foi dada ao sr. Alfredo Canana. Em certo momento, disse:

— A juventude actual já enjeita os «Velhos do Restelo».

Esta frase foi uma espécie de rastilho que provocou certa turbulência. E o dr. Cunha Leal levantou-se para replicar. Mas o dr. Acácio Gouveia conseguiu serenar os ânimos. Continuaram os discursos: do sr. Carlos Duarte, e, outra vez, do sr. Alfredo Canana.

Nova interrupção. E, algum tempo depois, falou o sr. Rui Teixeira Fialho, de 30 anos, professor do ensino técnico e agora economista. Citou Manuel Alegre e Luís Cília. Falou dos seus encontros, em Champigny, com emigrantes portugueses.

Foi a vez do dr. Cunha Leal fazer o seu discurso, verdadeira afirmação de certeza na linha republicana.

Foi lida, então, uma carta do dr. Ramon de La-Feria (84 anos), que está muito doente.

E veio o grande impacto: as palavras do sr. Barata Feyo.

— Desculpem. «Queremos uma República actual, que não viva do passado. Não se tem feito, nos quadros da República, nada que não seja a evocação do passado.

Grande burburinho. E um período de interrupção até que o orador, muito animado, conseguiu prosseguir:

— É verdade que o passado existiu, mas hoje está fechado e não actual.

Nova pausa. E o dr. Acácio Gouveia a solicitar que os convivas se abstivessem de diálogo. Os ânimos serenaram um pouco quando foi lido um telegrama do dr. Vasco da Gama Fernandes.

Exaltado, o dr. Acácio Gouveia ergueu a voz:

— Que solicitações a juventude já nos fez? Nenhuma.

Quase todos os presentes se ergueram para censurar as afirmações dos sr. Alfredo Canana, Rui Teixeira e Barata Feyo.

— Que fez a mocidade, que veio aqui só com o propósito de nos criticar? De fazer discursos lamentáveis.

E o dr. Acácio Gouveia transtornado, nitidamente fora de si:

— Para alguns que estão aqui, esta reunião não tem significado. Então, para que vieram?

«Foram os «Velhos do Restelo» ou os meninos das escolas que consolidaram a República?»

Mais turbulência. E os ca-



A mesa da presidência ao almoço

tés ficaram por tomar... Frases no ar: «Esta reunião era de regozijo e de confraternização. Bra...»

Perto das 18 horas, com um «Viva à República», debandaram os últimos doze «resistentes»

UM JANTAR NO PORTO

PORTO, 6 — Os democratas do Porto marcaram a sua presença na Rua Formosa, num jantar restritivo, pelo seu elevado preço, pela pequenez da sala.

O arquitecto Lobão Vital presidiu à comemoração.

Convidou, seguidamente, para secretariar o jornalista César Príncipe, dr. Veloso de Pinho, dr. Armando de Castro, dr. Vilhena de Andrade, dr. Joaquim Loureiro, em representação dos democratas de Braga, eng.ª Mem Verdial, escritor Papinano Carlos, jornalista João Maia, Francisco Horta e dr. Zefirino Coelho. Os jornalistas presentes delegaram, ainda, para o secretariado no representante do «Diário de Lisboa».

Na mesa da presidência sentaram-se, também, a eng.ª Virgínia Moura, dr. José Cardoso, dr. Armando Bacelar, dr. Teixeira de Sousa, Joaquim Felgueiras, Alexandre Barros, D. Irene de Castro, Guedes Pinheiro, dr. Raul de Castro, Egito Gonçalves e eng.ª Flávio Martins.

Falaram os drs. Joffre de Amaral e Veloso de Pinho, após o que a eng.ª Virgínia de Moura.

Um jovem trabalhador, Sérgio Valente, falou a seguir. Condenou estes jantares, se eles não passarem de sucessivos discursos, logo esquecidos.

Os jovens presentes cortaram as declarações de Sérgio Valente com «slogans» de apoio e palmas rítmicas. Começava a haver muito entusiasmo na sala. Nas escadas da Chic-Pensão, muita gente pedia para entrar. Foi lido um telegrama de José Mor-

gado, enviado do Brasil. perante a instância dos organizadores, mais alguns jovens entraram na sala.

O dr. Silva Loureiro, representante dos democratas de Braga, procurou fazer uma análise das doutrinas pós-conciliares, a posição do cristão perante a Democracia e as ditaduras.

O dr. Armando Bacelar, Alexandre Ferreira Barros, Laura Barros Moreira e Deolinda Maria Ferreira de Sousa falaram a seguir.

Joaquim Felgueiras e o dr. Zefirino Coelho foram os últimos oradores da sessão. O primeiro procurou mostrar a existência dum movimento sindical importante anterior à República e lembrou o papel dos trabalhadores na Revolução de 1910.

O arquitecto Lobão Vital, muito emocionado, encerrou a sessão, amparado por alguns amigos.

As comemorações em Viseu

UISEU, 6 — Uma reunião largamente concorrida de democratas do distrito assinalou, nesta cidade, o 60.º aniversário da implantação da República.

A reunião foi presidida pela sr.ª dr.ª D. Maria Amélia Franco Alexandre, ladeada pelos sr.ªs. Mário Ferreira de Matos (o mais antigo republicano de Viseu), dr. Mário Silva, de Santa Comba Dão, D. Maria Isabel Monteiro Sena, de Viseu, e dr. João Borges, da Guarda, além de outros democratas.

Usaram da palavra os sr.ªs.

Oswaldo Peliz, presidente da comissão organizadora da comemoração, dr. Fláusino Torres, de Tondela, dr. Mário Silva, de Santa Comba Dão, dr. João Gomes, da Guarda, e D. Carolina Lemos César Anjo, de Viseu

NOVOS DIRECTORES DO HOSPITAL DE S. JOÃO

PORTO, 6 — Na Aula Magna do Hospital de S. João o secretário de Estado da Saúde empossou, numa cerimónia a que presidiu, o novo director daquele estabelecimento hospitalar e o respectivo director clínico, respectivamente sr.ªs. prof.ªs. Ernesto Borges Teixeira de Moraes e Joaquim José Monteiro Bastos.

A ladear o secretário de Estado da Saúde, sentaram-se os sr.ªs. dr.ªs. Alberto Machado, chefe de gabinete do ministro da Educação Nacional; chefe do distrito do Porto; prof.ª dr.ª Sousa Pereira, reitor da Universidade do Porto; prof.ª dr.ª Almeida Garrett, director da Faculdade de Medicina; dr. João Rodrigues, provedor daquele hospital; etc.

SOBREIRA FORMOSA PROENÇA-A-NOVA

DR. ABÍLIO FERNANDES TOMÉ FALECEU

Maria do Carmo Dias de Matos Tomé, Abílio Dias Fernandes Tomé sua mulher Maria Fernanda de Carvalho Sá Borges Fernandes Tomé, Albano Dias Fernandes Tomé e sua mulher Maria Tereza Cortez Tomé, Carlos Manuel Borges Fernandes Tomé, Maria da Conceição Borges Fernandes Tomé, Maria Paula Borges Fernandes Tomé e demais família participam o falecimento de seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã, às 9.15 horas, saindo da Igreja de S. João de Brito, para jazigo de família no cemitério da Sobreira Formosa — Proença-a-Nova.

AGENCIA MAGNO
Telef. 534167



Um aspecto do jantar na cidade do Porto

ALCABIDECHÉ



D. Joana Rosa Freire

Martins

MISSA 7.º DIA

E

AGRADECIMENTO

Seu marido, filhos, genros e netos participam que amanhã, dia 7, pelas 9 horas, será na Igreja de Alcabideche, celebrada Missa pelo eterno descanso da sua querida mulher, mãe, sogra e avó, agradecendo não só a todas as pessoas que se dignaram assistir àquele piedoso acto, mas também as que tendo-lhe manifestado o seu pesar, não puderam expressar directamente por desconhecimento de moradas o seu sincero reconhecimento.

A. G. MAGNO, LDA.
Avenida Almirante Reis, 129-A
Telef. 51586

DR. FELICIANO TOMÉ DIAS NEWTON

Sua mulher manda rezar missa pelo seu descanso, amanhã, 7, às 12 e 15, na igreja de Arroios, Rua Quirino da Fonseca, n.º 2-A

A Bandeira Nacional foi içada na varanda do Município de onde se proclamou a República

(Continuação da 1.ª página)

da por cadetes da Escola Naval, soldados da Polícia Militar e uma fanfara do Exército.

Depois de executado o hino nacional e guardado um minuto de silêncio, o almirante Pereira Crespo depôs o ramo de flores, altura em que a guarda de honra prestou as honras militares do estilo.

Com esta breve cerimónia terminou, no cemitério do Alto de S. João a homenagem das Forças Armadas aos fundadores da República.

A romagem dos velhos republicanos

Cerca das 11 horas, centenas de filiados nos diversos Centros Escolares Republicanos concentraram-se à entrada do cemitério do Alto de S. João, com o propósito de prestarem a tradicional homenagem aos vultos da República.

Concluída a concentração, os manifestantes entraram no cemitério e visitaram, sucessivamente, os túmulos de Miguel Bombarda, Candido dos Reis, Elias Garcia, Machado Santos e António José de Almeida.

Em todos os túmulos foram colocadas flores e dados vivas à República.

A peregrinação terminou junto do túmulo do dr. António José de Almeida, onde, depois de terem sido dados vivas à República, a assistência cantou o hino nacional.

Pouco passava das 11 e 30, quando os manifestantes abandonaram o local, sem

pre na maior ordem. A P.S.P. que se encontrava no local limitou-se a fazer o policiamento habitual.

No Centro Escolar Republicano de Alcântara

No Centro Escolar Republicano de Alcântara — fundado em Fevereiro de 1908 — o aniversário da implantação da República foi comemorado, como nos anos anteriores, com uma festa infantil, que igualmente assinalou a abertura do ano lectivo da escola primária privativa daquela colectividade, a qual este ano conta com a frequência de 96 crianças.

Às 16 horas, oferecida pela direcção, foi servida uma merenda.

A directora da escola, sr.ª D. Teófilo da Conceição, proferiu breve alocução incitando os jovens escolares a cumprirem os seus deveres para com as famílias e os professores e a serem bons estudantes.

Içada a Bandeira Nacional na varanda do Município

Uma das cerimónias que, em Lisboa, assinalaram a passagem do 5 de Outubro, consistiu no içar da bandeira nacional na varanda do Município, onde há 60 anos, foi proclamada a implantação da República.

Muito antes da hora marcada para o começo da cerimónia já muitas centenas de pessoas se aglomeravam nos passeios da Praça do Município, com o seu famoso pelourinho ao centro. Pelas 10 e 30 começaram a chegar ao Paços do Concelho as individualidades convidadas, as

quais se iam reunindo no salão nobre.

Entretanto, em frente do Município, formavam a banda de música da Força Aérea, e companhias de Marinha, Exército e Força Aérea, representadas respectivamente por fuzileiros navais, infantaria e pára-quedistas, bem como uma companhia da G. N. R.

Às 10 e 50 chegou o ministro da Defesa e do Exército, que á entrada foi recebido pelo presidente e vice-presidente do Município, respectivamente, eng.º Santos e Castro e dr. Soares da Costa e por vereadores. Aquele membro do Governo dirigiu-se para o salão nobre, onde recebeu os cumprimentos dos presentes, entre os quais se viam os srs. secretário de Estado da Aeronáutica, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, governadores militar e civil de Lisboa, comandante naval do Continente e Roque Manuel de Arriaga filho do dr. Manuel de Arriaga, primeiro Presidente da República Portuguesa.

Precisamente às 11 horas, foi dado o toque de sentido. O sr. general Sá Viana Rebelo, acompanhado da assistência dirigi-se então para a histórica varanda procedendo ao içar da bandeira nacional, ao mesmo tempo que a banda de música tocava a marcha de continência seguida da execução do Hino Nacional. Nesse momento uma esquadilha da Força Aérea e quatro helicópteros sobrevoadam, por várias vezes, o local e os navios de guerra surtos no Tejo deram as salvas da ordenança. Terminada a cerimónia, as forças desfilarão pela Praça do Comércio e Rua Augusta até ao Rossio, de onde regressaram aos quartéis, autotransportadas.

Noventa democratas no jantar de Alenquer

ALENQUER, 6 — Cerca de 90 pessoas participaram ontem, á noite, no tradicional jantar comemorativo da passagem do aniversário da implantação da República. Presidiu o sr. dr. Teófilo Carvalho dos Santos, ladeado pelos srs. dr. Vieira Leitão e Joaquim Mestre.

Após um minuto de silêncio em memória dos mortos da República, foi prestada uma saudação especial ao sr. Gregório Rosa, velho democrata de Alenquer, que habitualmente preside ao jantar anual, o que não pôde

fazer este ano por estar doente.

Durante a reunião falaram os srs. dr. Joaquim Mestre, dr. Vieira Leitão, Manuel António de Matos e dr. Teófilo Carvalho dos Santos.

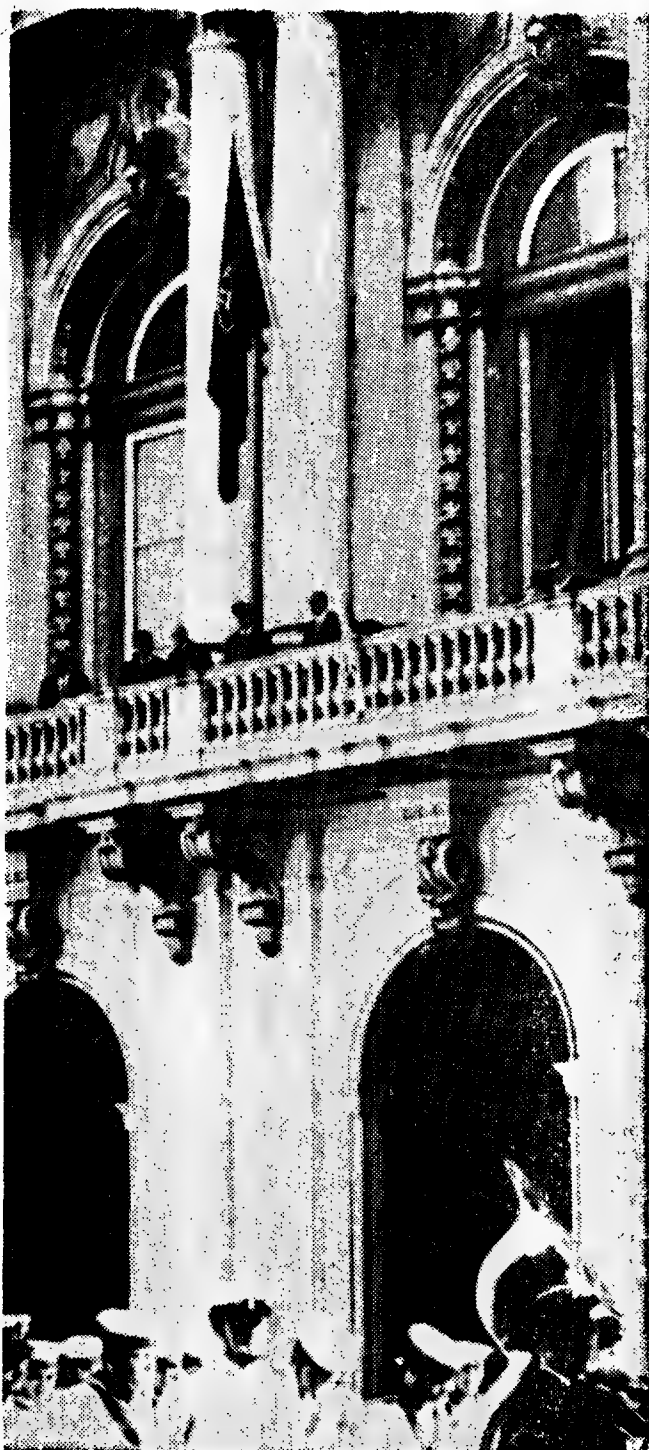
Todos os oradores se referiram ao significado do 5 de Outubro e exaltaram o espírito de sacrifício e a honestidade dos homens a quem se ficou devendo o movimento.

O sr. dr. Teófilo Carvalho dos Santos referiu-se também dos motivos que levaram o País a implantar a República, terminando por dissertar sobre os problemas políticos actuais.

No final todos os convivas, de pé, cantaram o hino nacional.

Duzentos democratas num jantar em Guimarães

GUIMARÃES, 6 — Efetuou-se num restaurante local um jantar de confraternização dos democratas do distrito, que reuniu duas centenas de convivas e decorreu com muito entusiasmo e em ambiente de civismo. Presidiu o sr. António Marinho Dias, de Celorico de Basto, foi candidato às últimas eleições. No decorrer do jantar, usaram da palavra os srs. dr. Lino Lima e dr. Joaquim Loureiro, de Famlidão, dr. Santos Simões, de Guimarães, José Manuel Mendes e José Manuel Barbosa, dr. Vítor Sá e Humberto Soeiro, de Braga, e Manuel Lemos da Silva, de Barcelos.



A cerimónia do içar da bandeira

FLORES NA CAMPA DE MÁRIO SACRAMENTO

AVEIRO, 6 — As comemorações, nesta cidade, do 60.º aniversário da proclamação da República revestiram-se de grande júbilo e fizeram acorrer a Aveiro grande número de democratas do distrito e doutros pontos do País. As cerimónias tiveram início, de tarde, com uma romagem ao cemitério central da cidade, sendo depositas flores no monumento aos Mortos da Liberdade e na campa do grande democrata, dr. Mário Sacramento.

A noite, efectuou-se, no Teatro Avelarense, uma sessão presidida pelo sr. dr. José Rodrigues, de Anadia, que estava ladeado pelos srs. drs. Júlio Calisto, Artur Pereira Bartolo, Armando Seabra, Alfredo Bacelar Alves, eng.º Manuel Santos Pato e Senas da Fonseca. Foram lidos telegramas dos srs. drs. Ribeiro da Silva, pelos democratas de Viana do Castelo, Henrique Vareda, pelos de Alcobaca, e dr. Fernando Vale, de Arganil.

O primeiro orador foi o sr. dr. António Neto Brandão, de Aveiro, que elogiou os homens do Cinco de Outubro e afirmou que o dia de ontem era de meditação e de júbilo, pois se comemorava a vitória da Democracia sobre o regime então existente. Seguiu-se a sr.ª eng.ª D. Maria da Glória Pimenta de Agueda, que salientou ter sido «a revolução como um salto gigantesco para nos colocar ao par das

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA PRESIDÊNCIA EDITAL N. 166/70

Eu, Fernando Augusto Santos e Castro, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber que correm editos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste Edital, intimando Flora Pinto Torrado, proprietária do prédio sito na Avenida Sacadura Cabral, n.º 36, residente em parte incerta, para nos termos do art.º 9.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas aprovado pelo Decreto-Lei 38 382, de 7 de Agosto de 1951, a executar obras de reparação e beneficiação geral no referido prédio.

As obras deverão ser feitas no prazo de 15 dias, findo o dos editos, e concluídas nos 30 dias seguintes.

Nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 166/70, de 15 de Abril de 1970, a obra a executar não carece de licenciamento municipal. Todavia se ocupar a via pública com andaimes, amassadouros, caldeiras, tubos de descarga, apetrechos, acessórios e materiais para obras, deverá munir-se de licença para o efeito. Deverá, ainda, juntar uma declaração de responsabilidade no caso de armar andaime, conforme dispõe o artigo 5.º do Decreto n.º 41 821, de 11 de Agosto de 1958.

E, para gerar conhecimento se publica o presente Edital. Paços do Concelho de Lisboa, em 28 de Setembro de 1970

O Presidente,

Fernando Augusto Santos e Castro

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÊS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — A. L. G. & S. Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Das 10 às 12 horas e das 17 às 22 horas excepto sábado

DAFUNDO



EUGÉNIO PEREIRA LÁZARO FALECEU

Julietta Ferreira O'Neill Pereira Lázaro, Maria Palmira Roma Lázaro Mendes seu marido e filhas; Maria Eugénia Roma Lázaro de Melo Gomes e seu marido Alberto Afonso Roma Lázaro e filhas; Norberto Roma Lázaro sua mulher e filhos; António Júlio Roma Lázaro sua mulher e filha; Joaquim Pereira Lázaro sua mulher e filha e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações que faleceu o seu querido e chorado marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente cujo funeral se realiza amanhã pelas 9.30 horas, da Capela dos Anjos em Algés, para o cemitério de Carnaxide.

Trata AG. MACHADO DA COSTA



DR. MANUEL MARIA DOS SANTOS PAIVA

Tenente-coronel médico

FALECEU

A Sociedade Avenida Parque, S. A. R. L. cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu administrador e amigo de muitos anos e que o seu funeral se realizou hoje, para jazigo de família na terra de sua naturalidade.

CONFERÊNCIA FERROVIÁRIA

(Continuação da 1.ª página)

mais competitivo e, por conseguinte, é-lhe indispensável — para sobreviver, aqui como em qualquer indústria do capitalismo avançado — planejar, mover, crescer. Mas, para crescer, a oferta deverá em larga medida criar a sua própria procura — fazer «marketing», por outras palavras.

«Consideremos, separadamente, a evolução da procura, em Portugal, de serviços de passageiros e de serviços de mercadorias.

«No primeiro caso, a procura aumentou regularmente em resultado designadamente da rápida expansão do tráfego junto das cidades de Lisboa e Porto. Parece-nos útil sublinhar que se trata de uma evolução inevitável, consequência de urbanização, e que o caminho-de-ferro não teve necessidade de qualquer política comercial para atingir tal resultado. Lembremos ainda, que é neste domínio que o caminho-de-ferro desempenha, porventura, a sua mais importante função social, transportando diariamente milhares de pessoas entre a casa e o lugar de trabalho.

No que se refere ao tráfego de mercadorias, disse o dr. Mário Murteira:

Considerando a evolução posterior a 1955, deparamos com uma taxa de degradação média anual da C. P. no tráfego total da ordem dos 4,4 por cento, o que é anormalmente elevado. Um estudo da Sofferrail sobre os caminhos-de-ferro portugueses alienava, aliás, que mesmo para o movimento de passageiros a nossa situação era relativamente desfavorável — pois em 1964 o transporte de passageiros pela S. S. C. F. (expresso em passageiros/quilómetro) representava ainda 22,5% do conjunto do tráfego de passageiros em França, contra 16,3% em Portugal, apesar de o nosso País apresentar uma muito menor densidade de viaturas particulares.

Proseguindo, informou o dr. Mário Murteira:

— No conjunto e de uma forma mais aguda no que toca ao transporte de mercadorias, assistiu-se a uma acentuada degradação da posição com referência ao transporte

por caminho-de-ferro em Portugal. Em larga medida esta evolução explica-se por um longo período de subinvestimento material e humano. Por exemplo, em 1960-62 foram investidos 3,3 dólares U. S. por milhares de unidades quilómetro, verba nitidamente inferior à média europeia (5,3 em 1963-65), enquanto que actualmente se está perto dos 8 dólares, a fim de recuperar o atraso do passado. Quanto ao investimento humano, é talvez significativo dizer que em 1968 menos de 10% do pessoal possuía formação universitária e 85% não passavam de quatro anos de escolaridade. A partir de então os efectivos em quadros de formação universitária aumentaram de cerca de um terço. No passado ano foi inaugurado no Entroncamento um centro de formação profissional, e, no corrente ano, cerca de dois mil agentes frequentarão cursos de formação, reciclagem ou aperfeiçoamento consoante os casos. Lembremos que a C. P. emprega 26 000 pessoas e que está prevista, entre 1969 e 1973, uma redução de efectivos — em licenciamento, bem entendido — da ordem das 3 — 4 mil pessoas.

Acerca das perspectivas futuras, disse:

— Para determinar o «modelo» de exploração ferroviária adequado a Portugal importa tomar em consideração algumas coordenadas geoeconómicas.

«A pequena dimensão, associada à localização na extremidade Oeste da Europa, apresentam naturalmente difíceis problemas ao caminho-de-ferro. Para o transporte internacional de mercadorias, caberá sobretudo a coordenação dos transportes marítimos e ferroviários um papel decisivo no futuro. E, reciprocamente, a importância futura dos postos portugueses no quadro europeu será em parte determinada pelo êxito maior ou menor dessa coordenação.

«Além da fraca dimensão geográfica e económica, temos ainda o desequilíbrio do desenvolvimento à escala regional. A zona litoral — digamos, de Braga, a Setúbal — desenvolveu-se predominantemente nos últimos vinte anos, ao passo que o interior

e o sul permanecem largamente agrícolas, subdesenvolvidos e, até, em certas regiões, em regressão demográfica. Não é de espantar, pois, que um quarto da rede ferroviária não seja economicamente justificável, aos preços correntes do mercado e considerando o tráfego actual.

«Por outro lado, as perspectivas de evolução do tráfego são evidentemente determinadas pelas possibilidades de desenvolvimento regional, ou mais precisamente pelo resultado das políticas de desenvolvimento das 3 zonas ultrazadas, como o Nordeste (Trás-os-Montes) e o Sul (Alentejo e Algarves).

E, mais adiante:

— Considerando globalmente — exploração e investimentos — os fluxos financeiros anuais da C. P., obtém-se numa soma equivalente a 10 por cento do orçamento do Estado português. O financiamento do Estado, através de diversas vias, representa cerca de 40% das despesas correntes e de capital da C. P. O auto-financiamento seria uma ficção contabilística pois a empresa é largamente deficitária. De resto, em Portugal não se pratica ainda a normalização de contas, embora o princípio seja agora aceite pelo Governo, e, nessas condições, o «deficit» contabilístico da exploração carece de qualquer significado preciso — seja em termos de avaliação dos resultados de gestão, seja em termos de utilidade social dos serviços oferecidos pela empresa.

A terminar, afirmou o dr. Mário Murteira:

— Estão actualmente em curso negociações entre a C. P. e o Estado português; dos seus resultados dependerá o futuro do transporte ferroviário em Portugal.

Dextoito países europeus (cinco da Europa Oriental) representados na reunião

Na reunião plenária do Comité de Estudos Económicos da União Internacional dos Caminhos-de-Ferro (U. I. C.) que decorre na Sociedade de Geografia, estão representados 18 países europeus, entre os quais cinco da Europa Oriental: Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, Áustria, Bélgica, Bulgá-

ria, Checoslováquia, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Irlanda, Itália, Jugoslávia, Suécia, Suíça e Portugal.

Nos trabalhos da reunião, a que preside o dr. Werner Hennig, director dos caminhos-de-ferro alemães e presidente dos Estudos Económicos da U. I. C., serão debatidos aspectos importantes de economia ferroviária, entre os quais os seguintes: critérios económicos na escolha dos investimentos nos transportes; a produtividade nos caminhos-de-ferro; estudos sobre previsões de tráfego; interacções entre a planificação regional e urbana e o caminho-de-ferro do ponto de vista da economia das administrações ferroviárias e da economia geral do País;

Necrologia

FALECIMENTOS

Piedade Barata

Faleceu a sr. D. Piedade Barata, de 77 anos, natural de Escalvos de Baixo (Castelo Branco), mãe da sr. D. Irene Piedade Barata Monreiro, sogra do sr. Manuel F. Monteiro e avó do sr. dr. Jorge Ferreira Monteiro. O funeral realizou-se hoje, às 11 horas, da igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João. Os serviços fúnebres estiveram a cargo da Agência das Pedras Negras, de Ricardo Henriques.

FUNERAIS

Joaquim Ferreira

Realizou-se hoje pelas 11 horas, da igreja de Santa Catarina para o cemitério dos Prazeres o funeral do sr. Joaquim Ferreira, de 71 anos, natural de Tondela, residente na Travessa da Portuguesa,

70, 1.ª guarda aposentado da P. S. P., casado com a sr.ª D. Maria Augusta Ferreira, pai da sr.ª D. Maria Isabel Correia Ferreira Gaspar, sogro do sr. João Gaspar e avô dos meninos Maria Teresa Ferreira Gaspar e Jorge Manuel Ferreira Gaspar.

SUFRAGIOS

Manuel Rodrigues

Passa amanhã o aniversário natalício do editor Manuel Rodrigues, fundador da Editorial Minerva. Assim, à semelhança de anos anteriores, viuva, filhos, netos e mais família, bem como seus antigos colaboradores e amigos, vão, às 9 horas, em romagem à sua sepultura no cemitério da Amadora, havendo a seguir, às 10 horas, missa de sufrágio na igreja dos Paulistas, em Lisboa.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DE ESTADO	Estes	Compre	Vende	Ultramarinas	Estes	Compre	Vende
Consolidado 3 1/4%	—	—	500\$	Buz	80\$	79\$	80\$5
Consolidado 3%	—	—	50\$5	Lubinda	—	212\$	218\$
Consolidado 3 1/2%	—	—	6'25	Jamantes Angola	2 470\$	2 465\$	2 475\$
Centenários 4%	1.440\$	—	1.440\$	1 e Revue	720\$	700\$	725\$
Jorge Ilesouro 5%	—	—	1.000\$	1h do Príncipe	—	—	—
Extremo 1 Série	—	57\$5	—	Mocimboque	187\$	186\$5	88\$
Extremo 2 Série	—	—	700\$	sonete n.	—	425\$	—
Extremo 3 Série	—	750\$	—	sonete p.	435\$	435\$	437\$
Extremo 4 Série	—	800\$	81\$5	Zambéze	—	80\$	82\$
Extremo 5 Série	—	—	42\$				
Extremo 6 Série	—	—	—				
Extremo 7 Série	—	—	—				
Extremo 8 Série	—	—	—				
Extremo 9 Série	—	—	—				
Extremo 10 Série	—	—	—				
Extremo 11 Série	—	—	—				
Extremo 12 Série	—	—	—				
Extremo 13 Série	—	—	—				
Extremo 14 Série	—	—	—				
Extremo 15 Série	—	—	—				
Extremo 16 Série	—	—	—				
Extremo 17 Série	—	—	—				
Extremo 18 Série	—	—	—				
Extremo 19 Série	—	—	—				
Extremo 20 Série	—	—	—				
Extremo 21 Série	—	—	—				
Extremo 22 Série	—	—	—				
Extremo 23 Série	—	—	—				
Extremo 24 Série	—	—	—				
Extremo 25 Série	—	—	—				
Extremo 26 Série	—	—	—				
Extremo 27 Série	—	—	—				
Extremo 28 Série	—	—	—				
Extremo 29 Série	—	—	—				
Extremo 30 Série	—	—	—				
Extremo 31 Série	—	—	—				
Extremo 32 Série	—	—	—				
Extremo 33 Série	—	—	—				
Extremo 34 Série	—	—	—				
Extremo 35 Série	—	—	—				
Extremo 36 Série	—	—	—				
Extremo 37 Série	—	—	—				
Extremo 38 Série	—	—	—				
Extremo 39 Série	—	—	—				
Extremo 40 Série	—	—	—				
Extremo 41 Série	—	—	—				
Extremo 42 Série	—	—	—				
Extremo 43 Série	—	—	—				
Extremo 44 Série	—	—	—				
Extremo 45 Série	—	—	—				
Extremo 46 Série	—	—	—				
Extremo 47 Série	—	—	—				
Extremo 48 Série	—	—	—				
Extremo 49 Série	—	—	—				
Extremo 50 Série	—	—	—				
Extremo 51 Série	—	—	—				
Extremo 52 Série	—	—	—				
Extremo 53 Série	—	—	—				
Extremo 54 Série	—	—	—				
Extremo 55 Série	—	—	—				
Extremo 56 Série	—	—	—				
Extremo 57 Série	—	—	—				
Extremo 58 Série	—	—	—				
Extremo 59 Série	—	—	—				
Extremo 60 Série	—	—	—				
Extremo 61 Série	—	—	—				
Extremo 62 Série	—	—	—				
Extremo 63 Série	—	—	—				
Extremo 64 Série	—	—	—				
Extremo 65 Série	—	—	—				
Extremo 66 Série	—	—	—				
Extremo 67 Série	—	—	—				
Extremo 68 Série	—	—	—				
Extremo 69 Série	—	—	—				
Extremo 70 Série	—	—	—				
Extremo 71 Série	—	—	—				
Extremo 72 Série	—	—	—				
Extremo 73 Série	—	—	—				
Extremo 74 Série	—	—	—				
Extremo 75 Série	—	—	—				
Extremo 76 Série	—	—	—				
Extremo 77 Série	—	—	—				
Extremo 78 Série	—	—	—				
Extremo 79 Série	—	—	—				
Extremo 80 Série	—	—	—				
Extremo 81 Série	—	—	—				
Extremo 82 Série	—	—	—				
Extremo 83 Série	—	—	—				
Extremo 84 Série	—	—	—				
Extremo 85 Série	—	—	—				
Extremo 86 Série	—	—	—				
Extremo 87 Série	—	—	—				
Extremo 88 Série	—	—	—				
Extremo 89 Série	—	—	—				
Extremo 90 Série	—	—	—				
Extremo 91 Série	—	—	—				
Extremo 92 Série	—	—	—				
Extremo 93 Série	—	—	—				
Extremo 94 Série	—	—	—				
Extremo 95 Série	—	—	—				
Extremo 96 Série	—	—	—				
Extremo 97 Série	—	—	—				
Extremo 98 Série	—	—	—				
Extremo 99 Série	—	—	—				
Extremo 100 Série	—	—	—				
Extremo 101 Série	—	—	—				
Extremo 102 Série	—	—	—				
Extremo 103 Série	—	—	—				
Extremo 104 Série	—	—	—				
Extremo 105 Série	—	—	—				
Extremo 106 Série	—	—	—				
Extremo 107 Série	—	—	—				
Extremo 108 Série	—	—	—				
Extremo 109 Série	—	—	—				
Extremo 110 Série	—	—	—				
Extremo 111 Série	—	—	—				
Extremo 112 Série	—	—	—				
Extremo 113 Série	—	—	—				
Extremo 114 Série	—	—	—				
Extremo 115 Série	—	—	—				
Extremo 116 Série	—	—	—				
Extremo 117 Série	—	—	—				
Extremo 118 Série	—	—	—				
Extremo 119 Série	—	—	—				
Extremo 120 Série	—	—	—				
Extremo 121 Série	—	—	—				
Extremo 122 Série	—	—	—				
Extremo 123 Série	—	—	—				
Extremo 124 Série	—	—	—				
Extremo 125 Série	—	—	—				
Extremo 126 Série	—	—	—				
Extremo 127 Série	—	—	—				
Extremo 128 Série	—	—	—				
Extremo 129 Série	—	—	—				
Extremo 130 Série	—	—	—				
Extremo 131 Série	—	—	—				
Extremo 132 Série	—	—	—				
Extremo 133 Série	—	—	—				
Extremo 134 Série	—	—	—				
Extremo 135 Série	—	—	—				
Extremo 136 Série	—	—	—				
Extremo 137 Série	—	—	—				
Extremo 138 Série	—	—	—				
Extremo 139 Série	—	—	—				
Extremo 140 Série	—	—	—				
Extremo 141 Série	—	—	—				
Extremo 142 Série	—	—	—				
Extremo 143 Série	—	—	—				
Extremo 144 Série	—	—	—				
Extremo 145 Série	—	—	—				
Extremo 146 Série	—	—	—				
Extremo 147 Série	—	—	—				
Extremo 148 Série	—	—	—				
Extremo 149 Série	—	—	—				
Extremo 150 Série	—	—	—				
Extremo 151 Série	—	—	—				
Extremo 152 Série	—	—	—				
Extremo 153 Série	—	—	—				
Extremo 154 Série	—	—	—				
Extremo 155 Série	—	—	—				
Extremo 156 Série	—	—	—				
Extremo 157 Série	—	—	—				
Extremo 158 Série	—	—	—				
Extremo 159 Série	—	—	—				
Extremo 160 Série	—	—	—				
Extremo 161 Série	—	—	—				
Extremo 162 Série	—	—	—				
Extremo 163 Série	—	—	—				
Extremo 164 Série	—	—	—				
Extremo 165 Série	—	—	—				
Extremo 166 Série	—	—	—				
Extremo 167 Série	—	—	—				

CARTAZ DOS CINEMAS



* SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 64183
As 15.15, 18.15 e 21.30
EM 4.ª SEMANA
A mais louca comédia
do ano
**O QUE HA DE NOVO
GATINHA?**
com Peter Sellers, Peter
O'Toole, Romy Schneider
e Capucine

* ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
UM FILME IRÔNICO,
POÉTICO E AUDACIOSO!
OS AMANTES
com Jeanne Moreau
e Jean Mar Bory

* IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5
As 15.15 e 21.30
JEAN PAUL BELMONDO
e JEAN SEBERG em
O ACOSSADO
(A Bout de Souffle)
Um filme de Jean Luc Godard
Argumento de François Truffaut
Colaboração técnica de
Claude Chabrol
Fotografia de Raoul Goutard
Música de Martial Solal

* ESTÚDIO

As 15.30, 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
(M. 12 anos)
O filme de CARLOS SAURA
que obteve o Urso de Prata no
Festival de Berlim e premiado
em Veneza. S. Francisco, Aca-
pulco etc
A CAÇA

* RESTELO

(Adultos) Tel. 610375
As 21.30
AMAR SEM AMOR
com Jean Semmans

* CHIADO TERRASSE

As 15 e 21 h. (M. 17 anos)
A PISCINA
O ASSALTO
AO COMBOIO CORREIO

* SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327173
2.ª SEMANA
As 15.15, 18.15 e 21.30
a obra fundamental de
Joseph Losey
O CRIADO
(The Servant)

* ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480
2.ª SEMANA
As 15.45 e 21.45
a obra fundamental de
Joseph Losey
O CRIADO

* VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ENCHENTES
DUSTIN HOFFMAN
e MIA FARROW
são os inesquecíveis protago-
nistas da mais bela das histórias
de amor!
JOHN & MARY
Um filme de excepção
em Panavision e Technicolor
AR CONDICIONADO

* LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 795296
As 21 horas
OS CINCO BANDOZEIROS

* IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
HELLO DOLLY
Cinemascope — Colorido

* LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
A DOCE VIDA
com Marcello Mastroianni
e Anouk Aimée

* ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 86565
As 21.30
OS 7 MAGNÍFICOS
com Yul Briner e Robert
Vaughn

* TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
As 8 e 6.15 da tarde (a p. r.)
2.ª SEMANA
Jean Gabin, Alain Delon, Lino
Ventura e Irina Demick
no grande êxito mundial
O CLÁ DOS SICILIANOS

* CONDES

(Adultos) Tel. 322523
Sessões diárias
EM 2.ª SEMANA
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
O pano sobe e desvenda
OS INTOCAVEIS
com John Cassavetes, Britt
Ekland e Peter Falk
Technicolor — Techniscope

* ROMA

(Adultos) Tel. 727778
2.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
A espantosa realização
**A PONTE
DE REMAGEN**
com George Segal, Robert
Vaughn e Ben Gazzara
Panavision — Cor de Luxe

* EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.00/21.00 h. — 70 mm
Atenção ao horário
das sessões
TECHNICOLOR
Charlton Heston, Stephen
Boyd e Jack Hawkins
«BEN-HUR»

* AVIS

(Adultos) Tel. 47162
As 15.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
O filme que eterneceu
o mundo inteiro!
A PRINCESA
Extraordinária interpretação
de GRYNET MOLVIG

* CASINO ESTORIL

As 17 e às 21.30 (M. 12 anos)
O PIRATA DO REI
com Doug McClure

* ODEON

(M. 17 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
**O CINEMA PORTUGUES EM
FESTAJ**

* SEMANA TRIUNFAL

**A MALUQUINHA
DE ARROIOS**
Realização de Henrique Campos
Segundo a famosa comédia
de André Brun
com Alina Vaz, Ivone Silva,
Artur Semedo, Eugénio Salva-
dor, Linda Silva e Oscar Acurcio

* LIDO

(M. 12 anos) As 21.30 h.
Um espectáculo invulgar com
PETER O'TOOLE
e **PETULA CLARK**
ADEUS, MR. CHIPS
Um filme inesquecível em
70 mm. e som estereofónico

* MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 556181
As 15.00 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
MY FAIR LADY
O filme de 8 «Oscar»
e de o melhor filme
com Audrey Hepburn
e Rex Harrison

* POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326305
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
GRANDE ÊXITO
Um filme extraordinário
que revela um novo mundo
do crime
JAMAICA
com Ray Danton
e Pameza Tudor
Eastmancolor

* MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
Bibi Anderson, Robert Stack,
Annie Girardot e James Faren-
tino numa alta comédia em ma-
ravilhoso technicolor
**A VIDA DE UMA
MULHER**
— O primeiro amor será, de
facto o mais forte?...
AR CONDICIONADO

* EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Color-Scope
Toda a gama das emoções
humanas no maior aconteci-
mento desportivo do mundo
**OLIMPIADA
NO MÉXICO**

* outros espectáculos

TEATROS

VASCO SANTANA — As 22:
«Quem é esta mulher?» (17
anos)
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «O
Vison Voador» (17 anos).
LAURA ALVES — As 21 e 45:
«O Preço» (17 anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45:
«A Reliquia» (17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45:
«Pobre milionária» (17 anos).
ABC — As 20 e 45 e às 23: «Alto
lá com elas» (17 anos).

CINEMAS

JARDIM — As 21: «007 ao ser-
viço de Sua Majestade» (17
anos)
IDEAL — As 15 e 15 e às 21:
«Cada bala tem um nome»
(12 anos)
ARCO-IRIS — As 21: «Forte
barreira» (12 anos).
OLIMPIA — As 21: «O gladiador
de Roma» (12 anos).
PARIS — As 21: «O destino mar-
ca o horas» (12 anos).
CINEARTE — As 21: «Oito feras
à solta» (17 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Um lu-
gar no inferno» (17 anos).
UNIVERSAL — As 21: «A Pissina»
(17 anos).
SPORT L. BENFICA — As 21 e
15: «Gringo» (12 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30:
«O Cow-boy da meia-noite»
(17 anos).

OEIRAS — OEIRAS - CINE — As
21: «O Mercenário» e «Com a
corda na garganta» (17 anos).
PAREDE — ROYAL - CINE — As
21: «Ladrão que rouba a la-
drão» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e
21 e 30: «O pirata do rei» (12
anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21
e 15: «Lindas encrencas, os ga-
rotos» (12 anos).
BARREIRO — CINE-BARREIRENSE
— As 21: «Os grandes do va-
lante» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM
— As 21 e 15: «O grande ajus-
te de contas» (17 anos).

Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTU-
GAL — As 21 e 15: «Por favor
não me morda o pescoço» (17
anos).
AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «A vir-
gem da floresta» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As
21 e 15: «O morto gelado»
«Uma jovem em Paris» (17
anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY
— As 21 e 30: «O ás vale
mais» (12 anos).

PORTO

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «O
submarino amarelo» (12 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Amor
sem barreiras» (17 anos).

RIVOLI — As 21 e 30: «Mundo
Mulher» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «O
compromisso» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «Os
Marcos de Elisabeth» (17 anos).
ESTÚDIO — As 21 e 30: «Easy
Riders» (17 anos).

OLIMPIA — As 21 e 30: «O ro-
mance em Acapulco» (12 anos).
AGUIA DE OURO — As 21 e 30:
«A rapariga do auto-stop» (17
anos).
CARLOS ALBERTO — As 21:
«Gangsters falhados» e «30
Winchesters» (17 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30:
«Banze» (17 anos).

CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30:
«Contínhas à la minuta» (12
anos).

VALE FORMOSO — As 21 e 30:
«Perdoa... vamos amar» (17
anos).

NUN'ALVARES — As 21 e 30:
«As noites quentes de Lady
Hamilton» (17 anos).

ODEON — As 21 e 30: «Seduzida
e abandonada» (17 anos).

CINE-GAIA — As 21 e 30: «A
morte não tem sexo» (17 anos).

COIMBRA

GIL VICENTE — As 21 e 30: «O
caso da janela roubada» (12
anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «A
fonte da virgem» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «A mi-
nha terra é o dinheiro»
(17 anos).

VIÇO • FARMACIAS DE SERVIÇO • FARMACIAS DE SERVIÇO • FARMACIA

• LISBOA

ALCANTARA — Prohibide,
R. de Alcântara, 15-A-B
(638589)
AJUDA — Lidia Almeida,
Calçada da Ajuda, 70
(637318)
ALTO DO PINA — Eusil,
R. Barão Sabrosa, 104
(841921)
ALVALADE — Rainha San-
ta, Rua Ant. Lopes Viei-
ra, 57-B (765262)
Alentejo, Av. da Igreja,
28-B (712682)
ANJOS — Guerra, Rua An-
drade, 32-36 (845578)
AREIRO — Belo, Av. de
Roma, 53-A (776314) *
Estados Unidos, Av. Es-
tados Unidos da América,
16-B (725859) *
Central do Areiro, Av.
Paris, 2-2-A (720820).
AVENIDAS NOVAS — St.ª
Mara, Av. 5 de Outu-
bro, 283-A (763016) *
Cardete, Lda., Av. Vis-
conde Valmor, 28-A-B e
C (772291) * Saldanha,
Av. Praia da Vitória, 53
e 55 (43938)
BAIRRO AZUL — Sinus, R.
Fialho de Almeida, 38-A
(44000)
BAIRRO DA ENCARNACÃO
— Ascenso, Rua 27, 41
(31216)
BAIXA — Frazão, R. das
Portas, de St.ª Antão, 72
(328180) * Durão, Rua
Garret, 90-92 (324 66)
BENFICA — Marques, E

de Benfca, 648 (700096)
* Vitez, Est. de Benfca,
373-B (780548) *
S. João, Est. da Luz,
124-A (783779)
CAMPO DE OURIQUE —
Condestável, R. Coelho
da Rocha, 119 (666206)
* Almeida, R. Silva Car-
valho, 36 (691726)
CAMPOLIDE — Impardel,
R. General Taborda, 28
(68093) * Rualto, Lda.
Rua do Alto do Carva-
lho, 5-A e 5-B (65721)
CHARNECA — São Barte-
lomeu, Vila Paulo Jorge,
1 — Galinheiras (790969)
CHILE — Lab. do Brasil,
R. Alves Targa, 29-31
(46843)
CONDE BARÃO — Lys, R.
da Esperança, 17-19
(660913)
CONDE REDONDO — Bran-
co, Av. Duque de Loulé,
61-65 (45048)
ESTRELA E LAPA — Ge-
ma, Calçada da Estrela,
130 (660339)
GRAÇA — Anunciada, R.
do Vigário, 74 (866360)
* Progressiva, Rua San-
ta Maria, 8 (863679)
LUMIAR — Patuleira, Her-
deiros R. do Lumiar, 22
e 24 (790332)
OLIVAIS — Fernandes
Borges, R. Cidade de
Benguela, Lote 300
(31091) * Central dos
Olivaes, R. Alfere Bar-
rilaro Ruas, 7-C Olivaes-

-Norte (3.5539)
PAMPULHA — Inf. Santa,
R. do Olival, 290 (Telef.
66 003)
PATRIARCAL — Cunha, R.
da Escola Politécnica, 16
(325455)
PEDROUCOS — Restelo, R.
Duarte Pacheco Pereira,
11-C (61074)
PENHA DE FRANÇA —
Dimas, R. Conde de Mon-
saraz, 7-B (842533)
PICHELEIRA — Mariz,
Caç. da Picheleira, 40-
B-C (702703 e 728395)
REGO — Prates e Mota,
Rua da Beneficência, 91
(773728)
SANTO AMARO — Santo
Amaro, Rua F. Elísio,
29-A-B (637070)
SÃO PAULO — Ultramar-
ino, Rua de S. Paulo,
10 (321771)
DE SANTA APOLÓNIA AO
BEATO — Grijó, Rua do
Gr. v. 25 — Alves de
Carvalho, Rua do Vale
de Santo António, 7-9
(840125)

• Linha de Cascais

ALGÉS — Branco, Av.
Comb. G. Guerra, 29 (Tel.
212081)
CAXIAS — Nova, Rua
Bernardim Ribeiro 1-A (T.
242839)
PAÇO DE ARCOS — Trin-
dade Brás — R. Costa Pin-
to, 86 (Telef. 2432034)

OEIRAS — Godinho — R.
Cândido dos Reis, 98 (Tel.
2430090)
PAREDE — Brandão, Av.
da República, 77-C (Telef.
2471054)
ESTORIL — S. João, S.
João do Estoril (T. 26 186)
MONTE ESTORIL — Sul-
te, Cruzeiro (Tel. 260087)
CASCAIS — Misericórdia
R. Regimento 19, n.º 41
(T. 280141) * Cascais, R.
Conde de Monte Real, B.
Caixas (Telef. 282407)

• Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av.
Marquês de Pombal, lote 9
(T. 934589) * Campos, R.
Elias Garcia, 85 (930072)
* Clabel, R. António Sardi-
nha, 23-D (Tel. 938551)
DAMAIA — Bemele —
P. Alexandre Gueimá, 9-A
(Tel. 970523)
QUELUZ — Zeller — R.
da República, 83 (Tel.
950045) * Correio — Lg.
do Mercado, 311 (950905)
CACEM — Central — R.
Elias Garcia 55 (Telefone
2940034)
MEM MARTINS — Quémite
Est. Mem Martins, 285 (T.
2910012)
PEDRO DE SINTRA —
Valentim. (Telef. 980456)
SINTRA — Misericórdia,
L. Dr. Gregório de Almeida,
2 (Tel. 980391)

VENDA NOVA — Nova
— R. Elias Garcia, 10 (Tel.
933920)
COLARES — Colares,
Abreu. (Telefone 299088)

• Outra Banda

ALCOCHETE — Gamela,
L. António dos Santos Jar-
ge, 5 (Telef. 234000)
ALHOS VEDROS — Gus-
mão — Rua Cândido dos
Reis, 30 (224020)
ALMADA — Nuno Alve-
res, Av. D. Nuno Álvares
Pereira, 39 (T. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
— Aliança, Estrada Nacio-
nal, 74 (Tel. 224302)
BARREIRO — Pimenta,
R. Cons. Joaquim António
Aguar, 259 (T. 2273012)
COVA DA PIEDADE —
Atlântica, Quinta do Pom-
bal (Tel. 274365)
MOITA — União Mollen-
se — Av. Dr. Teófilo Braga
(Tel. 239025)
MONTIJO — Moderna,
R. Buião Pato, 60 (Telef.
230156)
SEJMBRA — Lopes, R.
Cândido dos Reis, 67 (Tel.
229028)
SETUBAL — Saramento,
r. Machado Santos (Telef.
22691) * Alice, P. do Que-
bedo (Tel. 23743)
SEIXAL — Godinho —
L. da Igreja 5 — Telefone
227558

• PORTO

ANTERO DE QUENTAL
Rua de A. de Quental, 520,
(Tel. 45048) * AZEVEDO,
R. do Meral, 508 (Tel.
52344) * CONSTITUIÇÃO,
Rua da Constituição, 93
(Tel. 49083) * CORREIA
DE ARAUJO, R. Santa Ca-
tarina, 259 (Tel. 25644) *
CRUZ, R. Costa Cabral,
1082 (Tel. 4004) * GUA-
RANI, R. Pedro Hispano,
367 (Tel. 62250) * HER-
CULANO, R. Alex. Herácul-
ano, 384 (Tel. 27943) *
LIGA A S. MÓTUOS, R.
Bonjardim, 286 (Tel. 2711)
* MAGALHÃES, Rua Ser-
rares, 566 (Tel. 6353) *
NOVA DE MONSANTO,
Rua de Monsanto, 48 (Tel.
490889) * RIBEIRO JU-
NIOR, Rua Formosa, 97-A
(Tel. 23849) * SAMPAIO,
R. Cedoteia, 635 (Tel.
2782) * SANIL, R. Pa-
raíso, 214 (Tel. 23935) *
VITALIA, Pr. Liberdade, 87
(Tel. 24133).

• COIMBRA

Donato — Rua Ferreira
Borges (Tel. 24470) * Fi-
gueiredo — Rua do Sôfo
(tel. 22837) * Nazaré —
Rua Ferreira Borges (tel.
22605) * Montes Ceres
— Rua Dr. António José
Almeida (tel. 25904)

Diário de Lisboa



Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

**INFORMAÇÃO
DO SERVIÇO
METEOROLÓGICO
NACIONAL**

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continha o céu estava geralmente muito nublado ou encoberto, com excepção do Algarve onde estava pouco nublado; caiu chuvisco no interior do Norte; o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS
— Máxima: Régua, 3.5;
— mínima: Montalegre, 5.5
TEMPERATURAS AS 9 HORAS
— Porto, 1.5; Lisboa, 6.5;
— Portalegre, 1.5; Coimbra, 8.5;
— Faro, 9.5; Funchal, 22.

TEMPERATURAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 20°; na água do mar, 6.5.

**PREVISÃO GERAL
ATE AS 24 HORAS
DE AMANHÃ:**

Períodos de céu muito nublado, mais frequentes nas regiões do Norte e Centro; vento geralmente fraco; períodos de chuvisco ou chuva fraca nas regiões do Norte e Centro.

Amanhã
Nascer às 7 e 37
Ocorrer às 19 e 12

MARÉS:
Dia 8 Dia 14 Dia 22 Dia 30

PRELA-MAR: Hoje — 7 e 13 (3.1 m); 9 e 40 (3.5 m); Dia 7 — 8 e 04 (3.5 m); 0 e 49 (3.3 m); Dia 8 — 9 e 23 (3.4 m); 22 e 22 (3.2 m); BAIXA-MAR: Hoje — 6 e 45 (1.4 m); 13 e 2 (1.4 m); Dia 7 — 1 e 30 (1.5 m); 14 e 0 (1.6 m); Dia 8 — 2 e 37 (1.8 m); 15 e 30 (1.7 m).

TOTOBOLA: SÓ DOIS «TREZES» UM MILIONÁRIO E UM BIMILIONÁRIO

• PARA CADA «DOZE» UM PRÊMIO DE 40 CONTOS

Apenas dois concorrentes acertaram na «chave» do concurso do Totobola do passado domingo e, como consequência (consequência bem feliz para eles...) ambos entraram na já muito longa e famosa «galéria dos milionários do Totobola». Um deles, aliás, atingiu mesmo a «craveira» de bilionário e o outro quase, quase.

O primeiro, residente em Palmela, pediu o anonimato. Jogou com apostas múltiplas e, além do «treze» (que vale de logo lhe valeu qualquer coisa como 1 685 432\$20)

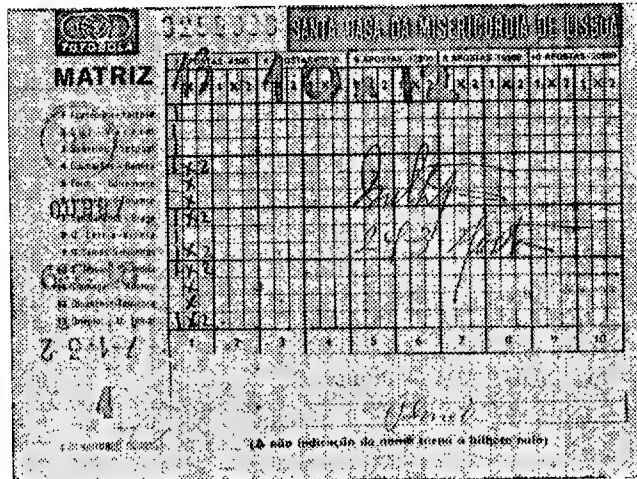
talvez ainda dez «dozes», recebeu mesmo boletim... e mais cinco outro! Ora cada «doze» teve a alta cotação de 40 129\$30, pelo que o sr. anónimo de Palmela juntou mais de 600 contos à fortuna que já conquistara ao acertar na «chave». No total, 2 287 371\$70!

O outro «treze» veio de Moçambique, mas pertence a um lisboeta residente. Trata-se do sr. João Gabriel Gomes Ganito, que em tempos foi empregado na «Papelaria Fernandes». Jogou com apostas simples (10) e acertou em

cheio na «chave», que o mesmo é dizer nos 1 685 432\$20, importância equivalente a metade do segundo prémio. Mas não se ficou por aqui o insprado totobolista (que é casado e pai de dois filhos menores); ainda teve dois «dozes», isto é, 80 contos e picos.

Foram 84 as apostas que só falharam num vaticínio: 70 na Metrópole, 5 em Angola e 9 em Moçambique. O mo já se disse, cada «doze» vai pagar-se bem: 40 129\$30.

Enfim, um concurso de empates não conseguiu empatar toda a gente...



O boletim premiado (muito premiado...) do concorrente de Palmela que pediu o anonimato

PREPARAVA-SE PARA VENDER PEDRAS FALSAS POR 200 CONTOS

LUANDA, 6 — (A. N. I.) — Um indivíduo preparava-se para vender 98 pedrinhas sem valor, por duzentos contos, assegurando tratar-se de diamantes legítimos, quando a Polícia, alertada a tempo e horas, o surpreendeu, num apartamento de Luanda.

O autor da burla gorada é Jorge Ribeiro Fernandes, de 36 anos, casado, natural de Lisboa. Detido pelos agentes da autoridade no acto da «transacção», irá explicar agora não só este «negócio» como outras actividades a que se entregava.

Para o Sporting e o Benfica adversários da R. D. Alemã

AMSTERDÃO, 6 — Tanto o Sporting, na Taça dos Campeões, como o Benfica, na Taça dos Vencedores de Taças, defrontarão adversários da República Democrática Alemã, na segunda eliminatória das suas mais importantes competições de futebol europeu, entre clubes.

Assim, o Sporting terá como adversário o Carl Zeiss, de Iena, cabendo ao

Benfica jogar com o Vorwarts, de Berlim.

Outro jogo importante da «Taça das Taças» é o que opõe os húngaros do Honved aos ingleses do Manchester City.

Na «Taça dos Campeões» destacam-se os jogos Cagliari-Atletico de Madrid e Borussia Moenchengladbach-Everton.

PORTUGUÊS DECAPITADO NUM DESASTRE EM FRANÇA

PARIS, 6 — (A. N. I.) — Um português carpinteiro da construção civil, seguia de automóvel para Carling, próximo de Nancy, e o seu carro foi esmagado contra um camião militar, que circulava em sentido contrário e voltou repentinamente à esquerda.

A parte superior do automóvel ficou completamente desfeita, do lado do condutor, António D'as Pinto, de 24 anos, solteiro, residente em Nancy, que morreu, quase decapitado.

A família do emigrante foi informada do desastre pelo consul de Portugal em Nancy, dr. João Ulbach Chaves.

Doze mortos num naufrágio em Moçambique

BEIRA (Moçambique), 6 — (A. N. I.) — Já foram recolhidos 12 cadáveres, no litoral moçambicano, a sul da cidade da Beira, vítimas do naufrágio do «Barreiro», um pequeno barco que do porto da Beira se deslocava para Bafe e Barada de Sofala — duas modestas povoações pesqueiras da área de Nova Sofala. O barco afundou-se durante o trajeto, depois de encalhar e meter água.

Sabe-se que a bordo seguia 53 pessoas, entre tripulantes e passageiros, sendo propósito destes últimos passar o fim-de-semana nas suas terras, localizadas naquela área.

Desconhecem-se ainda por menores da tragédia que as autoridades marítimas estão a investigar. Entretanto procuram-se, em toda a área do sinistro, as pesosas desaparecidas.

As mulheres adoram despentear cabelos fortes, saudáveis...



...os homens usam

PANTENE

a arma universal contra a caspa e a queda do cabelo



• Embalagem vermelha para cabelos normais
• Embalagem azul para cabelos brancos ou grisalhos
• Embalagem amarela para cabelos rebeldes

O tónico capilar vitaminado mais vendido no mundo.

motor

SAI SEXTA-FEIRA

UMA COMPLETA REPORTAGEM
DO IV RALLYE INTERNACIONAL TAP

EFFECTUADA PELOS NOSSOS ENVIADOS ESPECIAIS
AVELAS COELHO, AUGUSTO VILELA, ADRIANO CERQUEIRA E MARIA DO CÉU

Exclusivo

HUSSEIN UM REI TREINADO PARA EXERCER UM PODER QUE LHE ESCAPA DAS MÃOS

O problema de saber porque é que o rei Hussein se arriscou a uma guerra civil que o pode levar a perder o trono, começa a esclarecer-se.

Hussein, segundo afirmam os árabes, foi levado ao desespero por sucessivos confrontos com os palestinos que lhe estavam a minar lentamente o poder. A pressão exercida pelos acontecimentos levou-o às fronteiras da depressão nervosa antes do início dos combates entre as suas forças e os guerrilheiros. Alguns libaneses que o visitaram recentemente dizem que ele revelava sintomas de esquizofrenia, doença que obrigou seu pai a recorrer a uma casa de saúde turca para doentes mentais. Segundo informações fidedignas, o momento crucial foi aquele em que Hussein pediu ao tenente-general Mashour Haditha, comandante palestino das suas forças armadas, para levar a cabo uma operação armada contra as bases de guerrilheiros de Amã. Hussein foi informado por alguns conselheiros palacianos de que esta operação podia ser levada a cabo com uma perda de 300 vidas, ao contrário do que afirmou Haditha, para quem a operação custaria pelo menos 3000 vidas. Opondo-se ao projecto real, Haditha demitiu-se e foi substituído pelo marechal Hajes Majali, um beduíno com fama de «duro», que Hussein manteve até então, em segundo plano. O desespero do rei compreende-se, já que os palestinos se tinham apossado de Irbid, a segunda cidade do reino e que ou tinham neutralizado, ou controlavam activamente, os órgãos governativos do centro de Amã, da sede militar de Zarca e de outras partes do país. A situação tornou-se ainda mais desesperada depois dos assaltos aos aviões civis e do furor causado em todos os países pela declaração de que os guerrilheiros consideravam o passageiro destes aviões como reféns. Para um monarca que assistia ao declínio gradual do seu poder desde o início das actividades dos guerrilheiros em 1967, os incidentes acima descritos só podiam significar que se aproximava a hora do combate final, tanto mais que as crises se tornavam cada vez mais frequentes e menos solúveis — os guerrilheiros tinham adaptado a tática de darem um passo atrás, para logo a seguir, darem dois passos em frente e o rei limitava-se a remendar situações, dia a dia mais reconhecidamente irremediáveis. Hussein porém, não estava só: os seus oficiais acusavam-no abertamente de não ser capaz de tomar uma decisão. Conta-se que um oficial pendurou um «soutien» no canhão dum tanque e afirmou a Hussein que o não tiraria enquanto ele e os seus camaradas de armas «se estivessem a portar como mulheres». Apesar disto, quando o exército começou a fraquejar, os guerrilheiros aproveitaram-se do facto para aumentar o seu prestígio junto do público, como aconte-

ceu no caso de Irbid. A tomada desta cidade foi antecedida de um encontro violento de forças em Kaf El Asad no decorrer do qual morreram 27 camaradas que foram — segundo afirmam os palestinos — brutalmente trucidados á baioneta pelas tropas jordanas.

Os palestinos expuseram os corpos dos seus camaradas na mesquita de Irbid e percorreram a cidade em camiões munidos de altifalantes pedindo ao público para os ir ver. Pouco afecta á causa real, a população foi tão influenciada pelo espectáculo da mesquita que não ofereceu resistência aos palestinos quando eles ocuparam a cidade — apenas a polícia e a Guarda Territorial resistiram e mesmo esses, a título simbólico.

Isto é, na opinião geral — mesmo na opinião dos partidários de Hussein — o que aconteceu nos dias que antecederam a actual crise do Médio Oriente e o que está a acontecer, embora já numa escala mais vasta, desde que o rei deu carta branca aos seus beduínos. Na opinião geral, a decisão de permitir que o exército atacasse a população, foi um erro de que ainda é difícil avaliar as consequências mas que pode ter sido fatal.

As tropas reais destruíram á bomba edifícios que abrigavam atiradores, edifícios que eram propriedade de jordanos e de palestinos que constituem quase dois terços da população do reino. Verificaram-se inúmeras mortes de inocentes tanto nas cidades como nos campos de refugiados, que foram bombardeados pela artilharia real — segundo Mohammed Keil, ministro de Informação do Governo egípcio, o número das vítimas eleva-se, já, a 10 000 — e se é evidente que os guerrilheiros também são responsáveis por parte destas mortes, é igualmente evidente que a causa dum palestino árabe é sagrada e que, dum modo geral, ninguém no Médio Oriente os acusa pelo que está a acontecer.

Há sintomas de que Hussein já compreendeu e que talvez se tenha condenado a si mesmo. A sua primeira ordem de cessar fogo não deixa lugar a que o exército tivesse dúvidas a seu respeito, mas foi dada muito tarde — o mal foi feito no decorrer de cinco dias de lutas ferozes em quase todas as cidades importantes do Norte da Jordânia.

Há mesmo quem ponha a questão de saber se Hussein controla o seu exército ou não passa dum fantoche reduzido, pelo fogo dos guerrilheiros, a viver em estado de cerco no seu palácio. O desejo que o rei revela de ceder e de encontrar para os seus problemas uma saída que satisfaça os árabes, não é compartilhada pela maioria dos seus conselheiros, quase todos parentes seus e como ele, descendentes de Maomé. Por outro lado, parece ser tarde para que lhe seja possível apelar para

palestinos do «establishment», isto é, para os membros da comunidade de refugiados que se fixaram na Jordânia onde conseguiram reconstituir as suas vidas. Antes dos últimos acontecimentos, esta comunidade exercia uma forte influência na Jordânia, apesar de todos suspeitarem que em matéria de lealdade, eles estavam, sobretudo, vinculados á velha banca oriental, hoje dominada por jordanos da região entregue pela Inglaterra ao avô de Hussein, o emir Abdullah, depois da 1.ª Guerra Mundial.

A questão que hoje se debate nos círculos políticos é a do futuro. Que vai acontecer a seguir? Se a Jordânia sobreviver, ficará sob a dependência e o «contrôle» da Palestina e tudo leva a crer que Hussein acabará por perder o trono e a guerra, mesmo que vença a presente batalha que temos de considerar como simples estágio da luta que se está a travar. Se é certo que o chefe guerrilheiro Yasser Arafat não revela o menor desejo de dirigir o Governo mas apenas o de se apossar de bases para continuar a luta contra Israel, é igualmente certo que este ponto de vista não é partilhado por muitos dos seus camaradas de armas, como Jorge Habbash o chefe marxista, de tendência maoísta, da Frente Popular, para quem a causa da revolução é tão importante como a da libertação da Palestina das mãos sionistas e para quem a Jordânia é sobretudo, uma base revolucionária. Mesmo que os palestinos do «establishment» venham a governar o Jordão, se os palestinos conseguirem os seus intentos, é pouco natural que esse estado de coisas se mantenha. Tudo leva a crer que a possibilidade de sobrevivência dos palestinos do «establishment» não são maiores do que os do rei Hussein.





JORDÂNIA

«É difícil ser rei». Este título, dado a um livro referido em grande parte ao rei Hussein, sugere uma outra verificação: desde há cinquenta anos, desde quando a Jordânia apareceu pela primeira vez nos mapas, nunca foi fácil ser Jordano.

Jordânia, ou antes, como no princípio, Transjordânia, território confiado por Londres em 1920 ao emir Abdullah, um dos mais ilustres representantes da família Hachemita, estendia-se apenas, nessa época, até ao Jordão. A Cisjordânia fazia parte integrante da Palestina, sob mandato britânico. A sua delimitação não correspondia a nenhuma espécie de realidade histórica ou económica. Tratava-se, apenas, de compensar o emir...

Haviam-lhe prometido, durante a guerra, pela sua participação nos combates contra os turcos, o trono do Iraque. Seu irmão Fayçal receberia o trono da Síria. Mas a França reclamava este último país que fora atribuído pelos acordos Sykes-Picot de 1916 relativos à partilha do império otomano. Londres teve de renunciar às suas pretensões sobre a Síria, destituída, no seu projecto, a tornar-se num dos elementos do seu grande império árabe: o Crescente Fértil. Deu-se o Iraque Fayçal e inventou-se para Abdullah um emirato da Transjordânia. Este, composto de territórios praticamente desérticos, habitado somente por beduínos nómadas,

tina. Cidadãos ou refugiados, os palestinos têm dificuldade em se integrarem num Estado dominado pelas grandes tribos beduínas. A sua ambição, a sua disponibilidade e o seu activismo modificam inevitavelmente as formas de vida política jordana. Várias constituições se sucederam (1946, 1951 e 1952). As eleições representam um papel importante e seguem-se um certo jogo parlamentar, intervindo. Cada vez que o divórcio se acentua entre o Governo e as massas palestinianas, uma conjura, motins ou uma greve geral lembram ao rei os limites do seu poder.

«PORTA-AVIÕES DA INGLATERRA»

A 20 de Julho de 1951, o rei Abdullah é assassinado por um fanático palestiniano. Várias razões foram dadas para este acto: vingança de Hadj Amin Al Husseini, antigo grande mufti de Jerusalém; desejo de castigar o homem que projectara negociar com Israel; hostilidade ao projecto da «Grande Síria»; de que o rei não desistira desde o seu afastamento do trono do Iraque.

A sucessão ao trono processou-se sem dificuldade, após a abdicação do rei Talal,

ceira anual. Na realidade, só o Governo de Ryad cumpre a promessa.

Entregue a si própria, submetida à pressão dos Estados Unidos que querem obrigá-la a aprovar a «doutrina Eisenhower», a Jordânia vê-se, em breve, presa de perturbações internas. A 10 de Abril de 1957, o primeiro-ministro, Suleimão Nabulsi, favorável a uma aproximação com a U. R. S. S., demitiu-se. Ao fim de duas semanas de crise ministerial e de motins, no decurso dos quais o rei só conseguiu salvar o trono mercê do seu espírito de decisão, constituiu-se um Governo pró-occidental sob a direcção de Ibrahim Hashim. A Lei Marcial é proclamada, todos os partidos políticos suprimidos. Abandona-se o projecto de entabular relações diplomáticas com Moscovo. Em Maio, a Jordânia pede à Síria que chame as suas tropas estacionadas em território jordano e ligadas ao estado mais comum sírio-egípcio-jordano. No mês de Setembro, como resposta à aproximação da Síria com a U. R. S. S., os Estados Unidos enviam por avião importantes fornecimentos de armas à Jordânia.

Para escapar ao isolamento, e como resposta à união do Egipto e da Síria no seio da RAU, o rei Hussein proclama, em 14 de Janeiro de 1958, com seu primo, o rei Fayçal do Iraque, a Federação Árabe que une os dois Estados hachemitas.

provoca uma ruptura de facto com o Egipto.

Em 1962, os partidos políticos são reestabelecidos. No ano seguinte rebentam motins que levam à dissolução da Câmara. O xerife Hussein Ben Nasser, tio-avô do rei, trata dos negócios correntes, e continua à frente do Governo depois das eleições.

O ano de 1964 assiste a uma aproximação sensível da Jordânia com os outros países árabes. Retomam-se as relações com o Egipto, que o rei visita por ocasião da Conferência Árabe do Cairo. Em Maio, solidária com outros nove países árabes, a Jordânia rompe com a Alemanha Federal para protestar contra o estabelecimento de relações diplomáticas com Israel.

OS EFEITOS DA GUERRA DOS SEIS DIAS

O agravamento da tensão com Israel, em 1967, faz esquecer os litígios. Hussein reconcilia-se, de maneira espectacular, com o presidente Nasser nas vésperas da Guerra dos Seis Dias. A participação da Jordânia nas hostilidades vale-lhe a perda de Jerusalém e de todo o território palestino-jordano. Vale-lhe o ter de fazer face ao

HISTÓRIA MOVIMENTADA DE UM PEQUENO PAÍS

depende inteiramente do apoio financeiro de Londres. Fornecerá ao seu protector valentes soldados da Legião Árabe, o exército moderno durante muito tempo comandado pelo célebre «Alubb Pacha» que terá enorme acção durante a guerra dos seis dias.

NASCIMENTO DO REINO HACHEMITA

Em 1944 o emir Abdullah participa, no Cairo, na constituição da Liga Árabe, com o Egipto e o Iraque. Em 1946 toma o título de rei. A 15 de Março de 1948 assina com a Inglaterra um novo tratado de termos do qual as únicas restrições à soberania jordana respeitam, para o futuro, à utilização das forças armadas.

A seguir ao afrontamento com o recém-formado Estado de Israel, o influxo de refugiados e a anexação provisória da Palestina árabe modificam completamente a configuração da Transjordânia que retorna, em Abril de 1948, ao Reino Hachemita da Jordânia. A 31 de Janeiro de 1949, a Jordânia entra na ONU. Suspeito de não tratar, em separado com Israel, o rei Abdullah proclama, a 24 de Abril de 1950, a anexação da Palestina árabe, após eleições gerais. Condenada pelos outros Estados árabes, esta operação é imediatamente aprovada pela Inglaterra.

A situação dos palestinos no seio do novo Estado é ambígua. Permanece a tensão entre a Cisjordânia e a Transjordânia. Em 1939 a Legião Árabe participou, ao lado das tropas inglesas, na repressão do terrorismo árabe da Pales-

que sofria de perturbações mentais, em favor do seu filho Hussein, que tinha na altura 16 anos.

A Inglaterra procura fazer aderir o reino ao pacto de Bagdad, realizado a 26 de Fevereiro, com a Turquia, o Iraque, o Irão e o Paquistão. A sua insistência provoca, em Dezembro de 1955, uma crise política grave. Rebentam motins. Sucodem-se quatro Governos em menos de um mês. Dissolve-se o Parlamento a 20 de Dezembro. A oposição dos palestinos, hostis ao pacto, e dos jovens oficiais jordanos desejosos de seguir o exemplo da revolução egípcia conduz finalmente o rei a renunciar à adesão ao pacto. Esta reviravolta de um Estado qualificado por alguns como «o porta-aviões da Inglaterra» constitui um sério fracasso da diplomacia britânica na Jordânia. Dois meses mais tarde, em Fevereiro de 1956, o rei confirma a alteração anunciada, pondo fim, por decreto, às funções de Alubb Pacha, comandante-chefe da Legião Árabe. A Inglaterra renuncia a reagir ao não suspender a ajuda financeira.

Nesse mesmo ano, o Estado jordano procura assumir uma posição intermediária no seio do mundo árabe. Acordos militares são assinados com a Síria, o Líbano, o Egipto e mais tarde com o Iraque.

As eleições que se realizaram a 21 de Outubro de 1956 fazem aparecer uma maioria hostil às potências ocidentais (dois terços dos lugares). A 27 de Novembro, a seguir à expedição do Suez, a Jordânia denuncia o tratado de 1948 com a Inglaterra e recusa o auxílio financeiro desta. Em Janeiro de 1957, na conferência do Cairo, o Egipto, a Síria e a Arábia Saudita decidem conceder-lhe ajuda finan-

Mas, a 14 de Julho, a revolução rebenta em Bagdad, onde Fayçal e o ditador Nuri Said são assassinados. Para-quadistas ingleses chegam à Jordânia enquanto os «marines» americanos desembarcam no Líbano, assolado pela guerra civil. O primeiro-ministro, Ibrahim Hashim, é morto pela multidão durante um motim a 22 de Julho. Vindas de todo o país, tribos beduínas acampam em Amã, a 11 de Agosto, para afirmar a sua fidelidade ao rei. Trinta pessoas acusadas de conjura militar são condenadas à morte. Os «boinas verdes» britânicos retiram-se em Novembro, depois de o mundo árabe ter reconstituído provisoriamente a sua unidade na ONU. Graças a importantes medidas de segurança (exército e forças da ordem absorvem metade do orçamento em 1960/61) e a uma ajuda americana de 50 milhões de dólares por ano, um período de relativa estabilidade principia. A abertura do porto de Akaba melhora a situação económica. Em 1959 e 1960 o rei faz várias viagens pelo mundo. As relações diplomáticas com o Egipto, interrompidas desde 1957, são estabelecidas. O rei Hussein continua em desacordo com os outros países árabes quanto ao problema palestiniano. Hostil à constituição de um Governo da Palestina no exílio, procura fortalecer a anexação da Jordânia, concedendo a cidadania jordana a todos os refugiados que o desejarem.

O primeiro-ministro Hazza El Majali é assassinado a 29 de Agosto de 1960. Sucede-lhe Bahjat Tahlouni, sem perturbações. Assina-se um acordo comercial com os Estados Unidos em Fevereiro de 1961. Quando se dá o desmembramento da RAU, em Setembro, a Jordânia reconhece imediatamente o Estado sírio, o que

fluxo de duzentos mil refugiados suplementares e à pressão crescente das organizações palestinianas. De todos os beligerantes o reino hachemita é o que mais sofre.

Amputado de meios diplomáticos e económicos, o rei Hussein tem dificuldade em se fazer ouvir apesar dos seus esforços para se mostrar realista. É duramente atacado por Israel, por acções que ele não tem poder para impedir. A Jordânia, dividida no seu interior, tornou-se ao mesmo tempo um emirato do deserto e uma base de comandos. Nestas condições, a criação, em Abril de 1968, de uma frente nacional sob a égide do rei, agrupando todas as forças políticas — incluindo os comunistas outrora interditos; os baasistas, pró-sírios e pró-nasserianos —, não traz nenhuma solução. A «desvalorização» de facto do regime jordano faz destes acordos políticos uma moeda sem valor.

A anexação da Cisjordânia, a 24 de Abril de 1950, marcou o verdadeiro nascimento do reino hachemita; a sua perda, em Junho de 1967, faz pesar sobre ele uma ameaça mortal. Mais evoluídos, os cisjordanos ocuparam progressivamente os postos administrativos e mudaram radicalmente a fisionomia política da Jordânia: o nacionalismo jordano, que deu vida a esta criação artificial da diplomacia britânica, é inseparável da Jordânia «palestiniana». Privado deste território, o reino de Hussein não é mais do que uma vasta região à deriva, sem futuro político nem económico, desprovida de toda a possibilidade de manobra.

ORIENTE E OCIDENTE

ESTE LIVRO (1) foi escrito por um funcionário internacional. Concebido sob o signo da U. N. E. S. C. O., foi redigido sob o signo da compreensão e do diálogo entre os povos. George Fradier, que é europeu, dotado portanto de sentido das proporções e de pudor (o europeu é um americano com pudor), não é ingenuamente grandiloquente quanto aos objectivos da sua obra. «Podemos responder com solenidade que assim se contribuiria para o advento de uma civilização pacífica, planetária, fraternal. Isso é possível, ao fim e ao cabo. Mas há com certeza algumas qualidades muito simples a adquirir, algumas virtudes pouco espalhadas: a modéstia, por exemplo, e a tolerância». O texto de Fradier possui a virtude da modéstia. Foi escrito com essa serenidade humanista que os intelectuais burgueses dificilmente mantêm após a amarga vitória e a amarga derrota de 45, e que Camus cultivou com brilho. Ser humanista (e sê-lo serenamente mas sem ingenuidade) combater, como um enciclopedista o faria, pelos fracos e pelos oprimidos do século XX — eis um jogo difícil numa era em que a burguesia ultrapassou a contradição democracia/fascismo (interna ao seu poder de classe) através da tecnoburocratização autoritária do aparelho do Estado ex-parlamentar. Camus conseguiu-o, mas morreu (profeticamente) num desastre de viação no início dos anos 60...

Não é de espantar que este seu discípulo — Fradier fez, aliás, parte da equipa do «Combat» entre 1946 e 1949 — se refugie numa organização internacional cujo objectivo é o fomento da cooperação entre povos e culturas. Em contrapartida, a ideologia de Fradier serve objectivamente o cosmopolitismo internacional. Perante a U. N. E. S. C. O. como perante a O. N. U. todos os povos são iguais, todos têm os mesmos direitos, todos têm direito a um voto — os E. U. A. e a U. R. S. S. como a Guiné ou o Kuwait. Vantagens de um tal igualitarismo: os humanistas exultam, e agressor e agredido ficam em plano de igualdade de tratamento... A justificação jurídica das intervenções norte-americanas (apoio aos Governos aliados locais) floresce neste campo.

★

Colocar Ocidente e Oriente num mesmo plano, tratá-los como parceiros em igualdade de circunstâncias, «esquecer» a estrutura da Comunidade Internacional em função da qual laços de dependência económica e política acorrem os chamados «subdesenvolvidos» aos países industrializados, eis a tarefa de Fradier. O seu igualitarismo, os seus apelos ao diálogo entre os povos, à compreensão e ao entendimento esbarram na realidade do imperialismo em 1970, realidade que a ideologia de Fradier não pode apreender. (Morrer jovem é morrer quando se deve, disse Lopes Vieira a propósito de Florbela: a morte de Camus veio talvez no tempo devido, pois que poupou ao fundador do «Combat» e ao autor de «L'Homme révolté» e de «La Peste» os irreversíveis compromissos políticos que a viagem argelina a convite de De Gaulle já faziam prever).

Os handicaps próprios da ideologia de Fradier tornam-se evidentes na definição do binómio Ocidente-Oriente. «Termos imprecisos», comenta o Autor, que aponta cinco critérios comuns de distinção das duas nações: o da geografia, o das raças, o das línguas, o das religiões e o das formas sociais. G. F. considera-os insuficientes a todos, inclusivamente ao das «formas sociais»: «se existe ainda um pequeníssimo número [de povos «orientais»] (entre os mais fracos) cujo sistema de governo não corresponde às normas democráticas geralmente aceites, não há quase nenhum que não tenha sido tocado ou penetrado por uma revolução industrial, por vezes já antiga».

Para Fradier, como para a U.N.E.S.C.O., para a F. A. O. e para a O. N. U., as diferenças entre Oriente e Ocidente, entre in-

dustrializados e «subdesenvolvidos» vêm a ser, afinal, meramente quantitativos «De um modo geral, esta ideia não corresponde à realidade», escreve Charles Bettelheim. «Esta ideia é falsa, porque os países ditos «subdesenvolvidos» estão numa situação radicalmente diferente da que podiam conhecer, há cinquenta, cem, duzentos ou trezentos anos, os países hoje industrializados. Mesmo admitindo que o rendimento nacional «per capita» de que esses países dispunham então não fosse mais elevado do que os dos actuais países «subdesenvolvidos», a sua situação quantitativa era outra. A economia dos países hoje industrializados não comportava nenhuma das características essenciais da economia dos países ditos «subdesenvolvidos» (...) Esses países não eram economicamente dependentes. A estrutura da sua produção não comportava sectores hiperjoroados ligados aos mercados estrangeiros e fortemente penetrados pelos capitais estrangeiros. Essas economias não se desenvolviam ou não estagnavam de acordo com a evolução do mercado mundial de tal ou tal matéria-prima ou produto bruto agrícola. Não suportavam a carga de pesadas obrigações exteriores «interesses, dividendos, «royalties» pagas a capitalistas estrangeiros, a sua indústria nascente não tinha que afrontar a concorrência das indústrias poderosas já estabelecidas e dominadas pelo mesmo grande capital que teria dominado as suas próprias riquezas naturais. Essas economias não dependiam, para a sua reprodução alargada, das importações de equipamentos do exterior. Se eram pouco industrializadas, essas economias não eram deformadas e desequilibradas, mas, pelo contrário, integradas e auto-cêntricas.

Esta longa transcrição tem como objectivo pôr a claro em que termos uma «imprecisão» terminológica — «desenvolvidos» versus «subdesenvolvidos», Ocidente versus Oriente — recobre uma ideologia apta à conservação de uma sociedade internacional (e de sociedades nacionais), profundamente estruturada(s) em relações de dominação económica e política. Se, como o próprio Fradier admite, a geografia, a religião, a raça, a língua, as «formas sociais» não fundamentam um critério seguro de distinção das nações de Oriente e de Ocidente — é talvez porque essa distinção, «corrente» e «vulgar», é ideológica e não científica: escamoteia mais do que esclarece. Não é um meridiano que separa o Oriente do Ocidente, não é um atraso quantitativo que separa os «subdesenvolvidos» orientais dos «desenvolvidos» ocidentais. A estrutura da Comunidade Internacional é um todo indivisível, com um pólo desenvolvido e um pólo subdesenvolvido; mantendo-se a actual organização do poder internacional e a actual divisão de trabalho e de funções a nível internacional, os subdesenvolvidos continuarão a desenvolver... o seu subdesenvolvimento — para o proveito e para a glória dos euro-americanos.

Se as noções de «desenvolvimento» e de «subdesenvolvimento» pouco ou nenhuma contribuição podem dar à análise científica da sociedade internacional do século XX, o mesmo acontece com as de Oriente e de Ocidente. Só são legítimas quando criticamente utilizadas, i. e., tendo em conta que o que está efectivamente em causa é uma relação dominante-dominado, um poder de classes e uma estrutura com parcelas incindíveis, e não dois mundos que, dialogando ou não, querendo ou não dialogar, devem dialogar. Mas esse uso crítico conduz à inutilidades e à denúncia da ubiquidade de uma tal terminologia. Se os «orientais» são os dominados, há orientais neste rico e próspero Ocidente. Em última análise, a minha perfeita é oriental; talvez seja essa a causa da sua face mongolóide...

AMADEU LOPES SABINO

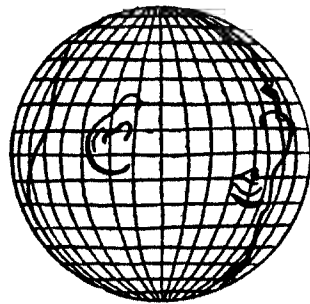
(1) «Oriente e Ocidente — Diálogo ou agressão», de Georges Fradier, Edições Dom Quixote, Lisboa 1970.

Exclusivo



Hussein, rei da Jordânia, é um minimonarca treinado em se equilibrar num trono instável. Depois de diversos atentados ele escapa à pressão dos «feddayins» através de um banho de sangue. Há quem diga que ele começa a dar sinais de esquizofrenia. O seu país e um pouco da sua história são igualmente focados neste suplemento.

(Páginas 1 e 2)



Amadeu Lopes Sabino agarrou num livro, leu-o, pensou e escreveu uma coisa que é um misto de crítica literária e comentário político. (Leia-o aqui ao lado)

A Alemanha de hoje é um grande ponto de exclamação. É um país que se afigura cada vez mais. Entretanto, a inflação continua. E amanhã?

(Páginas 4 e 5)

A Ford voltou atrás e resolveu readmitir o «Taunus» na sua gama. Philip Toussaint experimentou-o e conta o que é o novo carro, em exclusivo.

(Página 6)

Para onde vai a Igreja neste tempo de rápida evolução? Ela própria se interroga, como podem ver pelo artigo que publicamos sob o título «Quo Vadis Roma?»

(Página 8)

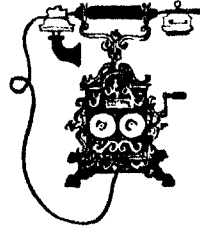
Hugh Hefner criou o mais fabuloso império do Planeta: a Organização Playboy. Claude Michel Cluny, o sociólogo («As rodas da fortuna») dissecou o que é de facto, Playboy. Um mito?

(Página 7)



Do Brasil, Chianca de Garcia, uma vez mais, escreve para os seus fiéis leitores de Portugal. País que há tantos anos abandonou sem nunca o esquecer.

(Páginas 10 e 11)



DIÁRIO DE LISBOA, 6 DE OUTUBRO DE 1970

EXCLUSIVO. SUPLEMENTO SEMANAL DO **Diário de Lisboa**
COPYRIGHTS DE «LE MONDE», «WASHINGTON POST» e
«LOS ANGELES TIMES» E PUNCH (ADS)

ALEMANHA DE ONTEM E DE HOJE...



BONN

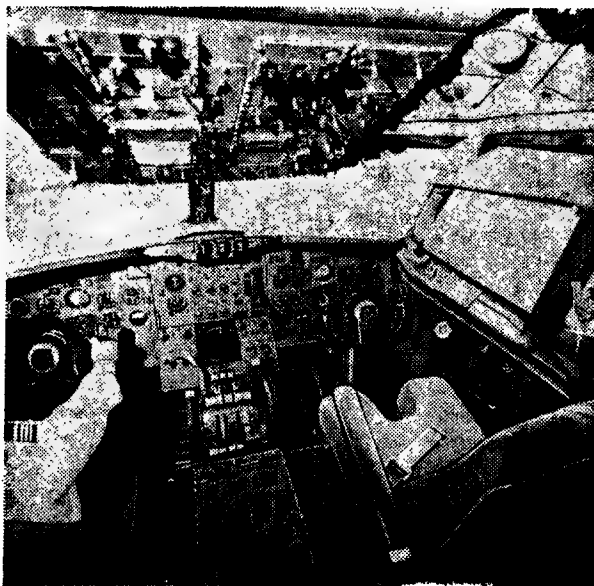


A actividade política de Bonn caracteriza-se, actualmente, pela indecisão. Ainda ofegantes de terem corrido atrás da lebre do tratado de Moscovo, o Governo e a oposição parecem enfrentar sem prazer a regulamentação dos seus pormenores. Os partidos procuram encontrar um caminho e alguns enfrentam debilitantes dificuldades internas. O mal não poupa nenhum, embora todos sejam afectados de uma forma diferente. Sacudido pelas tentativas cisionistas da sua ala direita e pelo escoicear esquerdista dos seus «jovens turcos», o Partido Liberal (F. D. P.) prepara-se para o combate das próximas eleições parciais de Novembro em Hesse

e na Baviera. As suas chances de reintegrar a Dieta de Munich parecem pequenas, já que o declínio provável do Partido N. P. D. (neo-nazi), podem, de preferência, beneficiar a União Social-Cristã, do sr. Strauss. Nestas circunstâncias, a sua possibilidade de conservar os lugares que actualmente ocupa no Parlamento de Wreshaden são muito reduzidas. A assinatura do Tratado de Moscovo contribuiu, certamente, para elevar o prestígio do F. D. P. e do seu sr. Scheel, seu chefe, a quem se deve, como ministro dos Negócios Estrangeiros, uma parte do êxito destas iniciativas diplomáticas, mas o tratado, por outro lado, também contribuiu para agravar as dissidências no seio

do partido. Os que, à direita, se opõem à orientação do sr. Scheel encontram no êxito da «Ostpolitik», um estímulo para a sua aparição. A acção nacional liberal continua a desenvolver-se apesar do processo de exclusão iniciado no princípio do mês contra o seu principal animador, o sr. Siegfried Zaglmann. Este movimento é apoiado, actualmente, por cerca de dois mil membros do partido. Os quadros superiores do partido, porém, hesitam em tomar medidas definitivas sobre o assunto, receando enfraquecer o partido, nomeadamente na Renânia-Westfalia, onde a aplicação de sanções excessivamente severas lhe faria perder a posição estatutária de grupo parlamentar na dieta regional.

Este lugar de piloto pode ser ocupado por si!



ARCA-Tp1-70

Quem me diz que não? Leia e responda a este anúncio para ter a sua certeza de encontrar uma profissão moderna, cheia de dinamismo, responsável e muitíssimo bem remunerada.

Oferecemos-lhe uma profissão estável e prestigiada e asseguramos-lhe uma formação e um treino ao mais elevado nível.

Nós somos uma Companhia em pleno crescimento e permanentemente actualizada: ampliamos e aperfeiçoamos os nossos serviços, aumentamos o número das nossas escalas e a nossa frota. **PRECISAMOS DE MAIS PILOTOS!** Estes terão menos de 32 anos, frequência de um curso superior (ou equivalente) e a situação militar regularizada. **UM DESTES PILOTOS PODE SER VOCE.** Decida-se desde já: responda a este anúncio, dirigindo-se à Divisão do Pessoal Navegante da TAP, Edifício n.º 25 - 2.º andar, Aeroporto de Lisboa. Inscrições permanentes. Cursos periódicos.



Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo.

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO VENHA PARA PILOTO DA TAP

A RADICALIZAÇÃO DOS JOVENS DEMOCRATAS

Estas dificuldades não são as únicas que a direcção do F. D. P. enfrenta. «Defende-te à direita e à esquerda» parece ser o lema de certos chefes liberais ligados pelo receio da radicalização dos jovens democratas que contestam o sistema. A semana passada, a Federação do Partido, no Baixo Saxe, declarou «incompatível» a integração no partido dos jovens democratas que dias antes tinham adoptado uma moção, declarando que ela devia «participar na luta de classes» e ajudar a «destruir a ditadura da burguesia». Já no ano passado, em Bremen, o F. D. P. tinha cortado as pontes com a sua organização de juventude, cuja audiência no conjunto da República Federal é relativamente importante, desde que, segundo os seus dirigentes, ela contaria à volta de 20 mil membros.

A União Democrata Cristã tem os seus próprios problemas. Os desenvolvimentos da crise do F. D. P. não a deixaram indiferente. Segundo o semanário «Der Spiegel», dois dos seus principais dirigentes, Barzel e Strauss, teriam tido, separadamente, encontros secretos com Zoglmann.

De qualquer maneira, a CDU prosseguiu na elaboração do seu programa. As organizações de base têm tempo, até 4 de Novembro, para formular os seus pareceres sobre as propostas que lhes foram submetidas. Restará quase um trimestre, em seguida, aos responsáveis, para porem em letra de forma o texto que será apresentado ao congresso do Partido, a realizar em Dusseldorf de 25 a 27 de Janeiro próximo. A favor deste trabalho obscuro, mas que pode ser rentável a longo prazo, alguns esperam colocar-se com vista ao futuro.

A CDU, com efeito, está mais à procura de um homem do que de um programa. Entre os principais dirigentes cristãos-democratas desenrola-se uma luta ainda para herdar a cadeira do presidente da União, ocupada actualmente pelo ex-chanceler Kiesinger.

Nenhuma indicação séria mostra que este último se decida a ceder o seu lugar em Janeiro. Mas o mandato de que dispõe acaba no Outono de 1971, e muitos pensam que a substituição se fará nessa altura. O chefe do partido teria assim dois anos para preparar a sua formação para as eleições gerais de 1973. Da consulta parcial de Novembro, a CDU espera, sem qualquer dúvida, um reforço das suas posições.

Acreditará a CDU verdadeiramente na

... inflação de reformas e inflação

possibilidade de ressuscitar uma coligação ensombrada por uma derrota maciça? É preciso esperar-se, em todo o caso, que ela reforce a sua pressão para tentar agarrar a magra sorte que ela terá de derrubar o Governo antes do fim do ano.

Das três grandes formações políticas, o partido social-democrata é onde aparentemente reina a maior serenidade. Esta impressão poderia no entanto ser enganadora. O aviso lançado pelo conselho director a todos os membros do SPD contra os perigos da cooperação com os comunistas é um acontecimento relativamente menor. Os militantes visados haviam retirado, antes deste aviso ter sido pronunciado, a sua participação «no congresso sobre a segurança europeia», condenada pela direcção. Bem apoiada pelo aparelho, fortemente disciplinada, a formação social-democrata não está em transe de se deixar «contaminar» pelos comunistas.

Apesar de ser o principal partido da coligação governamental, o SPD tem menos motivos de satisfação. A assinatura do tratado de Moscovo, durante o Verão, foi um incontestável êxito para Willy Brandt. As consequências económicas do acordo parecem promissoras, se bem que tivessem sido, sem dúvida, exageradas. Mas onde estão os efeitos felizes que devia ter o tratado sobre as relações de Bonn com Berlim Leste e Varsóvia?

O recomeço das conversações com a Polónia, em princípio previsto para fins de Setembro, foi atrasado de um mês. O próprio Scheel reconheceu, para explicar esse atraso, que «ainda existiam dificuldades». A principal diz respeito à linha Oder-Neisse. Os polacos tornaram público que a forma contida no tratado de Moscovo os não satisfazia. Quanto à República Democrática da Alemanha, um mês e meio depois do tratado Moscovo-Bonn, continua a guardar silêncio, prosseguindo numa «pausa de reflexão» entrecortada de críticas vigorosas na imprensa contra a ideia de uma cooperação económica com Bonn.

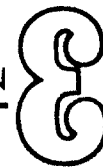
De todo este caso, o chanceler Brandt deveria interrogar-se se afinal de contas ele não foi levado. Se, com efeito, toda a normalização com a Europa de Leste passava primeiro necessariamente por Moscovo, a Polónia e a RDA encontram-se agora numa situação ideal para fazer subir as paradas.

A política de Brandt é um todo. Se ele quer levar até ao fim e vencer numa empresa onde empenhou todo o seu prestígio, será obrigado a tomar em consideração as exigências dos seus interlocutores, nomeadamente polacos, e, numa certa medida, de os aceitar. Esta situação não deve ser deplorada no Kremlin. Os seus interesses políticos e económicos, de grande potência, ficaram reforçados na negociação. Porque razão a URSS se opo-

ALEMANHA DE AMANHÃ?



BONN



ria à maior intransigência dos seus aliados? Perante um risco de bloqueio de conversações, ela poderia, certamente, a pedido de Bonn, fazer pressões amigáveis sobre Varsóvia e Berlim Leste. Isso não aconteceria sem perigo. Solicitando uma intervenção soviética, a República Federal reconheceria os limites da soberania dos países de Leste e acentuaria a posição de força da URSS.

Karl Schiller, que havia posto fim à recessão em 1966-67, parece hoje incapaz de moderar a expansão e de travar a tendência inflacionária. Os preços aumentaram 4,1 % num ano. Na previsão de próximas negociações salariais, que interessam a perto de 8 milhões de trabalhadores, os sindicatos anunciaram pedidos de aumento que atingem os 15 e os 18 por cento.

Os futuros aumentos de salários terão infalivelmente o efeito de reforçar o processo inflacionista. Esse será o resultado do orçamento «record» para 1971, apresentado por Alex Moller, ministro das Finanças.

Tomando as suas funções quase há um ano, Willy Brandt recebeu já o cognome de «chanceler das reformas interiores». Adversários não lhe faltam para lhe chamar assim, carregados de ironia. É falso, portanto, pretender-se que o Governo não tenha ideias em questão de reformas.

Com efeito, o gabinete socialista-liberal parece favorecer os projectos que são, politicamente, os mais neutros e financeiramente os menos dispendiosos. Cada mudança de vírgula numa lei é pomposamente baptizada com o nome de reforma, o que não deixa as pessoas espantarem-se quando Wichniewski, secretário-geral

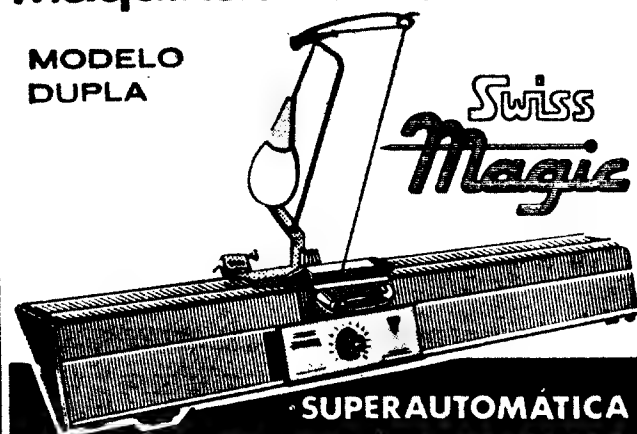
do partido social democrata, anuncia que o Governo abordava em média três projectos de reforma por semana.

Esta fúria da reforma tem o fim de agitar o eleitor alemão. «Desde que ouçam falar de reforma, as pessoas esticam as orelhas», escrevia recentemente o semanário «Die Zeit». Mas um ministro fala de uma reforma, as pessoas ficam imediatamente à espera da próxima. Pode assim manter-se alerta a imprensa e a Oposição, que também não quer deixar-se ficar para trás. Com esta inflação de reformas, o cidadão médio fica desorientado. Ele vê tantas árvores que não distingue as florestas. Em vez de se manifestar com exclamações admirativas sobre o trabalho do Governo ele interroga-se atemorizado: «Mas será necessário modificar tudo?», acrescentava o «Die Zeit».

Um ano depois da mudança de Poder em Bonn, o Partido Liberal e a União Cristã Democrata estão sempre à procura do equilíbrio interno. O partido social-democrata, quanto a ele próprio, não encontra ainda, por seu lado, um estilo de Governo.

Máquinas de Tricotar

MODELO DUPLA



SUPERAUTOMÁTICA

PRODUTO DA INDÚSTRIA SUÍÇA DE ALTA PRECISÃO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.

LISBOA - R. António Enes, 20-1.º - Tel. 535057
PORTO - Rua Formosa 172 - Telef. 26902

✂ Pretendo receber publicidade e preços

Nome

Morada

Localidade

APRENDA

ALEMÃO

FRANCÊS
INGLÊS
PORTUGUÊS



- Ensino por métodos actuais
- Professores da nacionalidade altamente qualificados
- Instalações modernas
- Programa sócio-cultural

INSCRIÇÕES ABERTAS

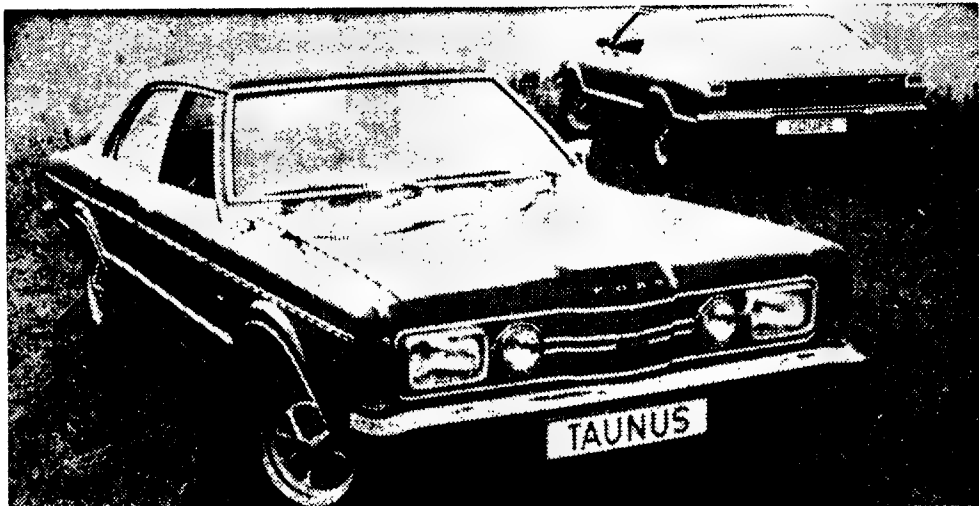
LISBOA: Rua Marquês Sá da Bandeira, 16

Tels. 51496-534054-534062

BARREIRO: Avenida Alfredo da Silva, 57



Philip Toussaint experimentou o novo modelo Ford. Ele relata aqui, em primeira mão, os resultados dos seus «tests».



O novo modelo

TAUNUS REGRESSA À LINHA FORD

CONCURSO PÓPÔ 1 AUTOMÓVEL POR SEMANA! MORRIS 1000

Para o sorteio do dia 14 de Outubro, no Porto, envie os seus postais até 9 de Outubro.

Para o sorteio do dia 21 de Outubro, em Lisboa, envie os seus postais até 16 de Outubro.

GRUNDIG

Candy

KING FAGOR

PF Perpetuum-Ebner

PROGRESS

RÁDIOS TELEVISORES
GRAVADORES E
GIRA-DISCOS

MÁQ. DE LAVAR ROUPA
MÁQ. DE SECAR ROUPA

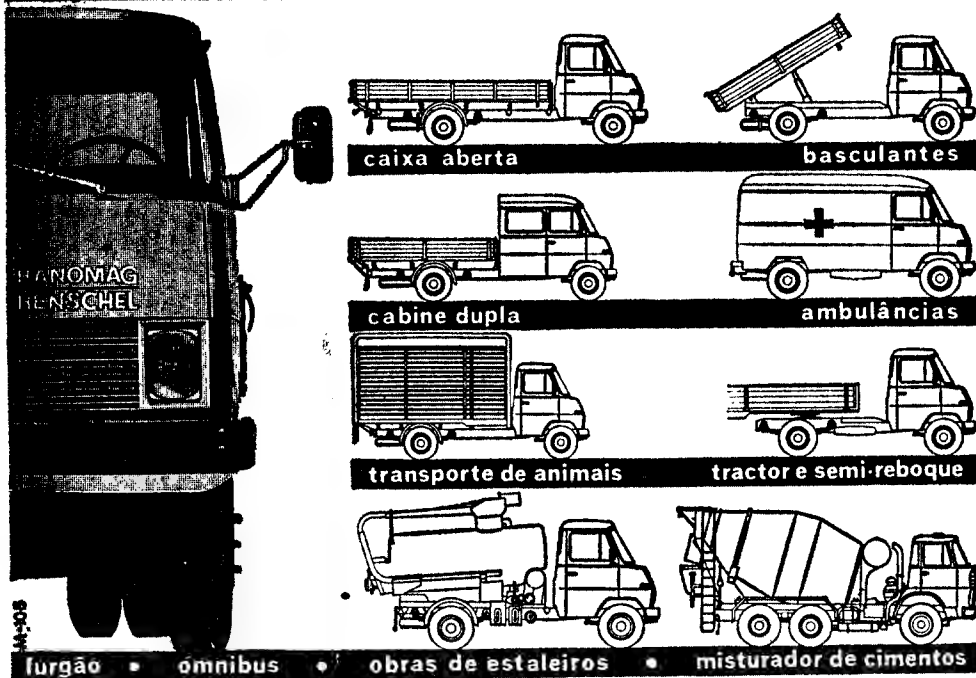
FRIGORÍFICOS
E
FOGOES

GIRA-DISCOS
AMPLIFICADORES

ASPIRADORES
ENCERADORAS
MÁQ. DE COZINHA

HANOMAG HENSCHEL

OFERECE-LHE VEÍCULOS DE CARGA DE QUALIDADE COMPROVADA!...



soluções económicas em transportes rápidos e rentáveis.

O COMPRADOR ATESTA A ROBUSTEZ, SEGURANÇA E CONFORTO. FACTOR COMUM A TODA A LINHA

**HANOMAG
HENSCHEL**

QUALIDADE E TÉCNICA EXPERIMENTADAS

REPRESENTANTES: IMPÉRIO DA BEIRA, AUTOMÓVEIS, S.A.R.L. • AV. GUERRA JUNQUEIRO, 24-C • TEL. 728081 • LISBOA-I
AGENTE NA ZONA NORTE: A. M. DA ROCHA BRITO, LDA. • RUA SÁ DA BANDEIRA, 112 • PORTO

A Ford alemã renovou a sua gama inferior e decidiu ressuscitar ao mesmo tempo o nome Taunus. Os americanos tinham tentado fazer desaparecer esta designação que consideravam demasiadamente antiquada, a fim de a substituir por números. Parece que os alemães não simpatizaram com a ideia, pelo que se voltou à antiga denominação. Quanto ao mais, a Ford de Colónia abandona não só a tracção dianteira, mas também o motor V4, que não produziram os resultados que se esperavam. Em Colónia, pôde-se meditar no facto de que, no fim de contas, era preferível realizar com cuidado uma técnica experimentada de que lançar-se em inovações mal acabadas.

Colónia criou, portanto, um novo motor quatro cilindros em linha, com uma árvore de dentes à cabeça comandada por correia dentada. Este motor é construído em três versões. A primeira é um 1294 cc com 59 ch DIN, a segunda é um 1593 cc com 72 ch DIN e a terceira um 1593 cc com 88 ch DIN (para a versão GT). Encontra-se previsto um quarto motor que será montado na caixa destes novos carros: trata-se do V6 de 2000 cc com 90 ch DIN. Como acontece sempre com a Ford existe uma enorme possibilidade de opções relativamente aos equipamentos L, XL, GT e GXL. Note-se, sobretudo, que, além dos quatro motores, há quatro carroçarias: um Sedan de duas portas, um Sedan de 4 portas, um Coupé de 2 portas e um Break de 5 portas.

STYLE LTD.

Os novos Taunus têm um aspecto mais novo. A Ford aproveitou ao máximo o fenómeno do carro americano para a Europa e, na aparência, as novas berlinhas Taunus, sobretudo o Coupé, dão uma impressão de luxo e comodidade incontestável. A Ford joga na Europa a cartada do automóvel de grandes dimensões, da grande e larga carroçaria à escala do nosso continente. Cartada que, nos Estados Unidos, já deu o que tinha a dar, como o prova o advento dos subcompactos. É evidente que uma certa clientela é seduzida por esta maneira ostensiva de apresentar um automóvel e não se pode censurar a Ford por se servir deste processo. Reconhecemos, aliás, que as linhas dos novos Taunus foram bem sucedidas com excepção do promontório deslocado na guarnição do radiador para lhes dar um ar do grande Ford LTD. Questão de gosto.

No decurso da apresentação, conduzimos em especial o 1600 GT e o 2000 Coupé. As experiências começaram numa das pistas de ensaios muito acidentadas de Lemmel, tendo-se ficado logo impressionado com os progressos alcançados na aderência a um bom revestimento. É certo que a caixa é sujeita a grande tensão, mas a velocidade nas curvas é elevada e quando se atinge o limite não se nota qualquer reacção brutal.

As correcções são facilmente efectuadas. Seguidamente, nas estradas acidentadas das Ardenas, tivemos contido de rever a nossa opinião. Neste caso, o eixo rígido é altamente incómodo e é necessário estar continuamente atento ao seu comportamento. Notam-se, com efeito, as mesmas características do Capri. Num bom revestimento, tudo se passa bem, mas nas estradas más é preciso manter-se alerta. Todavia, Capri, no aspecto do con-

forto, isola muito melhor os seus ocupantes dos choques da estrada que os novos Taunus. Neste, os passageiros e o condutor são submetidos a rude prova e mesmo os melhores assentos da gama (equipamento GXL) apenas parcialmente resolveu o problema das trepidações da suspensão. Está, em todo o caso, longe do conforto proporcionado pelas suspensões francesas que servem actualmente de exemplo nesta matéria.

Um aspecto muito positivo dos novos Taunus são os travões. Trata-se de um sistema misto de discos à frente, tambores atrás assistidos. É impossível encontrar-lhes um defeito, tanto sob o ponto de vista da resistência como sob o da potência. Além disso, a sua aplicação revela-se sempre muito razoável.

A direcção é uma cremalheira que proporciona resultados válidos. A desmultiplicação não é exagerada e oferece ao mesmo tempo uma certa leveza que a torna agradável de manejar. A precisão é conveniente mas, em certos casos, tem-se uma pequena impressão de imprecisão. O diâmetro da «braquage» (9,6 metros) é muito válido para um carro destas dimensões.

MORDANT

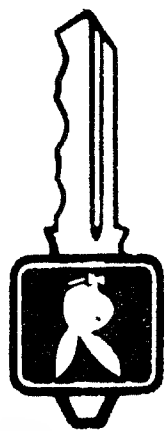
E o grupo propulsor? Para a primeira centena de quilómetros, dispunhamos do V6 2000 cc. O automóvel revelou-se, então, francamente muito agradável quanto a mudanças e aceleração. Ao volante, experimentava-se uma comodidade indiscutível e é possível atingir-se os 160 km/hora. Não é necessário mudar de velocidades pois, cada dificuldade, o motor lança-se de novo com muito boa vontade. Mas isso para nós não constitui novidade, pois há muito que somos admiradores do motor V6 da Ford alemã.

O quatro cilindros com árvore de dentes à cabeça versão GT desenvolve quase tantos cavalos como o V6 dois litros mas não oferece a mesma flexibilidade e manifesta-se mais no aspecto sonoro. O carro responde facilmente e tem-se prazer em trabalhar com a caixa, a qual, em ambos os modelos, se revelou muito bem sincronizada a agradável de manejar.

O aspecto interior varia, evidentemente, segundo o equipamento escolhido, mas o estilo euro-americano faz-se sentir em todos os casos. Está previsto para agradar à primeira vista, mas longe de possuir classe. Quanto aos acabamentos, não nos convenceu, apesar da desculpa da pré-série. Assim, no nosso automóvel, o ponto de fixação do cinto de segurança desprendeu-se, enquanto que o puxador de abertura da porta ficou na nossa mão. Neste ponto, temos interesse em experimentar em breve uma versão definitiva.

Os novos Taunus apresentam-se como euroamericanos típicos. A Ford levou a fórmula ainda um pouco mais longe, o que foi bem sucedido sob certos aspectos, mas não noutros. Para os que gostam de surpreender os vizinhos, aviação um automóvel pelas suas dimensões e não são exigentes quanto ao conforto e acabamentos, os novos Taunus foram desenhados para eles. Além disso, é preciso não esquecer que eles possuem um bom motor, uma boa caixa e bons travões.

PHILIPPE TOUSSAINT



PLAYBOY

— O MITO FÁCIL



«Cinco dólares por um império...» eis o título literário de uma tese de doutoramento em sociologia, que Jacques Mousseau defendeu brilhantemente. Analisando o fenómeno Playboy, cujo modesto primórdio no Outono de 1952, foi o aparecimento de um mensuário, que conta actualmente com 2 milhões de leitores e inspirou os fa-

da coelhinha e da naná. O símbolo desta era é expresso pelas «bunnies» que decoram os clubes Playboy, símbolo em que se desforra toda uma geração frustrada de americanos endinheirados, entre os 20 e os 35 anos, filhos, de uma América entulhada de tabus, puritana, hipócrita, alimentada no ódio e medo visceral da sexuali-

dade, derrubando os tabus e modificando as leis.

ESTRATÉGIA AMBIGUIDADE

Em suma, e citando Jacques Mousseau, era necessário que o mundo negro do sexo se tornasse cor-de-rosa. O que não é fácil, apesar das ilusões ingénuas do eu-

No fim da guerra da Coreia, os Estados Unidos entraram na fase de consumo a larga escala, como meio de defesa contra um retrocesso ameaçador. Assistiu-se assim a uma transformação rotativa do esquema delineado por Marcuse: «Com efeito reparamos que a civilização moderna perdeu as formas intocáveis de interdição vis-à-vis de Eros. Ela não se estrutura mais pela repressão. Pelo contrário, tudo leva a crer que o Eros será chamado a estruturar e a ditar a civilização».

Numa ânsia de libertação dos preconceitos recalçados, surge nas colunas de magazine, o desabafo de uma jovem América que faz corar as velhas senhoras dedicadas aos «correios sentimentais».

Sem procurar sobrestimar a influência de Playboy, a verdade é que se nota um recuo nos horizontes preconceituosos das igrejas reformistas, que isolando-se da herança hipócrita que atribuem à influência cristã, aceitam benévola as intenções de Hefner ao salvaguardar, tacticamente, o Deus calvinista da esfera da sociedade da abundância.

Tornado instituição de sucesso prodigioso, só possível na sociedade americana, criticando o facto (verdadeiro) de uma América sexualmente doente e desactualizada, até que ponto, no entanto, põe em causa o terreno em que se move? A terapêutica de habituação sexual nunca foi remédio revitalizador, a ambiguidade nunca destruiu tabus nem abalou sistemas. Num momento em que a mulher hasteia a bandeira da emancipação, «elevá-la» ao nível de atracção, é talvez libertá-la da imagem de virago virtuosa, mas não é reconhecer-lhe, de modo nenhum, o direito da igualdade. Também com a inserção, nas suas capas, de «bunnies» negras, Playboy não arrisca qualquer comprometimento no movimento racial.

Ambíguo, prudente, fruto de uma época que tenta modificar numa reacção, que em última análise, não contesta coisa nenhuma nem provoca grandes oscilações, Playboy coloca a felicidade, o patentear das frustrações recalçadas ao alcance do dólar. Numa palavra, Playboy ou a liberdade sexual e o prazer de viver ao alcance dos detentores do poder de compra, ou ainda a felicidade sexual como bem de consumo na sociedade da abundância...

(adaptado de um ensaio de Claude-Michel Cheny)



Elas são de todo o Mundo: Londres, Paris, Las Vegas, Estocolmo, Roma, etc. São as «Sunnies». Também pertencem ao Mundo, com as suas pernas altas e orelhinhas felpudas...

mosos clubes Playboy, com cerca de 600 mil membros, Jacques Mousseau conclui que «Playboy se apresentou como o evangelho do prazer e como o evangelho do amor na sociedade da abundância». Efectivamente, Playboy cujas vendas atingiram, logo no primeiro ano 300 mil exemplares, abriu, com o seu advento, a era americana

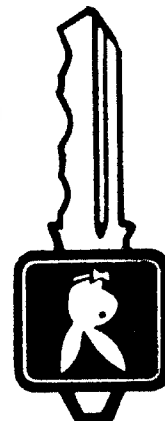
dade. Em combate frontal com a caducidade das leis americanas, que pretendem regulamentar a vida privada do indivíduo, Playboy, sob uma aparência licenciosa, defende firmemente a liberdade sexual. Hugh M. Hefner, fundador da revista e senhor do império Playboy avaliado em cerca de 100 milhões de dólares, tenta abalar a socie-

ropeu, que ainda crê que os Estados Unidos são um país sem preconceitos, em que o indivíduo é livre.

Segundo a óptica de Hefner, Playboy inserindo-se na linha de liberalização económica e do consumo, encaminhava-se para o que Vance Packard designou por Era da dissipação.



Hugh Hefner, o multimilionário que fez do Playboy um mito. Fácil?



This is your key to all Playboy Clubs*

ATLANTA 525-4626	DENVER 292-1300	LONDON MAYFAIR 0666	NEW YORK PLAYBOY 2-30
BALTIMORE VE 7-1111	DETROIT WO 2-0081	LOS ANGELES 657-5056	PHOENIX 264-4314
BOSTON 536-7900	JAMAICA ORCA 0988 222	MIAMI PLAYBOY 1-7543	SAN FRANCISCO 454-7356
CHICAGO WH 4-3010	KANSAS CITY HA 1-6080	MONTREAL 268-5161	ST. LOUIS OL 2-777X
CINCINNATI 241-6580	LAKE GENEVA 748-8811	NEW ORLEANS 528-2001	

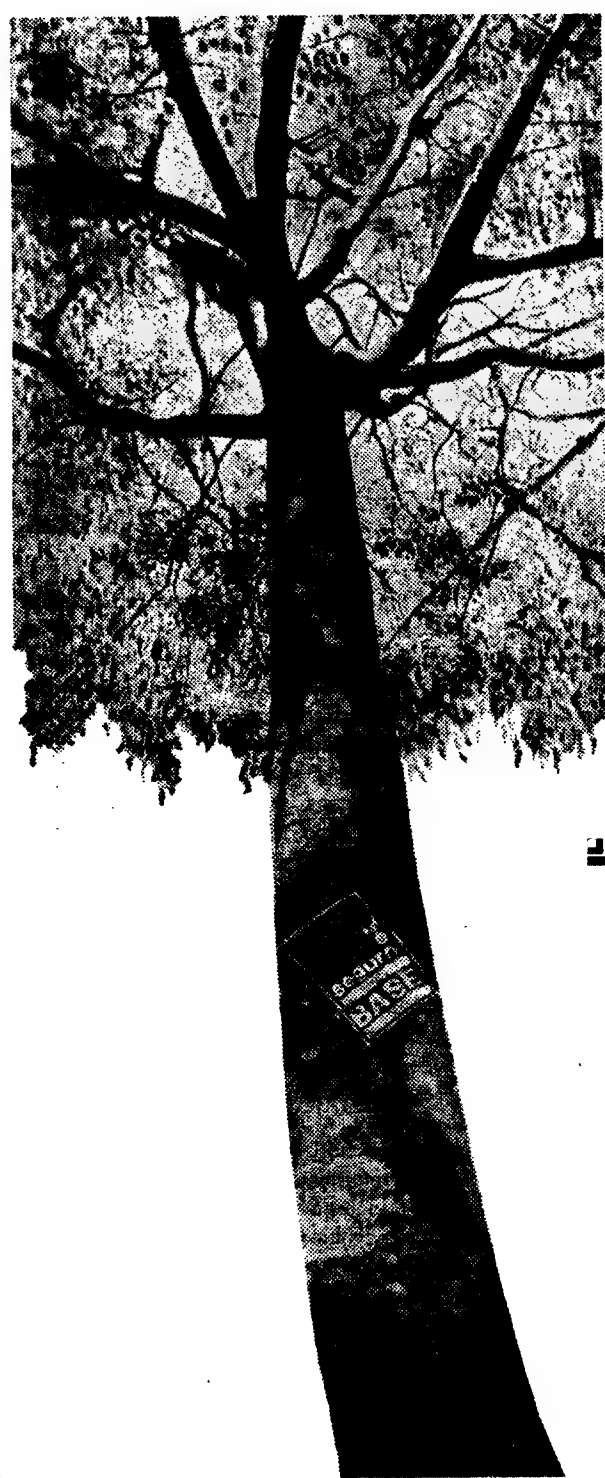
*In Massachusetts, a Playboy of Boston

Report loss of this Key-Card in writing to Playboy Clubs International
Playboy Building 99 North Michigan Avenue Chicago, IL 60611

The Playboy Club Rabbit Head and Key symbols are registered trademarks of Playboy Clubs, Inc. U.S.A.

The Playboy Club

UK 49996
A A D



CRESCER, CRESCER CONSIGO

Dia a dia, a árvore da vida não pára de crescer. Amanhã, as suas necessidades e posses serão maiores. Garanta-lhes um crescimento constante; não limite essa evolução a um seguro de vida estático.

**seguro
BASE**

Acompanha passo-a-passo todas as situações do seu amanhã, permitindo-lhe criar para si próprio, um PLANO DE PREVIDÊNCIA individual.

**seguro
BASE**

Representa efectivamente, uma base para o seu futuro; e além disso, poderá mudá-lo sempre que a vida mudar.

**seguro
BASE**

Permite-lhe desde já:
• proteger-se a si próprio na velhice.
• criar o capital necessário para pagamento de bens que compre ou de empréstimos que contraia.
• garantir a educação de seus filhos.
• garantir a estabilidade económica dos seus familiares.

**seguro
BASE**

**Na base do seu futuro
UM NOVO SEGURO DE VIDA DE
A MUNDIAL**

QUO VADIS ROMA?

BRUXELAS



«Cristão, quem és tu? Em quem e em quê acreditas? Qual é a essência da mensagem evangélica? Qual é o teu credo?» Eis algumas perguntas que a teologia não pode iludir, perguntas cada vez mais embaraçosas à medida que se cava o fosso intelectual e psicológico entre o revestimento tradicional da fé e o homem do nosso tempo.

Para obter respostas a estas e outras questões se reuniu o «Congresso Internacional de Teologia», em Bruxelas, sob o signo «A Teologia morreu. Viva a Teologia!». Na presidência, o padre Schillebeeckx. Duzentos participantes no Concílio. Centenas de jornalistas. Mais de setecentos observadores vindos de todas as partes do mundo, ávidos de assistir ao debate sobre o futuro da Igreja. Ao lado disto, uma organização deficientíssima, a provocar o descontentamento de observadores e jornalistas. No final, uma auto crítica rigorosa, pedidos de desculpa, esclarecimentos.

Uma certeza: a teologia puramente especulativa nada tem a dizer ao homem contemporâneo. No entanto, todos sabem que uma religião privada de pensadores corre o risco de mergulhar no arbitrário, na escuridão, no pseudomisticismo, na superstição. A renovação do Vaticano II só foi possível graças à contribuição de uma falange de teólogos. Se não deu mais frutos foi, numa certa medida, porque a hierarquia, amedrontada pela amplitude das reformas, tem a tendência para se enclausurar em posições da retaguarda que não satisfazem nem conservadores nem progressistas. Para estes, o medo é mau conselheiro e a salvação só pode vir na audácia e na imaginação.

LIBERDADE PARA A TEOLOGIA

A Teologia precisa de liberdade para desenvolver a «sua função essencial de crítica à Igreja e à Sociedade». afirmou o Padre Schillebeeckx: «É próprio da Teologia perturbar a falsa quietude do «establishment». Para isso, é indispensável que a teologia se «desclericalize». Com efeito, se uma das razões pelas quais os laicos se desinteressam da vida e das estruturas da Igreja provém do facto de que nunca participaram no seu governo (como notou Antoine Van Den Bogaard, presidente da fundação Concilio) não é menos verdadeiro que, como disse o padre Jossua, dominicano francês do Saulchoir, «diante das tarefas teológicas do nosso tempo os «clerics» como tais são infecundos, o que não causa admiração porque, numa larga medida, cada qual tem a teologia de que precisa.» «Eis porque o orador desejou que uma oportunidade de maturidade teológica autêntica seja dada aos laicos portadores de riquezas que lhes são próprias.»

Walter Kasper, teólogo alemão, afirmou que «a fé, perdido o contacto com a realidade, chegou a uma situação extremamente precária.» O Padre Schillebeeckx: «A fé não pode compreender-se sem passar, ela própria, pela psicologia e pela sociologia. Estas ciências representam um papel insubstituível na formulação da fé. A Teologia não pode ignorar, por exemplo, as interpretações legítimas da psicanálise ou a teoria crítica da sociedade». E o padre Chenu: «Não há teologia sem antropologia».

A IGREJA AMANHÃ

O Congresso debucou-se largamente sobre o tema «A Presença da Igreja na Sociedade de amanhã». A exposição principal coube ao padre João Baptista Metz, da Alemanha, membro do Comité da

Direcção de Concilio. Falaram ainda Antoine Vergote, psicólogo e sociólogo belga, e Gregory Baum, teólogo e ecumenista do Canadá.

Para o Padre Baum «a maneira de apresentar o Evangelho é muitas vezes uma subtil defesa do sistema eclesiástico, do poder pessoal e dos privilégios sociais. A tarefa da Igreja não consiste somente em descobrir a forma que o demoníaco, actualmente, pode tomar, mas, também em detectar na cultura e na sociedade as obras maravilhosas do Espírito. A Igreja tem necessidade de dialogar com a cultura ambiente para formular o seu testemunho de fidelidade a Jesus Cristo».

NOVAS ABERTURAS

A nota mais audaciosa do Concilio foi, sem dúvida a tomada de posição relativa à sexualidade. Para o Padre Vergote «a moral cristã afasta da Igreja inúmeros homens que estariam aptos a tornarem-se cristãos e o desejariam. Duvidamos ter mais confiança no poder do bem que comande a humanidade em pesquisa e não nos apresentarmos como os detentores sectários de um saber ético antecipadamente garantido.

O Congresso de Bruxelas formula a convicção de que os orantes de 1970 serão sensíveis às palavras do Padre Raymond E. Brown (Estados Unidos) que declarou: «o cristianismo não é monolítico; o pluralismo é um valor que não devemos desprezar. Na nossa época, damos-nos conta de que as fórmulas do credo têm os seus limites. O credo não é verdadeiramente a mensagem fundamental: ele reflecte somente as formas tomadas pela mensagem em função dos perigos e dos problemas do passado».

E o Padre Karl Rahner (da Alemanha): «Acabe-se com a repetição monótona das fórmulas antigas, porque esta monotonia provaria que se não leva em linha de conta esta verdade histórica: o auditor transforma-se. A mensagem deve tomar em consideração a situação concreta do seu auditor. Não se pode ensinar o catecismo da mesma maneira ao chinês, ao congolês, ao islandês, ao esquimó, ao camponês dos Andes e ao operário citadino. Se todos os missionários de outrora tivessem compreendido isso melhor, a evangelização da Ásia, por exemplo, não teria tão massivamente fracassado.»

MONOLITISMO, NÃO

É ainda cedo para avaliar, em toda a sua extensão os, efeitos do Congresso Internacional de Teologia, organizado no âmbito do pluralismo, ou seja, no sentimento de que a realidade, sendo inegotável, pode ser apreendida nos seus variados aspectos por pensadores diferentes cujas conclusões ficam sujeitas à prova do real que se encarregará de eliminar o que é falso. Os congressistas do Concilio não tiveram a ambição de dar uma formulação extensiva da mensagem cristã, o que representa uma tarefa colossal. Limitaram-se a pôr algumas questões para meditação dos auditores do nosso tempo. Através das intervenções apresentadas ficámos com uma ideia nítida dos esforços empreendidos por aqueles que, no seio da Igreja, empregam toda a lucidez para a transformar numa Igreja do nosso tempo, em observância da Mensagem: manter a esperança e o amor, trabalhar pela humanização da sociedade, pela supressão do sofrimento e da opressão dos indivíduos.

MASHA MLADOVA

Por: JOSÉ RODRIGUES MIGUEIS

Em virtude de deficiências técnicas terem tornado ilegível a crónica «Masha Mladova», inserida no primeiro número deste suplemento, voltamos hoje a publicar — a pedido de muitos leitores — aquela correspondência de Nova York, do nosso estimado colaborador José Rodrigues Migueis. Ao autor, bem como aos leitores, as nossas desculpas.

Masha Mladova, rapazes, só vendo: judia (russa) mesmo boa. Vinte, vinte e um anos; sobre o alto, flexível, delgada de cintura e artelhos, e tudo o que se chama curva bem no seu lugar. Bonita, bonita que se diga não era: havia mesmo quem a achasse feia. Que isto de beleza!... Um pouco sardenta, sim, como é frequente na raça. Era a expressão que a tornava irresistível: um fogo nos olhos pardos, cor de avelã meia verde. Não que fossem grandes, rasgados ou pestanudos: quando ela se exaltava ou zangava, o que era frequente, tornavam-se esféricos, salientes, comiam-lhe o rosto com um fulgor interno, de brasas. (Talvez um toque de hipertiroidismo!) A boca sobre o grosso, vermelha sem pintura, desdenhosa mas secretamente sensual, que ela mordida às vezes até sangrar, custava a gente deslizar-lhe. Um toque de buço. O cabelo, uma juba densa, negra e luzente, sacudida ao vento ou na discussão, sobretudo quando ela tinha dificuldade em achar as palavras numa língua estrangeira, e se enfurecia mais, e corava, arrebatada!

Era a andar que ela fascinava: «arrentava», camilianamente falando. Um andar de cobra em pé, se tal fosse possível, parecia ela que pousava um pé adiante do outro, e o seu corpo todo ondeava, coleava, parecia levantar voo a cada instante!... Era música, era dança, era um repto e uma promessa. Irradiava mistério e sensualidade. E então duma pureza intrínseca e feroz. Esther ou Judith inabordable, Vestal com algo de Amazona e de Terpsicore... E tesa! Não se lhe podia dizer uma galanteria que ela não corasse de raiva. Um dia atrevi-me a elogiar-lhe discretamente os gastrocnémios, e se não me desguio a tempo, ela ferrava-me um estalo! Ainda fiquei a gostar mais dela: bravia, o meu género. O pudor é o mais provocador de todos os coquetismos!

Ouvia-a falar num meeting, sem entender patavina — em yiddish! Para mais, a voz um pouco velada, sacudida, com pausas entre os jactos de eloquência áspera. Mediocre oradora. Mas o suéter vermelho-fogo, quente e felpudo, cingia-lhe o busto como uma cota de malha fina, incendiando-a mais: Bellona enfurecida! Com as mãos compridas e delgadas, de dedos fuselados, mal cuidadas, arredava num gesto irritado a trunfa teimosa, sempre a cair-lhe para a testa, a fogueira dos olhos. Vi nela a própria matéria de que faz a eternidade e pureza do Povo Eleito. Fezonda à vista desarmada, bíblica, abraônica, capaz de concretizar a promessa do Senhor: «Veni foras, suscipe caelum, numenta stellas si potes: sic erit semen tuum!» (Até me arripito todo...)

Tal era a Masha, pena tenho eu de a não poder pintar melhor. Admira-se agora de que os homens andassem atrás dela como moscas? Mas tinham-lhe medo... «Com mulheres assim», disse eu uma noite ao Simão-Cracoviano, por cima da espuma das cervejas, nunca se vos acaba a raça. Que abismo, que vórtice! Abençoada ela seja! E invejei o judeuzinho ruivo, pequeno, ortodoxo e subtil, que algum dia lhe havia de provar as primícias selvagens.

Era no inverno, e ela andava de botas altas, envernizadas, apertadas nos canos,

que lhe davam às pernas um relevo alucinante. Apertava-nos desdenhosamente as pontas dos dedos, nunca mais do que isso, não se lhe fosse pegar a nossa gentilidade. Via-se logo que não apreciava os goyim! (Acha talvez que isto não tem importância? As Sagradas Escrituras têm pano para mangas...) Estudava Química Industrial: reprovada várias vezes, encolhia os ombros. As amigas já me tinham dito que ela era uma pianista de talento, e eu, mesmo dando um certo desconto, acreditei. Tinha estudado piano com uma professora vienense, judia búlgara (gente complicada!) ex-aluna do grande Leschetzky, que foi mestre de Paderewski, já pode imaginar. Diziam elas que foi ele quem revolucionou a técnica pianística dos Russos. Eu já tinha notado que os Vronsky, por exemplo, tocavam (a dois pianos) com os dedos alongados, aparentemente flácidos, como se acariciassem o teclado e arrancassem os fortes e os pianíssimos por magia ou sugestão... Todo o esforço no pulso, e o som resulta líquido e homogénico. Assim tocava a Masha! Fiquei varado: que diabo fazia ela aqui, na Química! Devia estar na Salle Pleyel, no Palais des Beaux Arts, ou no Carnegie Hall! As suas mãos corriam o teclado como duas asas. Pede-lhe Chopin, um Nocturno, uma Sonata de Beethoven, e ela tocou tudo: olhava-me de lado, irónica e desdenhosa. No fim, Bela Bartok. Tudo de cor, maravilhosamente, sem um erro — até onde eu posso avaliar! Tinha a capacidade de se integrar na obra, de se lhe abandonar por completo, um médium. Quando a cabeça lhe descaía para o piano, o cabelo em cascata a esconder-lhe a cara, as mãos brandamente poisadas a sustentar um acorde prolongado (usava muito o abafador), ela própria era a Música. Amá-la num momento assim teria sido como ter nos braços um ser incorpóreo, imaterial, uma chama, o som, a vibração da luz! O meu desejo dela tornou-se tão imperioso, que tive de fazer força para não gritar ou chorar de desespero ou sentimento do impossível.

Naquela manhã de chuvinha dormente e tépida encontrá-la no claustro da Escola, e indaguei a respeito da amiga com quem ela vivia: não as vira juntas por algum tempo. (Eu até chegara a suspeitar...) Estava a férias, na terra. O meu coração pulou. «Venha então almoçar comigo», supliquei. Ela aceitou. Conversámos duas horas. De noite nem dormi a pensar nela: a sua imagem fosforescia-me na insónia.

No dia seguinte fui procurá-la, falei ao meu curso, ela ao de Química Industrial. Deitámos até ao Bosque, deserto e calado debaixo da chuvinha propiciatória, de mãos dadas: A certa altura, nem a rir nem a brincar, com a boca seca, passei-lhe o braço pela cintura, ela não resistiu. Foi como se uma falsa tivesse saltado entre nós. A ocasião faz o amor, como faz o ladrão... Fomos até minha casa, ela tocou piano, e no fim... Jesus-Senhor! Fiz um pied-de-nez ao Simão-Cracoviano.

Foram duas semanas de lua-de-mel e melodia. A casa encheu-se de um aroma impregnante de feminidade, sem perfumes nem disfarces. Um dia meteu-se a ler ou reter Guerra e Paz, ou o Oblóvov, de Gontcharov, e durante quatro ou cinco dias não falou, não comeu, não amou: viveu de pão com queijo e chá, que eu lhe servia. Desgrenhada, sem banho, sem sequer lavar a cara, ninguém a podia arrancar ao divã. Tudo o que ela faz é com paixão! Talvez isto o choque: no fim levantou-se, sorriu-me com o ar trocista que lhe era peculiar, e disse:

— E então, mussiu, passou-lhe a febre? Não quer mais nada? Eu tenho de voltar para a Química Industrial. Au revoir!

Estendeu-me dois dedos moles e foi-se embora. Como se nada se tivesse passado! Ficámos amigos, eu desesperado. Mas nada havia a fazer. Palavra de honra, não acabo (nem começo) de entender estas judias russas!

Calou-se.
— E depois?
— Depois...
Olhou-me lamentoso, quase em lágrimas, e tornou:

— Era bom se fosse verdade, não era? Esta minha fantasia... Foi ao vê-la outro dia, num magazine de Israel: de uniforme de campanha, com a metralhadora a tiracolo... Engenheira-química e pianista. A Masha! — J. R. M.

A CORRUPÇÃO DA LUTA ANTI CORRUPÇÃO

Por: GEORGE MCARTHUR

SAIGÃO — O edifício, no centro de Saigão — baixo, atarracado, estilo colonial, — dificilmente faz lembrar a Scotland Yard ou o F. B. I.

Em muitas janelas falta um vidro, ou dois, e os velhos tectos mostram buracos no estuque. Nas salas das traseiras muitos dos «dossiers» cobertos de pó não foram utilizados em 20 anos. Muitos dos relatórios são escritos à mão.

Isto é o quartel-general de que os sul-vietnamitas chamam «o inspectorado» — a organização reestruturada segundo a nova Constituição de 1967 para combater a corrupção.

A atmosfera de desmazelo neste sujo e velho edifício indica claramente que a batalha se move no sentido de uma paragem. Ainda, a batalha está a ser valorizada, diz o inspector-geral Ngo Xuan Tach, um sorridente burocrata de óculos encavalitados na ponta do nariz há 40 anos.

Coincidentemente, ele está ligado ao presidente Nguyen Van Thieu pelo casamento.

Tach, que veio para o inspectorado há sete anos — quando era um simples burocrata sem poder — insistir que as suas relações com Thieu não têm nada que ver com o seu emprego.

«As minhas relações com o presidente Thieu são excelentes» diz ele sorrindo «apesar de algumas decisões suas com as quais não concordo».

Com efeito, esta é apenas uma parte das dificuldades do inspectorado. O seu trabalho pesado é tal que pouco pode ser decidido sem se olhar a muitos outros múltiplos factores.

Cada dia o inspectorado recebe cerca de 100 cartas queixando-se de prepotências governamentais das mais diversas espécies.

Isso, acentua Tach, sobe a cerca de três mil queixas mensais. Muitas destas são anónimas ou dizem respeito a assuntos significativos. Isso ainda fornece mais pistas e participações que todos os meses o inspectorado pode investigar.

«Temos 35 inspectores. São muito poucos» diz Tach «mas vamos arranjar mais 15 para o mês que vem».

Os investigadores são formados pela Faculdade de Direito, a maior parte nas casas dos 20 e dos 30. São apoiados por cerca de 200 funcionários e assistentes no quartel-general. Tudo isto, em contrapartida, é presidido pelo actual inspectorado — 18 membros dos quais seis são indicados pelo próprio Thieu, seis pelo Supremo Tribunal e seis pelo Senado.

Este corpo é empossado pela Constituição para investigar a corrupção em qualquer estrutura governamental. Contudo não tem poder executivo para reforçar as iniciativas e uma decisão semelhante passa pelo presidente.

Com efeito, Thieu exerce um poder de veto sobre decisões do inspectorado. Em particular o presidente opôs-se já a determinadas investigações sobre actividades de militares.

Apesar do inspectorado ter tido alguns êxitos ao conseguir que alguns funcionários menores ou oficiais subalternos fossem reprimidos, transferidos ou interditos, tem falhado inúmeras vezes em conseguir sentenças contra individualidades da estrutura governamental ou de altos níveis militares.

O caso mais embaraçoso foi o da promoção de coronel a brigadeiro de Nguyen Van Toan, apesar da recomendação e informações do inspectorado segundo as

quais ele devia retirar-se. Sabe-se que ele fez uma pequena fortuna usando camiões do Exército para transportar especiarias de áreas da província de Quam Nang, sob o «contrôle» do Vietcong.

Sem muito espírito de humor, Tach desmente que o caso de Toan tenha sido «sabotado» por Thieu. Ele diz que o presidente apenas pediu mais informação que está a ser agora reunida.

Tach admite, contudo, que está efectivamente a investigar as actividades dos generais desde que o inspectorado é a única organização que especificamente estuda os casos de corrupção.

Outro caso embaraçante para o inspectorado é o escândalo que rebentou num hospital militar onde um major morreu e um jovem médico acusado de o ter morto foi abatido a tiro pela polícia militar. As autoridades dizem que o médico, que tinha armado os seus doentes, provocou um motim de quatro dias, suicidando-se depois. Mas a bala que o matou entrou pela boca. Jornalistas que investigaram, encontraram escandalosas pistas de corrupção no hospital. O major morto roubava nas rações e vendia arroz. Outros estavam envolvidos no desvio de medicamentos e de géneros. Um capitão participou destes casos ao inspectorado.



Actualmente há querelas entre pessoas cultas em Saigão — dentro e fora do Governo e peritos ocidentais — acerca da extensão e importância da corrupção e sobre o que se pode fazer para a evitar. Não se discute, por unanimidade, se ela é geralmente praticada.

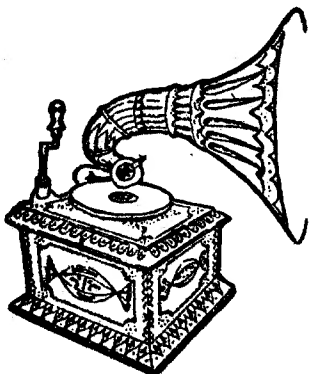
A medida que a inflação cresce, a corrupção aumenta. Funcionários subalternos e polícias bem como pessoas com salários fixos quase todos são vulneráveis. Um cego pode conseguir uma carta de condução por mil piastras (cerca de 75 escudos).

Tais coisas sempre sucederam na Ásia (e também noutros lugares). Quando o surborno não é exagerado, ele é bem recebido pelas duas partes. Pelo menos, é uma forma de fazer com que as coisas andem para a frente.

Ao alto nível, a corrupção é mais elevada, também. Principalmente por causa do influxo de dólares americanos que vêm excitar os sempre imaginativos vietnamitas.

Um pouco de «jeito» é aceite por quase toda a gente. As pessoas sabem que o dinheiro fica na comunidade. Mas não admitem que um funcionário atire o dinheiro para qualquer outro lugar.

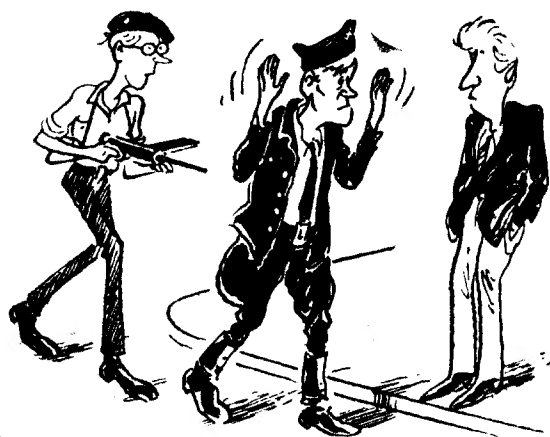
Em teoria, esse é o ponto para que alguns cidadãos irados escrevam aos inspectores e soprem o apito. Em teoria, faz-se alguma coisa. Pelo menos, o povo vietnamita é protegido da corrupção em teoria.



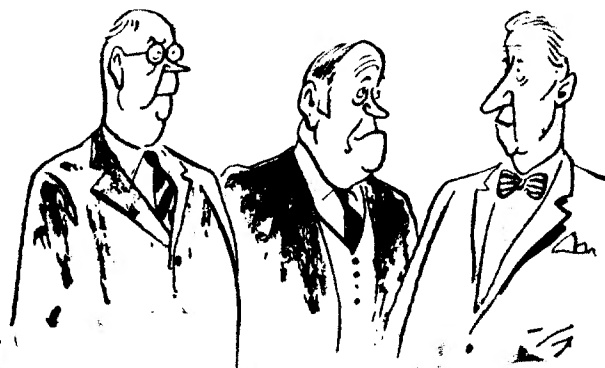


PUNCH

QUE ACONTECEU AOS COMBATENTES DA 2.^A GUERRA MUNDIAL



1945 — Três «europeus» que dificilmente se podem considerar como vivendo em harmonia...



1970 — Os mesmos três combatentes enfrentam agora lado a lado, o aumento de peso, os impostos e os problemas de estacionamento



1945 — O sargento Smith e o sargento Schmidt no decorrer da última batalha



1945 — O soldado Mitsubashi «saído» de Singapura a caminho de Tóquio



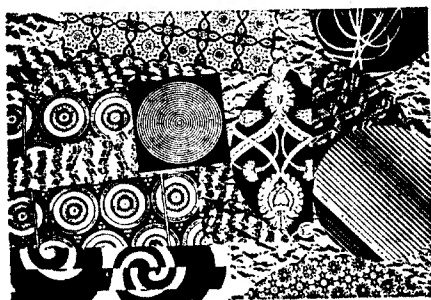
1970 — O sr. Mitsubashi saindo de Tóquio a caminho de Singapura



1945 — Kostas Chladakis à saída de Dachau

AINDA A EXPO 70 ESSE NEGÓCIO NIPÓNICO

OSAKA



Segundo os organizadores da Exposição Universal de Osaka, todos os «records» de exposições universais ou internacionais, mesmo os de Montréal, foram batidos: em seis meses o número de visitantes atingiu sessenta e quatro milhões. E, facto sem precedente nos anais das exposições, está longe de acabar em «deficit», terminou com um lucro considerável, calculado provisoriamente no equivalente a cerca de 160 milhões de francos actuais.

O pavilhão nacional mais frequentado foi o da União Soviética, pelo qual passaram mais de vinte e cinco milhões de visitantes e o dos Estados Unidos com menor número. Outro dos «records» da Exposição foi o da disciplina e paciência, de que deu provas a multidão quotidiana. Enquanto que a superfície da Exposição podia tecnicamente receber um máximo 450 mil

pessoas, registou-se, num só dia, mais de 800 mil.

A Exposição decorreu, no entanto, sem nenhum acidente nem nenhuma das peripécias temíveis preditas pelos pessimistas, tais como engarrafamentos monstros, pânico de multidões, atentados contra os altos dignatários estrangeiros ou manifestações violentas de estudantes revolucionários.

A IMAGEM DO ÊXITO

Fazendo-se o hospedeiro de setenta e sete países do Mundo, organizando a vitrina de todas as novidades do nosso tempo, levando os melhores arquitectos e artistas vindos de todo o Mundo a concorrer para a sua construção e os seus espectáculos, a Exposição mostrou ao Mundo um Japão, que se quer hoje entre o pelotão frontal das nações modernas.

Efectivamente, por muito internacional que tenha sido, a Exposição foi antes de tudo um negócio nipónico, feito para os japoneses. Enquanto que em Montréal, 48% dos visitantes foram estrangeiros, em Osaka, sendo dada a dispersão e afastamento geográfico do Japão, a proporção foi de menos de 3%. Calcula-se um milhão e setecentos mil visitantes de além-mar, dos quais a metade era americana. A multidão era quase inteiramente japonesa. Como resultado da curiosidade intensa deste povo, e também do seu gregarismo, que

faz com que se o vizinho lá vai, é preciso que cada um vá igualmente, todo o Japão se concentrou em Osaka. Trezentos e cinquenta mil viajantes por dia tomaram o super-express entre Tokyo e Osaka, durante todo o mês de Agosto, mantendo a linha quotidianamente cento e dez comboios em cada sentido.

Os espectadores da «Expo» vinham do arrozal, da montanha, ou de milhares de cidades de pescadores e de marinheiros. Cheiravam ainda a palha e a água do mar. Diante da décor do ano 2000, rústicos e grosseiros, sentiam-se ainda sobrecarregados pelo passado e pelas tradições, mas também, num contraste tipicamente japonês, traziam a tiracolo as invenções do mundo moderno: camaras, transistores, giradiscos e outras recordações.

Pode-se no entanto perguntar se a Exposição não terá contribuído de modo considerável, para o desenraizar deste povo, pela técnica que está em vias de desordenar o arquipélago, de demolir as suas paisagens e de anular a sua antiga civilização rural. Não terminou ela sem que a ouvissem, respondendo ao coro por vezes irritante dos louvores de autosatisfação, das críticas e reflexões carregadas de inquietação? A oposição da esquerda jogou bem, censurando-lhe ter desviado a atenção dos verdadeiros problemas políticos e sociais. E não é por acaso que a actualidade recente teve como principal assunto,

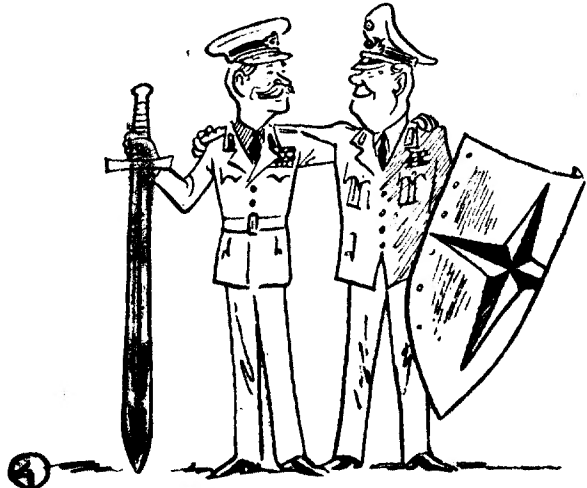
depois da Exposição, a poluição, isto é, todos os envenenamentos e males que traz consigo, esta civilização urbana e mecanizada de que a «Expo» dava o reflexo.

Não continha ela também a imagem delirante e mais contestável do capitalismo industrial japonês, no seu contraste muitas vezes chocante entre a formidável potência da técnica, do dinheiro e dos comerciantes, e de milhões de pequenos de destinos estreitos, tomados na multidão robotizada e submissa? Ouvimos num comboio, dois camponeses que diziam: «se é este o Mundo de amanhã, eu prefiro muito mais o antigo».

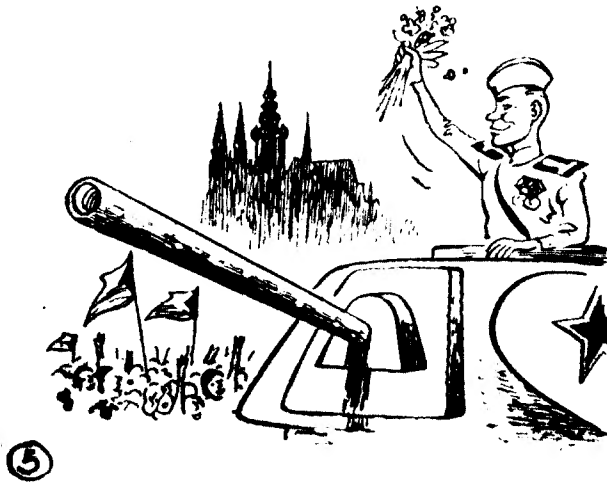
Agora, é preciso demolir tudo. Os japoneses perguntam então se a «Expo» não foi uma monstruosa inutilidade. Seria necessário lançar tantos bilhões pela janela para a publicidade de setenta nações e o prestígio do novo Japão, quando haveria tanto a fazer pelo Japão ou por qualquer outra causa com somas tão fabulosas? Uma das lições de Osaka é, sem dúvida, que a fórmula actual das exposições universais fez o seu tempo. A próxima exposição não poderá verdadeiramente ser chamada internacional, senão abolindo a concorrência dos nacionalismos e a corrida aos «records», para consagrar os seus bilhões a uma empresa de cooperação sem etiquetas nacionais.

ROBERT GUILLAIN

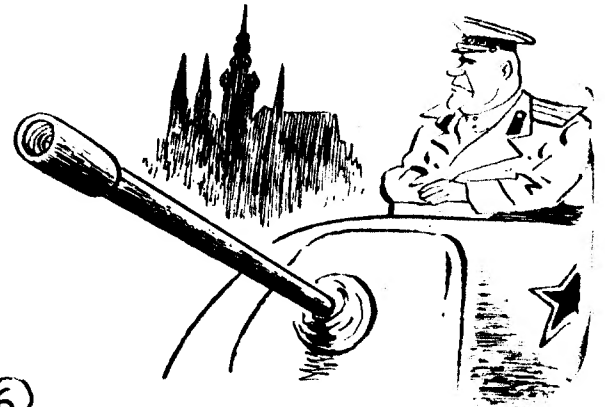
FRITZ BEHRENDT DO PUNCH COMENTA À SUA MANEIRA OS ÚLTIMOS 25 ANOS...



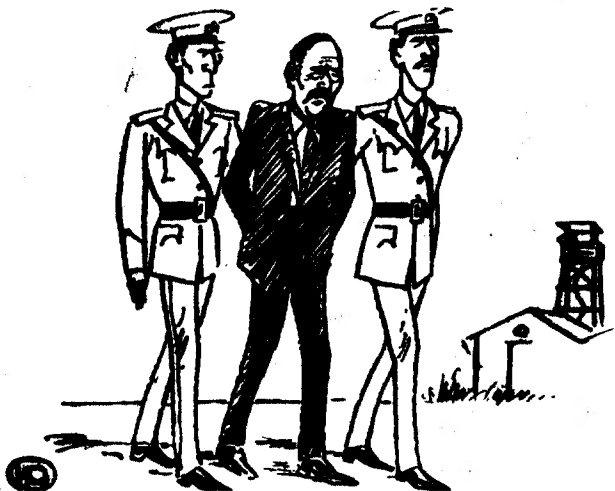
1970 — Os mesmos, lado a lado, na NATO, celebrando o novo adiamento da nova «guerra que vai pôr termo a todas as guerras»...



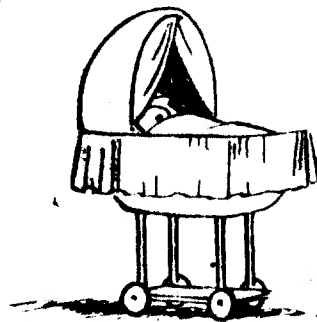
1945 — Ivan Petrov liberta os checos



1970 — Ivan Petrov relibertar os mesmos



1970 — Kostas Khladekis à entrada de Leras



Pedro nasceu em 1945 — Tudo isto, para ele, é «apenas» história antiga



Com o cartão

RAIL EUROP JUNIOR

os jovens com menos de 21 anos terão a redução de 25%.



nas suas viagens internacionais

entre PORTUGAL-BÉLGICA-ESPANHA-FRANÇA

HOLANDA-ITÁLIA-LUXEMBURGO E SUÍÇA.

Informe-se nas estações e nas Agências de Viagens

Φ - Departamento Comercial - Publicidade

Relógio de Senhora

AUTOMÁTICO
CALENDÁRIO
INCABLOC



CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍSSA



AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8. 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFOS. 727664-727665-713057



estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento.



O JOGO DA VERDADE

Por CHIANCA DE GARCIA

HA vários anos que, de teimoso, nestas *Cartas do Brasil* insisto em convencer os portugueses de que não devem esquecer-se de que lhes cumpre defender, de todas as formas, aquilo que é, de facto, o nosso maior património: — a língua portuguesa. E não só o idioma, mas também a cultura. E defendê-la, principalmente, neste grande Brasil, onde vivo e que dia-a-dia se encaminha para, no mundo de amanhã, ter uma excepcional importância.

As repúblicas da América Latina, na sua maioria, mantêm viva não só a língua, como a cultura espanhola. Aqui mesmo, nestas colunas, tenho mencionado o facto. Portugal, porém, não criou no Brasil nada que se pareça com o hábil *Instituto de Cultura Hispânica*, que sabe maravilhosamente tecer a sua teia.

Tudo isto já disse e repeti mil vezes, eu sei, perdoem. Por teimosia, repito. Sem justas consequências, se exceptuarmos — é certos, as corajosas tentativas de Maria de Lourdes Belchior, quando aqui esteve uns breves anos. No entanto, esta semana tive a alegria de encontrar nos jornais a transcrição de um trecho da carta que o prof. Marcello Caetano dirigiu a Austregésilo de Azeite, agradecendo a sua eleição para sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. Diz o nosso Presidente do Conselho:

«Tomo-a como imperioso incentivo para fazer quanto em minhas forças caiba no sentido de incrementar cada vez mais as relações culturais entre os dois países irmãos, aos quais incumbe a missão espinhosa de cuidar de um valiosíssimo património comum — o da língua Portuguesa»

Muito bem, Sr. Presidente. Mas o interesse maior tem de ser de Portugal. A ele é que compete criar uma força divulgadora da nossa cultura que é, no fundo, a base essencial da *Língua Portuguesa*.

Ora, e isto vem a propósito, aqui têm vocês o único texto que encontrei na imprensa, e saiu na revista «VEJA», acerca da recente publicação de um romance de Fernando Namora, e de que era editada, no Brasil, a sua primeira obra:

O Trigo e o Joio — Um bom romance contemporâneo do português Fernando Namora: a luta de um pequeno proprietário e sua família para resgatar a hipoteca de suas terras, as relações de trabalho entre os ricos agricultores e seus empregados na colheita do trigo. O neo-realismo revisitado numa narrativa impressionante, com lusitanismos que os brasileiros aproximarão do ridículo.

Seria isto possível, em Portugal, com um livro, por exemplo, de Jorge Amado?

O VOO DA FANTASIA

Escrito o que fica acima, resolvi viajar. Decidi-me por Londres, que sempre foi uma das minhas tentações. Passaporte em dia. Viagem de avião cedida, generosamente, não, não foi pela TAP. Mala avia-da. Abraços no aeroporto. Poltrona confortável. Aperto o cinto. E encontro-me nas primeiras páginas do livro de Carlos Pinhão, intitulado *Londres sem Tamisa* (no Brasil é *Tâmisa*). Só depois, no ar, é que compreendi que viajara enganado. Carlos Pinhão não me ia levar a Londres. Levava-me apenas, e alegremente, para Lisboa. Não há Londres no livro. Há Lisboa. Há o espírito, a graça, a chalaça, o vocabulário, a anedota, tudo na melhor maneira alfacinha. Londres não existe. O negócio é Lisboa. O lisboeta pode estar na China, na Dinamarca, em Ceilão, no Rio de Janeiro, mas na verdade está sempre na Lisboa Amada. Tudo que os outros fazem, mas nós não fazemos, é ridículo. O lisboeta julga, mede, avalia em termos universais de Lisboa. E é nisso que o livro de Carlos Pinhão vale como uma sátira. Ou como uma história cómica em quadrinhos. De facto, ele, o autor, não está em Londres, está nos estadios assistindo a jogos de futebol. Quem ele coloca no livro é aquele lisboeta do quotidiano a quem cai como uma luva olhar desdenhosamente o que se passa no mundo dos outros. Então quando volta à Pátria, logo os caras da sua batota oferecem um lauto almoço:

— Ó pá, conta prà gente coisas dessa velha Londres...

Aí Carlos Pinhão não desilude ninguém. É infernal, desenhando a sua galeria de grotescos. Fala, conta, ri, gesticula, apresenta, e todos riem, ri Lisboa, e eu, com vocês rio também, e bato palmas, e falo, relembrando glórias esquecidas há muito. Ó, calão lisboeta!

TAXI, POR FAVOR!

Mas já que estava em Lisboa resolvi dar um pulo ao Conde Barão.

— Ao Conde Barão, porquê?

Não só, leitor, porque o Conde Barão faz parte da minha infância, mas porque desejava abraçar um amigo. E lá fui. Era rua dos meus tempos idos. Cá estou de novo. Sim, andei por aqui em jovem. Olha a velha Bica! — disse para mim, sorrindo. Ergui os olhos, nas janelas lá

— Quero. Diga-me que me ouviu dizer esta quadra:

*«Ó minha terra de outrora
Nestes meus olhos de agora:
Nem por voltar te conheço.
Nem por lembrar me pareço.»*

— Está bem, senhor.
— Não conheceu estes versos?
— Acho que não...
— Pois são do seu pai. Boa tarde, meu bem...
— Não quer deixar o seu nome?
— Não, ele adivinha.

— E vim embora sem ter entrado na sala, ali tão perto, e que eu imaginei forrada de estantes cheias de livros, e onde António da Conceição de Pinho, usando

— Estou nessa, sorriu Nixon.
— Lógico, Presidente, já que despojamos a Lua de todo o seu mistério o melhor é utilizá-la como lata do lixo dos States.

Esta anedota de humor — negríssimo, lembrou-me o desvario de um jovem pernambucano, pintor cemiterial, como ele se diz, e que há dias procurava, em Copacabana, uma sala para expor os seus trabalhos.

— Sabe, minha arte precisa de ambiente. Lúgubre, funebre, guiados apenas por velas de cera em cruz. Sou um pintor de cadáveres. Debruço-me sobre caixões, túmulos, jazigos, vala comum, procurando desvendar a decomposição gradativa dos corpos. E isso só posso mostrar num ambiente sinistro. Para que o mundo compreenda que estamos sendo escravizados pelos mortos. Para que o mundo se liberte dos mortos...

— Como?

— Fácil, fácil. Qualquer morto nos lembra o passado. O que é preciso é destruir o passado. Inventar um mundo só de vivos...

— Mas como?

— Ai é que está. Fazendo da Lua o cemitério de tudo que existiu no Mundo. O cemitério de todos os mortos. Arte, teatro, pintura, romances...

PORQUE NÃO DEIXAM A LUA EM PAZ?

Então voltei de novo os olhos para a Lua. Já não era a mesma de há pouco. Nem gorda, nem pálida, nem zanzando no espaço. Agora ia recuando, congestionada, o rosto explodindo num rubor de indignação. E julguei ver-lhe a boca desdentada, o nariz feito cebola, e os olhos chorando lágrimas de crocodilo. Mas antes de mergulhar na linha do horizonte ainda gritou para mim num linguajar do *underground* de Ipanema:

— A humanidade, pô, que tremenda chanchal! Isso ou: que curtição barata! — ambas elas sendo isto apenas: — que cambadal!

Era a Lua fazendo o jogo da verdade.

O JOGO DA VERDADE

Porque, neste jogo, muito se tem falado ultimamente. Exige-se o jogo da verdade na alta política do mundo. O jogo da verdade entre a guerra e a paz. O jogo da verdade entre a riqueza e a miséria. O jogo da verdade entre todas as raças. O jogo da verdade nas religiões...

Mas como? Onde é que a verdade se confessa? Onde se esconde? A verdade não será um eterno calcanhar de Aquiles?

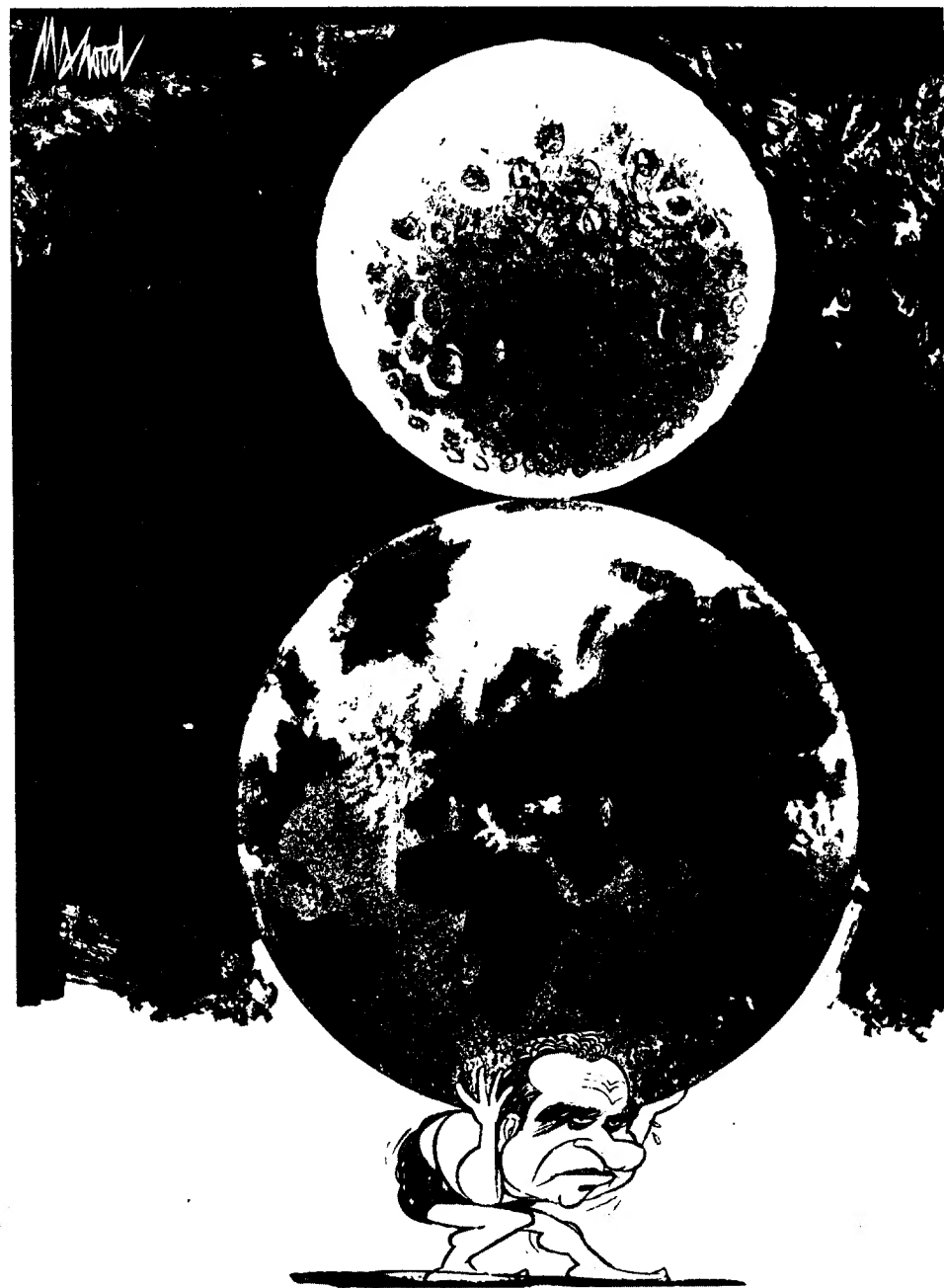
E com isto voltei os olhos para o livro intitulado *As palavras dos outros* que me era entregue pelo excelente e bravo Baptista Bastos, mosqueteiro vibrante do jornalismo lisboeta. Sim, aqui está um livro que faz, no duro, o jogo da verdade.

O jogo que consiste em pôr à mostra o ado podre do ser humano. Nisso Baptista Bastos vence como campeão, usando apenas meia dúzia de perguntas. A verdade *do give a money*, na Alfama, a mentira clara da falsa vidente, o coração iludido do Chico Burro, a eterna incerteza da cantadeira, a verdade orgulhosa dos privilegiados, a rivalidade surda entre avó e neta, no artesanato do barro, o mundo perdido deste e daquele, o amargo envelhecer dos ídolos, a verdade intocável nos sonhos da infância, enfim, um jogo que magoa, que entristece, que faz sorrir, e que mais hoje, mais amanhã, é a verdade de todos nós. Mas não posso esquecer o jogo admirável da Aventura, como no caso exemplar do traficante que vem morrer junto ao mar algarvio onde nasceu.

Set. de 70, Copacabana

LIVROS E AUTORES

Muitos outros livros queriam, á força, entrar nesta carta de hoje. Não foi possível. Ficam para outras colheitas, como dizia Mestre Eugénio de Castro. No entanto quero lamentar ter saído errado, nestas colunas, o nome do livro do poeta (de Coimbra, creio) Alberto Pimenta. Ai vai o título, certo, mas que na verdade desafia a boa vontade de todos que têm de escrevê-lo. Chama-se mesmo: O LABIRINTO DONTE.



estavam as mesmas cortininhas transparentes de então. Mas ninguém, lá de cima, espiava mais a rua. Quem morara agora aqui? E meti pelo beco. Fui andando. Dirigia-me ao Boqueirão do Duro, n.º 59. Rangeu a porta. Entrel. Tudo aquilo me pareceu como já era nas aguarelas de Alberto de Sousa. Trapei a escada. Subi quatro andares. Toquei. Veio uma garota de lindos olhos:

— É aqui que mora o André Vaga?
— Quem. Não, não é aqui...
— Espera, meu bem, eu queria falar com o Mário Bravo!...
— É engano, senhor.
— Mas eu estou procurando o António Pinho...
— Ah! António da Conceição de Pinho? Esse é o meu pai. Mas ele não está...
— Puxa!
— O senhor é brasileiro? perguntou risonha.
— Não, sou seu patrício. Mas na verdade venho do Rio de Janeiro. Ele demora?
— Ah, não sabemos. Quer deixar algum recado?

os seus vários pseudónimos, incansavelmente trabalha em obras culturais e didácticas.

A CINICA ANEDOTA

Já de volta, de noite, tendo na mão esquerda aquele copo de *whisky* que faz parte da publicidade de todas as empresas de viagens aéreas, vim, durante longo tempo, contemplando a Lua. Uma Lua gorda, zanzando no céu e que eu queria imaginar bem perto de mim. No espaço era ela, e eu. Cadê o teu prestígio, ó Lua? quis indagar como se ela me pudesse responder. Então lembrei-me de uma história que lera a bordo:

O presidente Nixon, preocupado em libertar a América do perigo de alguns milhares de bombas de gases venenosos que até hoje não tivera oportunidade de usar, resolveu, com raiva, afundá-los no oceano.

— Mas, Presidente, disse um dos seus assessores, mesmo no mar pode dar in-censura. O melhor é mandá-las jogar na Lua.